

A história de Kael

Autora: Ana Maria

Coautor e Assistente de desenvolvimento: DeepSeek AI.

CAPÍTULO 1: A ÚLTIMA GOTA

O Bairro da Cruz

O Bairro da Cruz respirava desespero como um organismo doente, suas vielas estreitas servindo de veias obstruídas por décadas de abandono. Às sete da manhã, o ar já carregava o peso úmido do dia, misturando o cheiro de esgoto aberto com o aroma doce e enjoativo de pão fresco da padaria da Dona Maria. Crianças de uniformes surrados corriam entre becos, suas mochilas balançando como pequenos fardos de esperança. Kael observava tudo da porta de sua oficina, a "TecnoFix", sentindo o pulso familiar do lugar que tanto amava e odiava.

Aos 22 anos, ele tinha os ombros ligeiramente curvados de quem passava demasiado tempo inclinado sobre circuitos e telas, mas seus olhos castanhos guardavam uma agudeza incomum. Vestia uma camiseta simples e jeans desbotado - roupas que o ajudavam a desaparecer na multidão, como sempre preferira. Suas mãos, porém, contavam outra história: dedos longos e ágeis, pontas calosas de anos manuseando ferramentas precisas, unhas curtas e impecavelmente limpas.

A TecnoFix era seu reino de três por quatro metros. Nas prateleiras, pilhas organizadas de HDs, placas de vídeo e fontes de alimentação aguardavam reparo ou canibalização. O cheiro característico de solda e limpa-contatos impregnava o ar, um perfume que Kael associava à ordem e ao controle. Enquanto

consertava um smartphone com tela rachada, seu ouvido captava a sinfonia familiar do bairro: o zunido da serraria da esquina, o vendedor de picolés anunciando seu produto com um apito cansado, o funk distante da rua principal.

Miguel

– E aí, Kael! Tô trazendo seu pastel de frango! – a voz ainda adolescente de Miguel cortou o ar pesado.

O garoto de 17 anos empurrou a bicicleta capenga até a porta, seu sorriso aberto contrastando com a farda suja do emprego. Miguel era a antítese de Kael: extrovertido, cheio de sonhos simples e uma fé inabalável de que as coisas melhorariam.

– Valeu, Miguel – Kael aceitou o pastel, notando como as mãos do garoto tremiam levemente de cansaço. – Tá tudo bem com sua mãe?

– Tá sim, obrigado por perguntar. O remédio que você indicou ajudou demais. Um dia ainda vou juntar grana pra comprar um PC com você – os olhos de Miguel brilharam com a possibilidade.

Kael sentiu uma pontada de afeto pelo garoto. Miguel representava tudo de bom que ainda restava no Bairro da Cruz - a resiliência, a capacidade de encontrar alegria nas migalhas que a vida oferecia.

A Tempestade que se Aproximava...

Foi então que o clima do bairro mudou. Subtamente no início - o cachorro do Seu Jorge parou de latir, as crianças recolheram-se para dentro de casa, o funk foi silenciado. Kael conhecia esses sinais. Ergueu os olhos e viu o que todos tinham visto primeiro:

dois carros pretos, vidros escuros, avançando lentamente pela rua principal como tubarões farejando sangue.

Não eram da polícia comum. Kael reconheceu o modelo - Chevrolet Omega, o preferido das tropas especiais. Mas algo estava errado. Não havia logotipos, nenhum identificador. E o horário - sete e meia da manhã, quando as ruas estavam cheias de trabalhadores e crianças indo para escola.

– Melhor você ir embora, Miguel – Kael disse, sua voz baixa mas urgente.

Miguel assentiu, o sorriso desaparecendo de seu rosto. Ele começou a empurrar a bicicleta, mas já era tarde demais.

O Incidente

Os carros pararam a cinquenta metros da oficina. Homens em trajes civis, mas com a postura militar, desembarcaram. Kael reconheceu imediatamente o delegado Tavares - um homem de meia-idade com olhos de gélido e um tique nervoso na mão esquerda que contradizia sua calma aparente.

O que se seguiu foi um pesadelo em câmera lenta. Os homens cercaram Miguel, suas vozes baixas mas ameaçadoras chegando até a oficina em fragmentos:

- "– Onde tá o pacote, moleque?"
- "– Não sei de nada, eu só entrego lanche!"
- Tavares observando de longe, os braços cruzados.

Kael sentiu as mãos suarem. Ele conhecia esse roteiro. Precisava apenas de uma vítima para as estatísticas, um corpo para justificar o relatório.

Quando Miguel tentou correr, o primeiro tiro soou - um estalo seco que cortou o ar como uma faca. O garoto caiu de joelhos, depois de bruços, a bicicleta tombando ao seu lado com um ruído metálico triste.

Kael congelou, suas mãos ainda segurando o smartphone que consertava. Ele viu Tavares se aproximar, olhar o corpo com desdém, e depois fazer um gesto rápido. Um dos homens colocou uma pistola velha ao lado da mão inerte de Miguel.

– Troca de tiros – Tavares disse, alto o suficiente para as testemunhas ouvirem. – Bandido morto.

A Gota Final

Os dez minutos seguintes foram os mais longos da vida de Kael. Ele observou, impotente, enquanto a mãe de Miguel chegava, seu grito de dor rasgando o tecido já esgarçado do bairro. Viu os vizinhos fecharem suas portas e janelas, o medo superando a indignação. Observou Tavares e seus homens partirem como se tivessem apenas tirado o lixo.

Mas foi o que aconteceu depois que quebrou Kael definitivamente.

Duas horas mais tarde, chegou a polícia regular - jovens recrutas com expressões assustadas, fazendo o que podiam dentro de um sistema podre. Kael, movido por uma fúria silenciosa, abordou o investigador responsável.

– Eu vi tudo – disse ele, mostrando as imagens de uma câmera de segurança que ele mesmo havia instalado. – Miguel estava desarmado. Foi execução.

O investigador, um homem cansado com olheiras profundas, olhou as imagens e depois para Kael com uma pena genuína.

– Filho – disse ele, baixinho – essas imagens vão "corromper" antes de chegar ao arquivo. O delegado Tavares... ele tem proteção. Política. É melhor você esquecer o que viu.

Naquele momento, Kael entendeu. O sistema não estava quebrado - estava funcionando perfeitamente para aqueles que deveriam destruí-lo. A justiça não era cega; apenas escolhia cuidadosamente o que queria ver.

O Nascimento de Cifra

Aquela noite, enquanto o Bairro da Cruz se recolhia em um silêncio pesado de medo e resignação, Kael trancou-se no quarto nos fundos da oficina. Seu santuário tecnológico cheirava a poeira e eletricidade estática. Nas mesas, computadores montados com peças de sucata piscavam luzes azuis e vermelhas como criaturas adormecidas.

Ele não ligou nenhum deles. Primeiro, pegou um caderno escolar comum - capa preta, sem identificação. Com sua caligrafia precisa e metódica, começou a escrever:

"Projeto Cifra - Princípios Fundamentais:

- 1. A informação é a arma mais poderosa*
- 2. O anonimato é um escudo, não uma fraqueza*
- 3. A justiça deve ser precisa como código, não emocional como vingança*
- 4. Proteger os inocentes é a única moralidade"*

Suas mãos não tremiam mais. A dor havia se transformado em algo sólido, frio e determinado dentro dele. Miguel não seria

apenas mais uma estatística. Sua morte seria o código-fonte de uma nova forma de justiça.

Quando finalmente ligou seus computadores, as luzes iluminaram seu rosto com uma palidez fantasmagórica. Seus olhos, antes carregados do peso do que testemunharam, agora brilhavam com uma centelha feroz de determinação.

O primeiro comando que digitou não era complexo - era simplesmente o início de uma jornada:

// Início: Sistema de Justiça Cifra // Objetivo:
Desmantelar corrupção policial - Delegado Tavares //
Método: Exposição pública de provas // Data:
23/08/2023

Kael respirou fundo, seus dedos pairando sobre o teclado. O jovem que consertava celulares havia morrido com Miguel. O que surgia das cinzas era algo novo, perigoso e necessário.

Cifra nascia naquela noite - não como um personagem, mas como a extensão lógica de uma dor que não podia mais ser contida.

CAPÍTULO 2: O QUARTO-LABORATÓRIO

A luz do entardecer filtrada pelas frestas da janela tapada com papelão criava padrões dourados na poeira que dançava lenta no ar pesado. O quarto de Kael cheirava a uma mistura peculiar de solda, plástico derretido, café requentado e um leve traço de umidade - o aroma característico da genialidade nascendo das ruínas.

Era um espaço de aproximadamente quatro por quatro metros, mas cada centímetro estava otimizado com precisão de engenharia. Nas prateleiras improvisadas com tijolos e tábuas, containers plásticos de sorvete abrigavam componentes eletrônicos meticulosamente organizados. Kael tinha seu próprio sistema de classificação: resistências por faixa de ohms, capacitores por tipo dielétrico, chips de memória RAM por velocidade e latência. Nada era aleatório.

Na mesa principal, uma estrutura instável feita com porta reaproveitada, seu laptop principal - um veterano de guerra com teclas desgastadas pelo uso intenso - estava conectado a três monitores de origens diversas. Um ainda carregava o logotipo de uma locadora de vídeo que faliu anos antes. As telas mostravam linhas de código que se desenrolavam como mantras digitais, enquanto a ventoinha do computador sussurrava uma ladainha constante de resfriamento.

Dois dias haviam se passado desde que enterraram Miguel. Dois dias desde que Kael assistira da janela de sua oficina enquanto a vida do garoto de dezessete anos se esvaía no asfalto quente. Dois dias desde que o delegado Tavares encenara aquela farsa grotesca de "troca de tiros" com um adolescente desarmado que apenas tentava ajudar a família entregando lanches.

Kael movia-se pelo quarto com uma economia de movimento que falava de horas incontáveis de prática. Seus olhos, vermelhos não de pranto mas de vigília prolongada, focavam com intensidade quase dolorosa nas tarefas que executava. As mãos, antes usadas apenas para consertar aparelhos alheios, agora soldavam, conectavam e programavam com propósito novo.

Ele estava construindo seu exército fantasma. Não com soldados de carne e osso, mas com roteadores - aqueles dispositivos ubíquos que ninguém notava até pararem de funcionar. Cada unidade em sua coleção tinha história e personalidade própria.

O TP-Link da padaria da Dona Marta, substituído após uma queda de energia que queimou sua fonte, agora tinha novo firmware escrito por Kael. Suas luzes LED piscavam em padrões diferentes, quase como se estivesse aprendendo a respirar de novo.

O Intelbras da loja de departamentos, descartado por ser "modelo antigo", ganhava defesas reforçadas e uma backdoor escondida que só Kael conhecia.

O D-Link abandonado pela faculdade local era sua peça mais valiosa - com capacidade de processamento superior aos outros, tornou-se o primeiro general em seu exército digital.

"Coletando almas," Kael murmurou para si mesmo, testando a conexão em mais um roteador resgatado. "Dando novo propósito ao que foi descartado."

Sua descoberta crucial veio na madrugada anterior - uma vulnerabilidade nos firmwares originais que ia além do que imaginara inicialmente. Não se tratava apenas de controle remoto, mas da capacidade de criar uma rede mesh fantasma, onde cada roteador infectado podia se comunicar com outros, formando uma teia digital quase orgânica, impossível de rastrear até uma origem única.

"É como a hidra de Lerna," ele sussurrou, soldando um cabo ethernet em um conector improvisado. "Cortam uma cabeça,

nascem outras dez. Só que minhas cabeças estão espalhadas por toda a cidade."

A ferramenta principal era uma distribuição personalizada do Kali Linux que ele modificou profundamente. Batizara de Cronos - o deus do tempo que devora seus próprios filhos. O nome soava poeticamente apropriado. Iria usar o tempo contra o sistema que criara os monstros que assolavam sua comunidade.

Enquanto compilava código, flashes involuntários invadiam sua consciência. O sorriso fácil de Miguel quando Kael consertou seu celular semanas antes. A determinação nos olhos do garoto quando falava sobre fazer faculdade - qualquer faculdade - para tirar a mãe daquela vida. A promessa de que, quando estivesse formado, pagaria a Kael todos os consertos que fizera por preço de amigo.

Cada memória era como carvão sendo jogado numa fornalha interna. Quando a dor ficava grande demais, quase sufocante, ele digitava mais rápido, seus dedos dançando sobre o teclado como se estivessem tentando escapar da própria pele.

Às 3:47 da manhã do quarto dia, ele estava pronto para o primeiro teste significativo. No monitor central, uma interface gráfica de sua própria criação mostrava um mapa digital do Bairro da Cruz. Pontos verdes começaram a acender - cada um representando um roteador sob seu controle.

Ele respirou fundo, consciente do suor em suas mãos. *Teste de comunicação básica*, ele digitou no terminal.

Os pontos verdes piscaram em sequência quase coreografada, confirmando o controle. *Teste de anonimato e roteamento*, ele tentou em seguida.

Seus comandos foram roteados através de três roteadores diferentes antes de chegar ao servidor de teste que montara. O IP de origem aparecia como sendo de uma lan house no centro da cidade, a quinze quilômetros de distância.

Um sorriso amargo - o primeiro em dias - surgiu em seu rosto. "Funcionando," ele sussurrou para o silêncio do quarto. "Está realmente funcionando."

Mas o verdadeiro teste ainda estava por vir. Ele precisava saber se poderia causar impacto real, não apenas demonstrar controle técnico.

Kael focou então no alvo mais óbvio: o sistema de comunicação dos traficantes. Ele sabera por meses que usavam smartphones com aplicativos de mensagem criptografada, mas também mantinham rádios comunicadores para operações locais - e esses rádios dependiam de repetidores clandestinos conectados via internet.

Usando os roteadores sob seu controle, ele varreu a rede em busca desses repetidores. Encontrou o primeiro escondido no sótão de uma casa abandonada na Rua das Acácias. O segundo estava em uma loja de conveniência que sempre tinha adolescentes armados na porta.

Durante horas, ele estudou os padrões, os horários de pico de comunicação, os códigos que usavam. Era como aprender um novo idioma - o idioma da violência organizada.

Quando sentiu que compreendia o suficiente, preparou seu ataque. Não seria grandioso - ainda não. Apenas um teste, um sussurro nas trevas para ver se alguém ouviria.

Às 4:32 da manhã, ele executou um simples comando que derrubou o primeiro repetidor por exatamente trinta segundos. Tempo suficiente para causar confusão, não o bastante para levantar suspeitas sérias.

No mapa em sua tela, um ponto vermelho substituiu o verde temporariamente, depois voltou ao normal. Em algum lugar do Bairro da Cruz, alguém estaria xingando a "internet piece of shit" que parou de funcionar por meio minuto.

Kael sentiu uma satisfação profunda e perigosa. Era pouco, quase insignificante, mas era um começo.

O sol começava a nascer quando Kael finalmente se afastou da mesa. Suas costas doíam, seus olhos ardiam, mas pela primeira vez desde a morte de Miguel, ele sentia algo além de desespero e raiva.

Ele abriu uma nova janela de terminal limpa. O cursor piscava ritmicamente, esperando. Seus dedos pairaram sobre o teclado por um momento antes de começar a digitar lentamente, cada letra ecoando no silêncio do quarto:

alias Cifra='echo "Justiça para Miguel - 17 anos, inocente"'

Era simbólico, ingênuo talvez. Mas naquele momento, representava tudo. Pressionou Enter.

O computador não respondeu com fanfarras ou luzes piscantes. Apenas aceitou o comando silenciosamente, como sempre fazia.

Kael levantou e esticou o corpo, ouvindo suas juntas estalarem em protesto. Caminhou até a janela e afastou um canto do papelão que tapava o vidro. Lá fora, o Bairro da Cruz começava a acordar. As primeiras luzes se acendiam nas casas, um cachorro latia ao longe, o som de um ônibus chegando à parada.

"Agora," ele disse em voz baixa, olhando para a primeira foto que tirara de todos os roteadores funcionando em conjunto, "vamos começar de verdade."

O justiceiro nascia não com um grito de guerra, mas com o sussurro quase inaudível de ventoinhas de computador e o brilho silencioso de LEDs em equipamentos que o mundo considerava lixo. Nascia da dor, da memória e da convicção fria de que, se o sistema estava podre até a raiz, talvez fosse hora de plantar algo novo nas cinzas do velho.

CAPÍTULO 3: PRIMEIRO SANGUE DIGITAL

A luz azulada do monitor era a única que iluminava o quarto de Kael nas profundas horas da madrugada. Seus olhos, vermelhos pela fadiga, permaneciam fixos nas linhas de código que

dançavam na tela como soldados se preparando para a batalha. O incidente com Miguel havia se transformado de uma ferida aberta em um combustível frio e constante. A dor deu lugar à ação. Metódica. Calculista. Impiedosa.

Seu quarto, outrora um santuário de peças de computador e livros de programação empilhados, havia se transformado em um centro de comando improvisado. Cabos serpenteavam pelo chão, conectando roteadores modificados, switches de rede e o coração da operação: seu laptop principal, um veterano de mil batalhas digitais, agora reforçado com ferramentas que ele mesmo codificara.

Era hora de Cifra deixar de ser uma ideia e se tornar uma realidade. O plano era simples em sua essência, mas complexo em sua execução: atingir os traficantes onde mais doía – em seu sistema de comunicação. Sem conseguir se coordenar, seriam apenas homens armados, não uma organização.

Kael começou pelo mais básico: a rede de rádios comunicadores que os traficantes usavam. Eles consideravam a tecnologia analógica mais segura, um equívoco fatal diante de um adversário que entendia que o analógico também podia ser hackeado.

Ele havia passado semanas mapeando as frequências, anotando em um caderno criptografado os horários de pico de comunicação e os códigos usados. Agora, com um software definido por rádio (SDR) – um dispositivo que ele adquirira com dinheiro de consertos – ele podia não apenas escutar, mas interferir.

A primeira investida foi um teste. Enquanto ouvia uma transmissão rotineira sobre uma entrega de "mercadoria", seus dedos voaram sobre o teclado.

*>> Iniciando injeção de pacotes na frequência
149.250 MHz

*>> Gravação de áudio base capturada
>> Modulando transmissão fantasma...

Uma voz robótica, gerada por IA e treinada com amostras das vozes dos próprios traficantes, interrompeu a comunicação: "Operação comprometida. Abortar. Repito, abortar."

O silêncio que se seguiu na frequência foi mais eloquente que qualquer confirmação. Kael sorriu, um gesto seco, sem alegria. Funcionou. O caos estava semeado.

Mas isso era apenas um abrir de portas. O verdadeiro golpe seria digital. Kael sabia que os líderes, como "Caveira", usavam aplicativos de mensagem criptografada, mas cometiam o erro clássico: confiar cegamente na tecnologia sem entender seus pontos fracos. Muitos usavam smartphones de última geração, comprados com dinheiro sujo, mas os protegiam com senhas fracas ou padrões previsíveis.

Aqui, a engenharia social se tornou sua arma. Ele criou perfis falsos em redes sociais, se passando por mulheres atraentes ou por contatos de negócios. Ele não atacava os sistemas diretamente; atacava a psicologia dos usuários.

Um a um, ele os levava a clicar em links maliciosos, disfarçados de promoções de operadoras ou de verificação de segurança. Era

um trabalho de paciência, uma pesca de arrasto onde o isca era a ganância ou a luxúria humana.

Quando o primeiro smartphone caiu, foi como abrir a porta dos fundos da organização. Kael não acessou apenas mensagens; acessou uma rede. Listas de clientes, pontos de venda, códigos de conduta, e, o mais importante, a hierarquia. "Caveira" não era um mito; era um homem chamado Rogério Silva, e sua digital estava em tudo.

A gota d'água para Kael, no entanto, foi encontrar as finanças. Em um arquivo escondido no celular de um "gerente", ele encontrou uma planilha simples, mas devastadora. Era a lista de "aviõezinhos" – os pequenos vendedores da base da pirâmide. Muitos eram menores de idade, adolescentes como Miguel, recrutados pela promessa de dinheiro fácil e poder.

A raiva, contida e fermentada desde a morte do garoto, borbulhou novamente. Mas agora ela tinha um canal. Um propósito. Ele não estava apenas se vingando; estava protegendo. Cada linha de código que escrevia era um escudo erguido para impedir que outra mãe chorasse a perda de um filho.

Ele decidiu que era hora de Cifra se anunciar. Não com palavras, mas com ações. Usando o acesso que obteve, ele orquestrou um blecaute coordenado. Em uma noite, os números de telefone de todos os líderes de quadra foram vazados em fóruns públicos online, juntamente com prints de suas conversas mais comprometedoras, mas com os nomes de clientes comuns ocultados. Ele não queria prejudicar os viciados; queria expor os traficantes.

O efeito foi imediato e caótico. Os telefones dos traficantes não paravam de tocar. De clientes bravos, de familiares, de números desconhecidos zoando. A rede de comunicação deles, outrora uma ferramenta de poder, tornou-se uma maldição.

Enquanto o bairro da Cruz fervia com o caos, Kael assistia de sua janela. Viu os homens de "Caveira" correndo de um lado para o outro, paranoicos, olhando para cada rosto desconhecido com desconfiança. O medo, outrora uma ferramenta deles, agora era voltado contra eles.

Mas o silêncio dentro de seu quarto era ensurdecedor. A euforia da vitória inicial deu lugar a um vazio frio. Ele havia cruzado uma linha. Não era mais um espectador; era um participante. Um jogador em um jogo onde as regras eram escritas com sangue e código.

Sua mão tremia levemente ao apagar os logs dos seus ataques. Cada precaução era vital. Ele sabia que a reação não demoraria. "Caveira" não era burro. Apenas arrogante. E um homem arrogante que é atingido no orgulho é o tipo mais perigoso de inimigo.

Ele abriu um novo terminal, uma janela escura para um mundo ainda mais sombrio. A dark web. Era hora de Cifra ganhar uma voz. Ele acessou um fórum clandestino, um mercado de informações e serviços ilegais. Criou um perfil novo, anônimo, protegido por camadas de criptografia.

Sua primeira mensagem foi curta, direta e enviada para a seção geral do fórum, endereçada a ninguém e a todos:

*De: Cifra

*Para: Interessados

*Assunto: Limpeza

Mensagem: O Bairro da Cruz não é mais um playground. Os que exploram os fracos serão expostos. Os que corrompem os inocentes serão desfeitos. Esta é a primeira de muitas intervenções. A justiça não virá de cima. Virá das sombras.

Ele desconectou-se, seu coração batendo forte no peito. A mensagem era um risco, um farol que podia atrair não apenas a atenção dos traficantes, mas de outros predadores digitais. Mas era necessário. Cifra precisava ser mais que um fantasma; precisava ser um símbolo. Um mito que plantasse esperança dos moradores e medo no coração de seus oponentes.

Ao fechar o laptop, o primeiro raio de sol começava a colorir o céu acima do Bairro da Cruz. Kael não sentia sono. Sentia o peso de uma nova identidade sobre seus ombros. Ele olhou para suas mãos – as mesmas que consertavam celulares e faziam compras no mercado, agora eram as mãos que haviam declarado guerra.

O técnico em informática Kael havia ido para casa na noite anterior. O homem que acordava naquela manhã era outra pessoa. Alguém mais duro. Alguém mais perigoso. Alguém que havia provado o primeiro sangue digital e descobrira que tinha sede de mais.

O conflito havia começado. E ele sabia, no fundo de sua alma, que não havia mais volta. As linhas estavam traçadas, não no asfalto das ruas, mas no código invisível que conectava o mundo. E Cifra estava do lado de cá, pronto para reescrevê-lo, linha por linha.

CAPÍTULO 4: O SAQUE FANTASMA

A paranoia havia se tornado sua companheira constante. Duas semanas se passaram desde que Cifra começara sua guerra silenciosa contra a organização de Caveira. Os primeiros ataques foram como alfinetadas—derrubar redes de comunicação, expor números de celulares de capitães do tráfico, criar pequenos caos logísticos que deixavam os homens de Caveira nervosos e descoordenados.

Mas Kael sabia que alfinetadas não matavam monstros.

Sentado em seu quarto-laboratório, a luz azulada de três monitores iluminando seu rosto cansado, ele analisava os dados que conseguira extrair de um servidor comprometido da organização. Não era o servidor principal—aquele ainda estava fora de seu alcance—mas um usado pelos "avióezinhos", os soldados rasos responsáveis pela distribuição nas ruas.

E foi ali que ele encontrou ouro.

"Cartões de crédito pré-pagos," sussurrou para o vazio, seus dedos percorrendo rapidamente as linhas de código na tela. "É assim que eles movem o dinheiro rápido."

Ele tinha em suas mãos—virtualmente—os números de mais de cinquenta cartões, datas de validade, CVVs. Dados suficientes para causar um estrago financeiro considerável. Mas havia um problema: a senha de quatro dígitos necessária para autorizar qualquer transação.

Por um momento, Kael considerou a abordagem tradicional de um *banker*—tentativas de força bruta diretas nos sistemas dos bancos. Mas ele descartou a ideia quase imediatamente. Os sistemas de prevenção de fraude bloqueariam os cartões após algumas tentativas falhas. Ele precisava de algo mais sutil, mais disperso, algo que confundisse não apenas os algoritmos de segurança, mas os próprios criminosos.

Foi então que a ideia nasceu—não como um lampejo de gênio, mas como uma solução lógica e aterrorizante.

A Botnet da Favela

Nos dias seguintes, Kael não atacou diretamente a organização. Em vez disso, dedicou-se a um projeto paralelo, um exército fantasma que marcharia sob seu comando sem nunca saber de sua existência.

Ele descobriu uma vulnerabilidade crítica em roteadores de uma marca específica, barata e popularmente usada em toda a região—incluindo no Bairro da Cruz. O firmware tinha uma backdoor ridículamente simples, uma herança de um protocolo de desenvolvimento negligente. Kael escreveu um script que explorava essa vulnerabilidade, não para causar danos, mas para recrutar.

O script se espalhava silenciosamente de roteador para roteador, como um vírus benigno. Cada dispositivo infectado se tornava um soldado em seu exército digital, pronto para receber ordens. Em uma semana, ele controlava uma rede de mais de dois mil roteadores—não os poderosos servidores zumbis de um ataque DDoS tradicional, mas uma legião descentralizada e anônima de dispositivos domésticos.

Chamou-a de "Rede Fantasma".

Enquanto montava seu exército, a vida de Kael, o técnico em informática, continuava. Consertava celulares com displays quebrados, recuperava dados de HDs corrompidos, sorria para os clientes. Era um ator em sua própria peça, interpretando o papel de um jovem comum enquanto, nos bastidores, arquitetava o maior assalto digital que o crime organizado local já vira.

Certa tarde, enquanto consertava o laptop de Dona Marta, uma senhora idosa que usava o aparelho principalmente para ver fotos dos netos, ele ouviu uma conversa na rua que confirmou que seus esforços iniciais estavam surtindo efeito.

"Dois caras do Caveira passaram aqui mais cedo," disse Seu Carlos, o padeiro, para outro morador. "Tavam putos da vida. Alguém zoou os celulares deles, não tavam conseguindo se comunicar. Acho que tão com medo de que a polícia esteja grampeando."

Kael manteve a cabeça baixa, um sorriso quase imperceptível nos lábios. Eles não suspeitavam de um único hacker. Achavam que era a polícia, ou talvez uma facção rival. A persona Cifra ainda era um fantasma, uma assombração sem rosto.

A Ferramenta Ganância

De volta ao seu quarto, na calada da noite, Kael começou a trabalhar na arma que usaria contra o coração financeiro da organização.

A "Ferramenta Ganância", como a batizou, era um software de engenharia diabólica. Ele não atacava bancos ou instituições financeiras diretamente. Em vez disso, usava a Rede Fantasma para simular tentativas de compra em centenas de sites de e-commerce menores, gateways de pagamento pouco protegidos e até sites de doação para caridade—lugares onde a verificação de fraude era mais branda.

A lógica era simples, porém brilhante: cada roteador infectado em sua botnet tentaria, simultaneamente, fazer uma microcompra de um valor ínfimo—R\$ 1,99, R\$ 3,50—usando um dos cartões dos traficantes. Cada tentativa usaria uma senha diferente.

Era como se mil pessoas, em mil locais diferentes do país, tentassem comprar um chiclete ou fazer uma pequena doação ao mesmo tempo, cada uma chutando um número diferente. Para os sistemas de segurança, parecia um pico incomum, mas não claramente um meio fraudulento. Para Kael, era uma máquina de força bruta distribuída e quase indetectável.

A Noite do Ataque

A noite do ataque chegou. O ar no Bairro da Cruz estava pesado, prometendo uma tempestade que não chegava. Kael

trancou a porta de seu quarto, colocou fones de ouvido que abafavam o mundo exterior e iniciou a sequência final.

Seus monitores ganharam vida. O da esquerda mostrava o status da Rede Fantasma—milhares de roteadores online e prontos. O do centro exibia a interface da Ferramenta Ganância, com os números dos cartões dos traficantes carregados e aguardando o comando. O da direita mostrava um fluxo contínuo de logs, um rio de dados que documentaria cada tentativa.

Ele respirou fundo. Pela primeira vez desde que começara, sentiu um frio na espinha. Não era medo de ser pego—sua rede de anonimato era múltiplas camadas de VPNs e proxies, quase impenetrável. Era o medo de falhar. De provar para si mesmo que era apenas um garoto com um computador, e não a força vingativa que esperava ser.

"Para o Miguel," sussurrou, e pressionou Enter.

O rio de dados na tela da direita tornou-se uma torrente. Linhas de texto rolavam em uma velocidade quase ilegível:

text

[IP: 201.73.XX.XX] - Site: lojaabc.com.br - Valor: R\$ 2,50

Cartão: **** * 4491 - Senha: 1234 - STATUS: NEGADO

[IP: 187.45.XX.XX] - Site: doaqui.org - Valor: R\$ 1,99

Cartão: **** * 4491 - Senha: 0807 - STATUS: NEGADO

[IP: 179.102.XX.XX] - Site: pagfacil.com.br - Valor:
R\$ 5,00

Cartão: **** * 4491 - Senha: 4581 - STATUS: NEGADO

Minuto após minuto, o padrão se repetia. NEGADO. NEGADO. NEGADO. A ansiedade começou a crescer dentro dele. E se os cartões tivessem algum tipo de proteção adicional? E se seu plano fosse falho desde o início?

Ele observou, hipnotizado, enquanto a Ferramenta Ganância trabalhava, testando metodicamente cada combinação possível. Era um trabalho de paciência, uma dança digital onde cada passo era um chute no escuro.

Então, após vinte e três minutos, algo mudou.

Uma linha diferente apareceu no log. Não dizia "NEGADO". Também não dizia "APROVADO".

[IP: 155.98.XX.XX] - Site: servtop.com.br - Valor: R\$ 3,00

Cartão: **** * 4491 - Senha: 7842 - STATUS: SALDO

INSUFICIENTE

Kael congelou, seus olhos fixos naquelas duas palavras: SALDO INSUFICIENTE.

Um sorriso lento e feroz se espalhou por seu rosto. Ele não era um especialista em transações financeiras, mas entendia perfeitamente o que aquilo significava. "Saldo Insuficiente" não era uma negativa por senha incorreta. Era uma mensagem clara: *a senha estava correta, mas o valor da compra, por menor*

que fosse, era maior que o crédito disponível naquele momento.

"Gotcha," ele sussurrou para o monitor, sua voz carregada de uma mistura de triunfo e alívio.

Ele tinha a senha: 7842.

Agora, o verdadeiro trabalho começaria.

O Saque e a Mensagem

Nos minutos seguintes, Kael agiu com velocidade e precisão cirúrgicas. Com as senhas em mãos, ele não precisava mais da botnet. Acessou diretamente aplicativos de pagamento PIX vinculados aos cartões, seu coração batendo forte enquanto digitava.

Mas aqui, ele enfrentou sua maior tentação e sua maior prova de caráter. O dinheiro estava ali, virtualmente à sua disposição. Centenas de milhares de reais, talvez milhões, acumulados através do vício e da dor de sua comunidade. Ele poderia transferir tudo para uma conta offshore, desaparecer e viver o resto da vida em luxo, longe da pobreza e da violência do Bairro da Cruz.

A imagem de Miguel, caído na rua, veio à sua mente. Seguida pela de sua própria avó, cujo sorriso era um dos poucos faróis de bondade em sua vida. Pegar o dinheiro para si mesmo o tornaria igual àqueles que ele jurou destruir. Seria a traição final de seus próprios princípios.

Não. Ele não queria a riqueza. Queria o caos. Queria a humilhação.

Seu plano era de pura sabotagem psicológica. Ele não transferiu o dinheiro para si. Em vez disso, executou uma série de ações calculadas para causar o máximo de dano e constrangimento:

1. Microdoações para Instituições de Caridade: Transferiu pequenos valores—R\$ 50, R\$ 100—para ONGs reais que combatiam a dependência química e apoiavam famílias de vítimas da violência. Era uma ironia poética que ele apreciou profundamente.
2. Mantimentos para Comunidades Carentes: Usando apps de mercado, comprou cestas básicas e itens de necessidade e programou a entrega para comunidades carentes aleatórias em outras cidades. Não só na sua, para não levantar suspeitas locais.
3. Doações Irritantes: Fez centenas de doações de R\$ 0,10 para partidos políticos opostos aos que se sabia que os traficantes financiavam, criando um ruído administrativo e jurídico absurdo para eles.
4. Assinaturas Indesejadas: Assinou os números de celulares dos capitães do tráfico para uma infinidade de serviços de spam, newsletters e até sites de encontros.

Quando terminou, o sol já começava a clarear o horizonte. A tempestade prometida havia passado ao largo, deixando para trás apenas um céu cinzento e lavado. Kael estava exausto, suas costas doíam e seus olhos ardiam de cansaço.

Ele olhou para o log final de suas ações. Um prejuízo financeiro significativo, mas não catastrófico, para a organização. O

verdadeiro dano, ele sabia, não era monetário. Era na percepção. Caveira e seus homens cordariam para descobrir que seu dinheiro—sua vida, seu poder—não era seguro. Que um fantasma havia entrado em seus cofres e usado seu próprio sangue para escrever uma mensagem de desafio na parede.

Antes de desligar os sistemas, Kael, como Cifra, acessou um fórum clandestino da dark web frequentado por membros de organizações criminosas. Postou uma mensagem simples, anônima e impossível de rastrear:

"Os recursos que sustentavam a violência no Bairro da Cruz agora alimentam suas crianças. A droga que vendiam agora compra remédio. Sua força era o dinheiro. E agora ele é nosso. A conta começou a ser cobrada.

— *Cifra.*"

Ele desligou o computador, a escuridão repentina do quarto sendo quebrada apenas pela fraca luz da manhã que entrava pelas frestas da janela. O silêncio era absoluto.

Pela primeira vez desde a morte de Miguel, Kael sentiu algo diferente da raiva ou da determinação fria. Sentiu uma centelha de esperança. Ele não era mais um espectador impotente. Era uma força. Uma variável que ninguém, nem Caveira, nem a polícia corrupta, tinha previsto.

Mas, no fundo de sua mente, uma voz sussurrava um aviso. Ele havia cutucado um vespeiro com um bastão muito grande. A reação não seria mais alfinetadas. Seria uma investida total. A guerra solitária de Cifra estava apenas começando, e as regras, ele sabia, estavam prestes a mudar para sempre.

CAPÍTULO 5: O SAQUE FANTASMA

A paranoia era um sussurro constante na nuca de Kael. Duas semanas se passaram desde seu primeiro ataque bem-sucedido contra as comunicações da facção de Caveira. O derrubamento de suas redes de rádio e a exposição de números de celulares de capitães do tráfico em fóruns públicos causaram o caos que ele esperava. Mas era um caos barulhento e superficial, como cutucar um vespeiro com uma vara curta. Os vespões zumbiam furiosos, mas o ninho permanecia intacto.

Ele precisava de algo mais profundo. Algo que atingisse o coração da serpente. O dinheiro.

Sua nova persona, "Cifra", já era um fantasma assustador nos fóruns clandestinos da dark web que monitorava. Um usuário, com o avatar de um crânio estilizado, postou: "Alguém está caçando a máfia do Bairro da Cruz. Alguém sabe quem é Cifra?" Outro respondeu: "Lenda. Ou louco. Se for real, não dura uma semana."

Kael sorriu, um gesto seco e sem humor. Eles subestimavam a fúria de um homem com nada a perder.

Sua oficina estava fechada, a placa de "FECHADO" pendurada há dias. A desculpa era uma "encomenda urgente de restauração de dados". A verdade era que ele não conseguia mais consertar os problemas pequenos de outras pessoas quando seu mundo estava desmoronando. O quarto nos fundos havia se transformado em um centro de comando espartano. As cortinas estavam permanentemente cerradas, banhando o espaço em um crepúsculo artificial, interrompido apenas pelo brilho frio de três monitores.

Em uma tela, rolavam logs de comunicação interceptada dos traficantes. Eles estavam paranoicos, mudando de códigos a cada dia, mas a arrogância era seu calcanhar de Aquiles. Eles ainda usavam aplicativos de mensagem criptografada, mas com uma falha crucial: confiavam em números de celular registrados em laranjas. Kael explorara essa brecha, invadindo os sistemas da operadora telefônica com uma vulnerabilidade que descobriu meses antes, consertando um modem.

Na segunda tela, ele montava sua arma. Não era um vírus ou um worm, mas algo mais mundano e brutal: uma botnet. Mas esta não era uma botnet comum, composta por PCs zumbis. Kael era um artista da escassez; ele trabalhava com o lixo digital do sistema.

Seu alvo eram roteadores domésticos baratos, os mesmos modelos populares e cheios de falhas que infestavam o Bairro da Cruz e o país. Ele escrevera um script engenhoso, um verme digital que se espalhava silenciosamente, explorando uma senha de administrador padrão que ninguém se dava ao trabalho de mudar. O script não fazia mal algum ao usuário comum. Apenas abria uma porta dos fundos e aguardava ordens. Em uma semana, ele tinha um exército de mais de vinte mil roteadores infectados, seus IPs espalhados como estrelas em um mapa digital do Brasil.

Mas o prêmio, a informação crucial, estava na terceira tela. Durante suas incursões nos sistemas dos traficantes, ele encontrou um tesouro: um arquivo parcialmente criptografado contendo números de cartão de crédito, datas de validade e códigos CVV. Eram os cartões dos "aviõezinhos", dos capitães e, segundo algumas anotações, dos próprios chefes que gerenciavam o fluxo de dinheiro. Eles usavam cartões pré-pagos e carteiras digitais para movimentar valores menores, uma forma ágil de pagar soldados e subornos.

Kael tinha as chaves do cofre, mas faltava o código. A senha de 4 dígitos que autorizava as transações.

Ele não podia simplesmente tentar senhas aleatórias. Os sistemas de prevenção de fraude dos cartões bloquearia após algumas tentativas erradas. Ele precisava de um método que dispersasse milhares de tentativas de forma simultânea e anônima, mimetizando o comportamento de centenas de compradores reais em todo o mundo.

Foi então que a ideia nasceu, completa e brutal em sua simplicidade. Ele a chamou de "Ferramenta Ganância".

Ela era um programa relativamente simples, mas de uma eficiência diabólica. Sua função era se conectar a centenas de sites de e-commerce menores, gateways de pagamento pouco protegidos e até sites de doação para caridade onde a verificação de fraude era mais branda.

A lógica era bela em sua maldade: a ferramenta pegaria o número de um cartão de traficante e, a partir de *cada roteador infectado em sua botnet* – cada um com um endereço IP único e diferente –, simularia uma tentativa de compra de um valor baixo, entre R\$ 1,99 e R\$ 5,00. Para cada tentativa, uma senha diferente seria testada.

"É como mil pessoas, em mil lugares do mundo, tentando comprar um chiclete ou fazer uma doação de dois reais ao mesmo tempo, cada uma chutando um número diferente," Kael sussurrou para as telas, sua voz rouca por falta de uso.

Era um ataque de força bruta, mas disperso e inteligente. O prejuízo individual para cada site seria insignificante, quase invisível no ruído das transações legítimas. Mas para o dono do cartão, seria uma enxurrada de tentativas que sobrepujaria qualquer sistema de alerta.

A noite caíra sobre o Bairro da Cruz. O som dos tiros esporádicos e do funk distante era a trilha sonora de sua guerra particular. Kael estava exausto. Seus olhos ardiam, e o sabor metálico da cafeína e da adrenalina era a única coisa que lembrava em sua boca. Ele verificou suas defesas pela décima vez. Sua conexão estava canalizada através de três servidores VPN diferentes, todos pagos com criptomoedas rastreáveis, e depois através da rede Tor. Ele era um fantasma dentro de um labirinto, gritando para o mundo de dentro de um casulo de anonimato.

Estava na hora.

Seus dedos pairaram sobre o teclado por um momento, uma hesitação final de um homem prestes a cruzar um Rubicão do qual não havia retorno. Até então, ele havia sido um perturbador. Agora, seria um ladrão. Um justiceiro que se alimenta do inimigo. Ele pressionou 'Enter'.

O monitor central ganhou vida. Uma janela de terminal preta abriu, e linhas de código começaram a rolar em uma cascata verde esmeralda. Era uma enxurrada de dados, centenas de linhas por minuto. Cada linha representava uma tentativa de compra, um soldado em seu exército fantasma atacando.

| IP: [201.73.XX.XX] - Site: [lojaabc.com.br](#) - Valor: R\$ 2,50 |
| Cartão: **** * 4491 - Senha: 1234 - STATUS: NEGADO |
| IP: [187.45.XX.XX] - Site: [doaqui.org](#) - Valor: R\$ 1,99 - |
| Cartão: **** * 4491 - Senha: 0807 - STATUS: NEGADO |
| IP: [179.102.XX.XX] - Site: [pagfacil.com.br](#) - Valor: R\$ 5,00 |
| Cartão: **** * 4491 - Senha: 4581 - STATUS: NEGADO |

A tela era hipnótica. Um rio de falhas. Kael observou, imóvel, sua respiração sincronizada com o ritmo constante das negações. Minutos se arrastaram. Ele começou a sentir um frio na espinha. E se o sistema dos cartões fosse mais inteligente? E se detectasse o

padrão e bloqueasse todos os cartões de uma vez? Sua arma seria inútil.

(Página 4)

Então, uma hora e quarenta e três minutos após o início do ataque, algo mudou.

De repente, uma linha destacou-se das demais. O status não era "NEGADO" ou "APROVADO", mas algo mais sutil, mais promissor:

| IP: [155.98.XX.XX] - Site: servtop.com.br - Valor: R\$ 3,00 - |
| Cartão: **** * 4491 - Senha: 7842 - STATUS: SALDO
INSUFICIENTE |

Kael parou de respirar.

"Saldo Insuficiente".

Ele leu a linha novamente, depois uma terceira vez. Seu cérebro, afinado pela lógica, processou a informação com velocidade brutal. "Saldo Insuficiente" não era uma negativa por senha incorreta. Significava que a senha estava CORRETA, mas o valor da compra, por menor que fosse, era maior que o crédito disponível naquele momento. Algo comum com cartões pré-pagos de traficantes, que podiam ter limites baixos intencionalmente para evitar grandes perdas.

Um sorriso se espalhou pelo seu rosto, um gesto feroz e desprovido de qualquer calor, um riso de lobo diante da presa ferida. A tensão dos últimos dias, semanas, meses, explodiu em um único e silencioso momento de triunfo.

"Gotcha," ele sussurrou para o monitor, a palavra saindo como um arranhão.

Ele tinha a senha: 7842.

Agora, a caça começava de verdade.

O triunfo inicial deu lugar a uma fria eficiência. Ele não era mais um hacker; era um cirurgião preparando seu bisturi. Com a senha em mãos, ele agiu rápido. Seu objetivo não era enriquecer. Isso o corromperia e o tornaria um alvo ainda maior, um mero ladrão como qualquer outro. Seu plano era de puro caos e justiça poética.

Ele acessou as carteiras digitais e aplicativos de pagamento PIX vinculados aos cartões que conseguira comprometer. A interface era familiar, a mesma que milhões de brasileiros usavam para comprar pão ou pagar contas. Ele estava prestes a transformá-la em um campo de batalha.

Seus dedos voaram sobre o teclado, escrevendo scripts rápidos e sujos. Ele não transferiu um único centavo para si. Em vez disso, orquestrou uma sinfonia de caos financeiro:

1. Microdoações: Ele programou uma série de microdoações de R\$ 0,10, R\$ 0,50, R\$ 1,00 para dezenas de instituições de caridade reais e sérias. Era um valor insignificante para cada uma, mas o volume era enorme. O objetivo não era ajudar as instituições, mas criar um ruído impossível de ignorar, um registro público de que o dinheiro sujo estava fluindo para o bem.
2. Mantimentos Fantasmas: Ele invadiu sistemas de supermercados online e comprou cestas básicas, programando a entrega para comunidades carentes e abrigos em cidades aleatórias, longe do Bairro da Cruz. Os nomes dos destinatários eram inventados, os endereços, de instituições. Era presente de natal vindo do inferno.
3. Sátira Política: A jogada que mais o divertiu, em seu humor negro atual. Ele fez centenas de doações de R\$ 0,10 para os

comitês de campanha de partidos políticos opositos aos que os traficantes sabidamente financiavam. Era um insulto duplo: tirar dinheiro deles e usá-lo para alimentar seus rivais, mesmo que de forma simbólica. Criava atrito, desconfiança e uma humilhação absurda.

Cada transação era um alfinetada. Juntas, eram uma punhalada. O objetivo era claro: causar prejuízo, confusão e, acima de tudo, humilhação. Era mandar uma mensagem cristalina: "Seu dinheiro não é seguro. Nada é. Sua força era o dinheiro. E agora ele é nosso."

Enquanto Kael executava sua vingança digital, do outro lado da cidade, em uma casa noturna fortificada que servia de fachada para os negócios de Caveira, o caos se instalava no mundo real.

Marcão, um dos capitães responsável pela logística de pagamentos, olhava para seu celular com incredulidade. Seu aplicativo do banco notificava uma transação após a outra.

"Doação: Instituto do Câncer Infantil - R\$ 0,50"

"Compra: Supermercado Preço Baixo - R\$ 49,90 - Entrega: Abrigo São Francisco, São Paulo"

"Doação: Partido Progressista Nacional - R\$ 0,10"

"Doação: Instituto de Proteção Animal - R\$ 1,00"

"Que porra é essa?", ele grunhiu, mostrando o celular para o colega ao lado. "Tá vendo isso?"

Em minutos, a sala estava em polvorosa. Vários homens, todos com cartões vinculados à organização, recebiam as mesmas notificações absurdas. O burburinho de vozes raivas e confusas encheu o ar. Um deles, mais esperto, tentou ligar para o banco para bloquear o cartão, mas a linha estava congestionada. Outros tantos

já estavam com o crédito esgotado, drenado por centenas de microtransações.

A notícia chegou até Caveira. O chefe, um homem de físico pesado e olhos mortos, recebeu a informação com uma calma que era mais aterrorizante que qualquer explosão de raiva. Ele estava em seu "escritório", uma sala com ar-condicionado gelado e uma única mesa grande.

"Alguém está brincando com a nossa grana," disse um de seus subordinados, suando mesmo no frio artificial.

Caveira não respondeu imediatamente. Ele pegou seu próprio celular, um modelo simples e descartável, e viu uma notificação: "Doação: Instituto de Apoio à Vítimas de Violência - R\$ 0,10".

Seus dedos, grossos e cheios de anéis de ouro, apertaram o celular com tanta força que a tela trincou. Seus olhos, pela primeira vez desde que Kael começara sua guerra, mostraram algo além de desdém: uma centelha de preocupação genuína. Perturbar a comunicação era um incômodo. Roubar seu dinheiro era uma declaração de guerra existencial.

"Para tudo," sua voz saiu baixa e rouca, cortando o burburinho como uma faca. "Para tudo agora. Esse tal de Cifra... não é mais um mosquito. É uma cobra." Ele olhou para seus homens, um a um. "Ache ele. Não me importa como. Tragam ele pra mim. Vivo. Quero falar com esse filho da puta pessoalmente."

De volta ao seu quarto, Kael observava o segundo ato de sua peça. Ele havia invadido os canais de comunicação deles novamente. A confusão era total. Os gritos, os xingamentos, a paranoia tomando conta. Eles achavam que era um ataque interno, que alguém estava tentando puxar o tapete. A desconfiança, aquela erva daninha que sempre cresce entre criminosos, começava a se espalhar.

Ele ouviu a ordem de Caveira. "Tragam ele pra mim. Vivo."

Um calafrio percorreu sua espinha, mas foi rapidamente suplantado por uma sensação de poder. Ele os tinha. Ele estava dentro de suas cabeças, dentro de seus bolsos. Ele era o pesadelo deles.

Mas o cansaço batia forte. A adrenalina do ataque bem-sucedido começava a se dissipar, deixando para trás apenas o esgotamento e o vazio. Ele desligou os monitores, um a um, mergulhando o quarto em uma escuridão quase total. A única luz vinha de uma fresta na cortina, iluminando partículas de poeira que dançavam no ar como espectros.

Ele se levantou, seu corpo reclamando de horas na mesma posição. Caminhou até a pequena pia no canto e encheu um copo com água. Suas mãos tremiam levemente. Ele olhou para seu reflexo no escuro da janela. O rosto que olhava de volta era magro, pálido, com olheiras profundas. Os olhos do garoto que consertava celulares haviam sido substituídos pelos olhos de Cifra: focados, duros e repletos de uma fúria gelada.

Ele havia conseguido. Ele havia ferido eles onde mais doía. Mas uma voz sussurrava no fundo de sua mente, uma voz que soava como a de sua avó: "*E aí, meu neto? O que você se tornou?*"

Ele afastou a voz. Não havia espaço para dúvidas agora. Ele havia aberto mão de sua humanidade no momento em que decidiu se tornar um fantasma. A justiça tinha um preço, e ele estava disposto a pagar. A humilhação que infligira a eles era um bálsamo para a humilhação que ele e todos no Bairro da Cruz sofriam diariamente.

Sua avó. Ela era seu ponto fraco, seu elo remanescente com o mundo real. Ele não a via há dias, com a desculpa de estar muito ocupado com a loja. Ela morava a apenas algumas ruas de distância, em uma casinha simples que sempre cheirava a

temperos e café fresco. Era para proteger pessoas como ela, como a mãe de Miguel, que ele fazia tudo aquilo.

Ele pegou outro celular, um "limpo" que usava apenas para contatos essenciais, e discou o número dela.

"Alô?" a voz dela, frágil mas calorosa, preencheu o silêncio do quarto.

"Oi, vó. Sou eu."

"Kael, meu filho! Sumido! Tá tudo bem? Você tá comendo direito? Sua voz tá estranha."

"Tá tudo bem, vó. Só... muito trabalho. A loja tá dando um pouco de problema no sistema." A mentira saiu fácil, mas deixou um gosto amargo em sua boca.

"Trabalho demais não é bom, meu menino. Você precisa descansar. Vem aqui amanhã, eu faço um almoço pra você. Seu favorito."

"Prometo, vó. Amanhã eu vou aí." Ele não sabia se conseguiria cumprir a promessa. O mundo que ele agora habitava era imprevisível e perigoso.

Desligou e ficou olhando para o telefone. Aquele simples ato de amor e preocupação era um universo à parte da guerra suja que ele travava nas sombras. Ele estava criando uma divisão dentro de si mesmo: Kael, o neto; e Cifra, o justiceiro. Quanto tempo até que um consumisse o outro?

Ele se deitou no colchão no chão, sem se trocar. A exaustão física era tanta que seu corpo cedeu quase imediatamente. Mas sua mente continuava acelerada, revendo as linhas de código, as transações, a voz furiosa de Caveira.

Enquanto Kael caía em um sono agitado, ondas de choque do seu ataque se espalhavam.

Em um fórum obscuro da dark web, um novo tópico foi criado: "Cifra é real. E ele acabou de dar um baile nos cofres da máfia do Bairro da Cruz. Alguém tem info?" As respostas começaram a pipocar, uma mistura de admiração, ceticismo e alertas para que ele sumisse antes que fosse tarde demais. A lenda de Cifra, o Robin Hood digital, nascia naquele momento.

Em uma sala de reuniões com cheiro de café velho, em um prédio da Polícia Civil, o delegado Tavares – o mesmo que supervisionara o assassinato de Miguel – lia um relatório confidencial. Falava de uma "perturbação incomum" nos sistemas financeiros ligados a figuras conhecidas do crime organizado. "Padrão de ataques sofisticados," dizia o texto. "Origem desconhecida." Tavares franziu a testa. Algo estava errado. Algo fora do seu controle. Ele pegou um telefone seguro e discou um número.

E, em um escritório luxuoso em outro estado, um homem de terno caro recebia uma ligação em um telefone criptografado. Era o contato de Caveira com o mundo do crime de colarinho branco.

"Temos um problema," disse a voz distorcida do outro lado da linha. "Um problema digital. Alguém está atacando nosso fluxo de caixa. Algo... diferente."

O homem de terno não pareceu surpreso. "Problemas digitais exigem soluções digitais, seu Caveira. Existem profissionais para isso. Profissionais de verdade. Caros, mas eficientes. Posso providenciar um contato."

Enquanto a cidade dormia, as peças para o próximo ato se moviam. Kael, em seu sono, sonhava com códigos que se transformavam em serpentes e com a voz de sua avó chamando seu nome de muito longe. Ele não sabia, mas ao atingir o bolso de Caveira, ele havia deixado de ser uma ameaça local. Ele havia se tornado um

alvo de importância nacional. A caçada a Cifra estava prestes a escalar para um nível que ele nem sequer poderia imaginar.

O saque fantasma foi um sucesso retumbante. Mas como um eco em uma caverna, ele trouxera à tona sombras muito maiores e mais perigosas. A vitória de Kael tinha o sabor amargo de uma condenação.

CAPÍTULO 6: CERBERUS ACORDA

O silêncio na sala de comando do Caveira era mais aterrorizante que qualquer explosão de violência. O chefe do tráfico estava parado diante de uma tela plana de 55 polegadas, instalada há menos de 24 horas em sua fortaleza. As paredes de concreto, normalmente adornadas com armamentos e pilhas de dinheiro, agora abrigava roteadores de última geração, switches de rede e um servidor rack que zumbia como um enxame de abelhas eletrônicas.

Na tela, relatórios financeiros mostravam o sangramento contínuo. O ataque de Cifra havia evoluído de um incômodo para uma hemorragia existencial.

"Quarenta e sete mil reais", Caveira disse, sua voz um sussurro áspero que carregava mais ameaça que um grito. "Em três dias. Sumiram. Das contas dos homens, dos fundos de operação, até do dinheiro da festa de aniversário da minha filha."

Seu braço direito, Marcos, suava profusamente. "Chefe, os bancos dizem que foram transações autorizadas. As senhas estavam

corretas. É como se... como se alguém estivesse lá dentro com a gente."

Caveira girou lentamente em sua cadeira de couro. Seus olhos, dois poços negros de paranoia, fixaram-se em Marcos. "Alguém está. Esse... Cifra." Ele cuspiu o nome como um veneno. "Ele não é mais um hacker. É um câncer. E câncer precisa ser cortado."

Ele deslizou um celular limpo pela mesa. "Ligue para esse número. Diga apenas 'Cerberus está autorizado'. E depois destrua este telefone."

Enquanto Marcos saía para fazer a ligação, Caveira observou as câmeras de segurança do bairro. Em algum lugar naquelas vielas, entre aquelas pessoas insignificantes, estava o homem que ousara desafiar seu império. Em algum lugar, um rato tecnológico se escondia, pensando ser invisível.

Mas Caveira estava prestes a soltar os cães. E esses cães caçavam na escuridão digital onde Cifra reinava.

Do outro lado do mundo, em uma suíte em um hotel de Cingapura com vista para Marina Bay, um smartphone criptografado vibrou suavemente sobre o criado-mudo de mármore.

O homem conhecido apenas como Zack estendeu a mão sem abrir os olhos. Seus dedos encontraram o dispositivo, leram a mensagem de um único uso, e um leve sorriso cruzou seu rosto.

"Time to work", ele murmurou para o ambiente vazio.

Em trinta minutos, os quatro membros do Cerberus estavam conectados através de um canal seguro. Suas vozes, distorcidas

por algoritmos de ofuscação vocal, ecoavam no espaço virtual que criaram.

"O contrato está autorizado", Taticus informou. "Alvo: operador solitário, codinome Cifra. Localização: Brasil, região metropolitana. Habilidade estimada: nível 7 em escala de 10. Temos carta branca."

Uma segunda voz, feminina e carregada de sotaque eslava, respondeu primeiro. "Dossiê recebido. Padrões de ataque mostram... criatividade amadora. Uso excessivo de botnets caseiras. Fraco em opsec." Era Sphinx, sua analista de inteligência.

"Amador ou não, ele está causando danos reais", uma terceira voz, mais jovem e energética, interrompeu. Ghost, seu especialista em penetração. "Os métodos são brutais, mas eficazes. Gosto dele."

"Este não é um concurso de popularidade, Ghost", Zack cortou. "Sphinx, comece a análise de padrão de tráfego. Ghost, prepare os exploits para as ferramentas que ele usa. Wraith, você fica na retaguarda, monitorando qualquer reação de agências locais."

A quarta voz, até então silenciosa, finalmente falou. Era profunda, mecânica, como se saísse de um sintetizador antigo. "O alvo é um idealista. Idealistas cometem erros. Eles se apegam a padrões morais." Wraith, o estrategista de persistência e evasão.

O Cerberus estava acordado. E a caça havia começado.

Kael sentiu a mudança no quinto dia após o "Saque Fantasma".

Ele estava em seu quarto-laboratório, monitorando os últimos resíduos de sua operação. A maioria das wallets dos traficantes havia sido esvaziada ou congelada, mas o sentimento de triunfo

começava a ser substituído por uma coceira na nuca, aquele instinto primal que avisa quando se é observado.

Seus alertas de segurança no servidor caseiro dispararam às 03:17 da manhã. Não era um ataque direto - nada tão óbvio. Era uma sonda. Alguém havia escaneado a rede de roteadores comprometidos que ele usava para a botnet. O scan foi limpo, profissional, quase invisível. Se não fosse por um algoritmo de detecção de anomalias que ele mesmo codificara, teria passado despercebido.

"Merda", ele sussurrou para as telas azuladas.

Ele imediatamente iniciou os protocolos de contra-rastreamento. A origem era um servidor proxy na Estônia, que redirecionava para outro na Coreia do Sul, depois para um na África do Sul. Uma cadeia de fantasmas. Isso não era trabalho da polícia ou de um hacker rival local. Isso era tradecraft de nível estadual.

Enquanto tentava aprofundar o rastreamento, algo estranho aconteceu. Seus próprios pacotes de contra-ataque começaram a ser redirecionados de volta para ele, mas modificados, como espelhos distorcidos. Era uma mensagem: "Nós sabemos que você sabe. E não nos importamos."

Sua boca ficou seca. Pela primeira vez desde que começou, Kael sentiu medo genuíno. Não o medo da violência física ou da prisão, mas o medo do caçador que finalmente encontra uma presa à sua altura.

Ele abriu um novo terminal e digitou um comando que havia esperado nunca usar: `initiate_lair_compromise_protocol`.

No hotel de Cingapura, Sphinx observou os dados fluírem em suas telas.

"Ele é bom", ela admitiu, uma centelha de respeito em sua voz.
"Detectou a sonda em 4.3 segundos. Contra-rastreamento iniciado em 8.7. Velocidade acima da média."

Ghost riu em seu próprio feed de áudio. "Eu disse! O garoto tem instintos. Olha essa tentativa de embedding na nossa conexão sul-africana. Amador, mas corajoso."

"Foco", Zack ordenou. "O que temos?"

"Perfil comportamental consolidado", Sphinx continuou. "Opera predominantemente entre 22h e 04h, horário local. Picos de atividade coincidem com eventos de alta tensão no bairro-alvo. Isso é pessoal para ele."

Ela puxou um gráfico de calor de atividade de rede. "Ele usa uma mistura de ferramentas padrão da indústria e código personalizado. O personalizado é... interessante. Altamente eficiente, mas com uma assinatura única. Como uma impressão digital."

Wraith falou, sua voz mecânica quebrando a análise. "A impressão digital é a vulnerabilidade. Toda arma carrega a marca do ferreiro. Encontrem o ferreiro."

Ghost cutucou. "Estou rastreando os registros de compras online de componentes eletrônicos na região. Se ele montou esse equipamento sozinho, comprou peças em algum lugar. Todo mundo deixa um rastro de migalhas."

"Tempo estimado para identificação?" Zack perguntou.

Sphinx fez alguns cálculos mentais. "Com a taxa de erro dele? Setenta e duas horas. Ele está com medo. O medo leva a erros. E estamos pressionando todos os botões certos."

Kael não conseguia dormir.

Cada som na rua - um cachorro latindo, um carro passando, até o gotejar da pia na cozinha - soava como uma ameaça. Sua mente, antes um santuário de lógica e código, agora era um campo de batalha de paranoias.

Ele revisou todos os seus sistemas. Criou novas VMs, rotacionou todas as suas chaves criptográficas, reconfigurou sua rede doméstica para isolar completamente seu tráfego de operações. Mas a sensação persistia.

No terceiro dia após o primeiro contato, ele cometeu seu primeiro erro real.

Precisando de um ponto de acesso não comprometido, ele foi a um café em um bairro vizinho. Usou um laptop limpo, uma conexão VPN nova, tudo pelo protocolo. Mas enquanto monitorava um dos nós de comunicação dos traficantes que ainda restava ativo, ele deixou uma sessão aberta por 47 segundos a mais do que o necessário.

Foi o suficiente.

Do outro lado do mundo, Ghost gritou de triunfo. "GOT HIM! Peguei o filho da puta!"

Ele havia injetado um beacon quase indetectável através da sessão aberta. Não era um malware tradicional - era um explorador de timing que usava flutuações minúsculas no relógio do processador para vazar dados. O beacon não dava controle sobre a máquina de Kael, mas pingava sua localização aproximada a cada trinta minutos.

"Localizado no setor noroeste da cidade", Sphinx anunciou, seus dedos voando sobre o teclado. "Triangulação com torres de celular confirma. Estamos a cerca de três quilômetros do alvo."

Zack não perdeu tempo. "Wraith, comece a análise de tráfego local. Cruzem dados de consumo de energia, assinaturas de Wi-Fi, tudo. Vamos encontrar nosso rato."

Kael sentiu a armadilha se fechando.

Seus sistemas mostravam atividade anômala em toda a rede. Não eram ataques, eram escutas. Como se alguém tivesse instalado microfones em cada esquina da internet que ele usava.

Ele correu para a janela do seu quarto, afastando a cortina com cuidado. A rua estava estranhamente quieta. Muito quieta. Um carro preto, sem placas, estava estacionado do outro lado da rua havia duas horas. Poderia ser nada. Provavelmente era nada.

Mas o instinto gritava.

Ele iniciou o protocolo de abandono. Começou a copiar seus dados mais críticos para drives criptografados portáteis. Enquanto os arquivos transferiam, ele destruiu fisicamente seus discos rígidos secundários com um poderoso ímã de neodímio.

Sua mente corria, calculando opções. Eles estavam perto, mas quanto? Tinham seu nome? Sua cara? Ou ainda estavam caçando o fantasma Cifra?

Foi quando sua avó bateu na porta.

"Kael, querido? Tem um homem na porta querendo ler o relógio de luz. Posso deixar ele entrar?"

O sangue congelou em suas veias. A companhia de energia não fazia leituras à noite. Nunca.

"Fala pra ele que volta amanhã, vó!", ele gritou, tentando disfarçar o pânico. "Tô... trabalhando num projeto importante."

Ele ouviu a voz dela, distante, conversando com alguém do outro lado da porta. Uma voz masculina, calma, educada. Muito educada.

Kael pegou a mochila de emergência que mantinha embaixo da cama. Laptop, drives, dinheiro vivo, passaportes falsos. Tudo que precisava para desaparecer.

Eles não estavam na porta. Eles estavam na sua porta.

"No limiar", a voz de Wraith ecoou no canal seguro. "Confiança de identificação em 94%."

Zack observou os feeds ao vivo. Eles tinham uma van de vigilância estacionada a duas quadras do endereço, alimentada por dados de um drone de baixa altitude disfarçado de pombo - uma peça cara de tecnologia que valia cada centavo.

"O menino é um rato inteligente", Ghost admitiu. "Ele sentiu nossa chegada. Está se preparando para fugir."

"Análise de padrão de energia da residência mostra picos compatíveis com destruição de mídia", Sphinx informou. "Ele está queimando os arquivos."

Tacticus considerou suas opções. Eles poderiam invadir agora, capturá-lo antes que ele pudesse escapar. Mas a violência física atraía atenção indesejada. Além disso, Caveira queria uma mensagem enviada, não apenas um corpo.

"Deixem ele correr", Zack decidiu.

Ghost protestou. "O quê? Depois de todo esse trabalho?"

"Exatamente por causa de todo esse trabalho", Zack respondeu.

"Um rato assustado corre para seu esconderijo. E quando ele corre, ele mostra onde estão todos os outros buracos."

Eles observaram pelas câmeras do drone enquanto Kael saía pela janela dos fundos, uma mochila nas costas, movendo-se com a agitação de um animal acuado. Ele pulou muros, cortou por quintais, desaparecendo na teia de vielas do Bairro da Cruz.

"Estamos gravando cada movimento", Sphinx disse. "Padrões de fuga, pontos de contato, tudo. Ele pertence a nós agora. É só uma questão de tempo."

Wraith fez sua declaração final antes de se desconectar. "O cerco não terminou. Apenas começou. Agora caçamos em seu território, em sua mente. A vitória é inevitável."

Kael correu até não conseguir mais respirar.

Ele se escondeu em um velho galpão abandonado na extremidade do bairro, seu coração batendo tão forte que doía. Suas mãos tremiam enquanto verificava seus equipamentos. Eles o tinham encontrado. Sua casa estava comprometida. Sua avó... Deus, sua avó estava naquela casa.

Ele forçou a respiração a diminuir. Pensamento lógico. Sempre o pensamento lógico.

Eles não invadiram. Por quê? Porque queriam algo. Informação? Sua rendição? Ou estavam apenas brincando com ele, como um gato com um rato?

Ele abriu seu laptop, conectando-se através de uma rede de celular pré-paga. Suas mãos congelaram sobre o teclado quando viu a mensagem que esperava por ele.

Não estava em nenhum dos seus canais normais. Estava no firmware do próprio laptop, um lugar que ele considerava sagrado. Uma única linha de texto, em branco sobre preto:

"Todo mundo é um peão em um jogo que não comprehende. - W"

W. Wraith. O estrategista.

Kael entendeu a mensagem perfeitamente. Eles não apenas o haviam encontrado - eles estavam dentro de suas ferramentas, sua mente, sua vida. Eles estavam dizendo que poderiam tê-lo matado a qualquer momento. Que sua sobrevivência era uma concessão, não uma conquista.

Pela primeira vez desde que começara, Kael duvidou de tudo. Sua causa era justa? Sim. Mas ele era apenas um peão? Um tolo se achando um herói?

Ele fechou o laptop, suas mãos ainda trêmulas. O jogo mudou. Ele não estava mais caçando traficantes. Estava sendo caçado por predadores de um nível que nem sabia existir.

Cifra já não era um justiceiro. Era uma presa.

Na fortaleza de Caveira, o chefe do tráfico recebeu a atualização.

"O rato fugiu do ninho", Zack informou através do canal criptografado. "Mas colocamos um rastreador nele. Agora sabemos todos os seus buracos. E todos os seus amigos."

Caveira sorriu, um gesto raro e ameaçador. "Bom. Quando vocês vão... recolhê-lo?"

"Paciência", Tacticus aconselhou. "A pressa é inimiga da perfeição. Deixem que ele se desgaste correndo. Que cometa mais erros. Que leve nós a quaisquer aliados que ele possa ter. Então, quando ele estiver exausto e sozinho, nós fechamos o cerco."

"Eu quero ele vivo", Caveira lembrou. "Quero falar com esse... Cifra. Quero olhar nos olhos dele antes do fim."

"Entendido. Cerberus mantém vigilância 24/7. Ele não escapa."

Enquanto a ligação terminava, Caveira olhou para as pilhas de dinheiro em sua mesa. O prejuízo financeiro do ataque de Cifra era significativo, mas suportável. O que não era suportável era o dano à sua reputação. A humilhação.

Em algum lugar lá fora, um jovem idealista pensava que estava lutando uma guerra. Caveira sabia a verdade - ele estava apenas participando de sua própria execução.

Kael pela primeira vez na defensiva, caçado, duvidando de sua missão e com a ameaça do Cerberus pairando sobre cada movimento. A caça evoluiu, e o caçador se tornou a presa.

A CAÇADA

CAPÍTULO 7: PERSECUÇÃO DIGITAL

O silêncio no quarto-esconderijo era tão absoluto que Kael conseguia ouvir o zumbido de alta frequência do transformador do seu laptop. Dois meses se passaram desde o "Saque Fantasma". Dois meses desde que ele atingiu Caveira não apenas na moral, mas no que realmente importava para um criminoso: o bolso.

Na tela, dividida em quatro painéis, ele monitorava:

- Painel superior esquerdo: Tráfego de rede da sua própria conexão, mostrando os múltiplos saltos de VPN.
- Painel superior direito: Câmeras de segurança públicas próximas ao seu prédio.
- Painel inferior esquerdo: Atividade nos fóruns da dark web onde "Cifra" era agora uma lenda.
- Painel inferior direito: Seus próprios batimentos cardíacos, monitorados por um smartwatch modificado. 84 bpm. Elevado para alguém sentado.

Algo estava errado.

Não era algo que ele pudesse provar com linhas de código ou pacotes de dados. Era uma coceira na nuca, o mesmo instinto que o fizera sobreviver no Bairro da Cruz quando menino. Os traficantes locais estavam mais nervosos, os aviõezinhos sumindo das esquinas como baratas quando a luz se acende. Caveira estava limpando a casa.

Fórum "Sombras Digitais" - Acesso via Tor

Usuário: Cifra

Tópico: Operação Saque Fantasma - Fase 2?

Anônimo887: Alguém mais ouviu? Os cartéis tão putos.

Contrataram gente de fora.

Cifra: Detalhes.

Anônimo887: Grupo mercenário digital. Dizem que são pesados.

Cerberus.

Cifra: Conhecidos. Obrigado pela informação.

SysOp: Cifra, cuidado. Esses caras não brincam em serviço. É tipo comparar um estilingue com um míssil teleguiado.

Kael fechou o fórum. Cerberus. Ele conhecia o nome. Um grupo de elite que normalmente trabalhava para governos ou corporações multinacionais. Não eram hackers; eram caçadores. A contratação deles por Caveira significava duas coisas: o prejuízo tinha sido maior do que ele imaginava, e agora isso era pessoal.

Seu celular queimador vibrou. Uma única mensagem de um número desconhecido: "Eles sabem que você não é um grupo. Está sozinho. Corra."

Kael não se moveu por trinta segundos que pareceram uma eternidade. Seu cérebro processava variáveis, probabilidades, rotas de fuga. O número era desconhecido, mas o padrão de criptografia era familiar - a mesma assinatura digital da pessoa que o alertou sobre a operação policial corrupta meses atrás. Havia um aliado nas sombras, alguém com acesso a informações privilegiadas.

Ele executou o Protocolo Persephone - seu plano de contingência para quando o esconderijo primário fosse comprometido. Primeiro, os dados. Drives USB foram criptografados com um algoritmo de 256 bits antes de serem fisicamente destruídos com um ímã de neodímio. O laptop principal passou por uma formatação térmica - superaquecimento controlado que danificava os chips de memória além de qualquer recuperação.

Enquanto o hardware era sacrificado, sua mente trabalhava no problema maior: como Cerberus o encontrara? Ele revisou mentalmente cada operação, cada conexão, cada transação. O ataque aos cartões... tinha sido limpo. A redistribuição do dinheiro... impessoal. A menos que...

Os aplicativos de doação. Alguns deles exigiam confirmação por SMS. Se Cerberus tivesse acesso aos registros das operadoras...

Uma luz piscou no painel das câmeras de segurança. Não uma notificação de movimento - isso era comum. Era um sinal de interferência, um lapso de meio segundo em que a imagem congelou antes de voltar ao normal. Para qualquer pessoa, seria imperceptível. Para Kael, era como uma sirene.

Ele se aproximou da janela, não diretamente, mas usando um pequeno espelho de inspeção dental posicionado no parapeito. Dois andares abaixo, na rua, um carro preto, modelo comum, mas com os pneus errados - muito caros para um veículo daquela categoria. E estacionado em um ângulo que permitia visão clara da entrada do prédio.

Cerberus não estava hackeando seus sistemas - estavam hackeando a realidade ao seu redor.

Sua mochila tática já estava preparada há semanas. Laptop limpo, queimadores, dinheiro vivo, documentos alternativos. Tudo que precisava fazer era sair. Mas a saída era justamente o que eles esperavam.

22:47 - Sistema de interfone do prédio

Kael observava as câmeras internas através de um backdoor que instalara meses atrás. Dois homens subiam as escadas. Não usavam uniforme, mas suas posturas eram militares - ombros eretos, movimentos sincronizados, mãos livres para alcançar armas. Eles evitavam o elevador - muito controle, muito previsível.

Eles bateram na porta do apartamento 304. Dois andares acima dele. Tática clássica de cerco - isolar o andar, depois varrer apartamento por apartamento. Profissionais.

Kael pegou a mochila. Seu coração batia a 112 bpm agora. Sua única vantagem era que eles não sabiam exatamente em qual apartamento ele estava. Ainda.

A rota de fuga pelo telhado estava bloqueada - ele vira sensores de movimento sendo instalados na cobertura do prédio vizinho na semana anterior. O elevador era uma armadilha. As escadas, vigiadas.

Restava a opção mais perigosa: o poço de ventilação entre os andares.

O acesso ficava atrás de um painel de drywall em seu closet. Espaço suficiente para um homem magro descer até o andar de baixo. Kael se moveu com a precisão de quem ensaiara este momento mentalmente incontáveis vezes.

Enquanto descia pelo poço escuro, o som abafado de uma porta sendo arrombada veio de seu apartamento. Eles haviam pulado os protocolos de persuasão - entrada direta e agressiva. Isso significava que tinham certeza suficiente para agir, ou que o tempo era crítico.

Seus pés encontraram o piso do apartamento abaixo. Vazio - os moradores estavam viajando, como ele verificara no aplicativo de

entregas do prédio. Através da fechadura, ele podia ouvir os passos pesados de Cerberus no andar de cima.

Era hora de desaparecer.

Rua das Acácias, 15 minutos depois

Kael emergiu pela saída de serviço do prédio vizinho, conectado através do porão. Vestia agora um boné e jaqueta simples, carregando uma sacola de supermercado sobre a mochila. O disfarce perfeito para o Bairro da Cruz - invisível por ser comum demais.

Ele caminhou sem pressa, misturando-se ao fluxo de pessoas voltando do trabalho. Seus sentidos estavam aguçados, processando cada rosto, cada veículo, cada reflexo nas vitrines.

Dois quarteirões adiante, ele viu o segundo carro - mesma cor, mesmo modelo, mesmo detalhe nos pneus. Estacionado em posição de espera, motor ligado. Cerberus tinha o prédio cercado.

Seu queimador vibrou novamente. Nova mensagem: "Van branca, placa parcial HGT-78. Não aproxime."

Kael olhou para a rua. Lá estava a van, estacionada estrategicamente para cobrir duas rotas de fuga possíveis. Eles não estavam apenas reagindo - estavam prevendo seus movimentos.

Ele entrou em uma lanchonete movimentada, pediu um refrigerante no balcão e sentou-se no fundo, com visão da entrada. Abriu o laptop limpo - uma máquina básica, comprada com dinheiro vivo, sem conexão com sua identidade anterior.

Em cinco minutos, ele estava acessando as câmeras de trânsito do centro de controle municipal através de uma backdoor que descobriu meses atrás, durante sua guerra contra Caveira. A van, o carro preto, um terceiro veículo que ele identificou como possível apoio - todos se comunicando através de um padrão de movimentos quase imperceptível.

Eles eram bons. Muito bons. Mas cometeram um erro clássico: subestimar o território do inimigo.

Kael conhecia cada beco, cada passagem, cada rota de fuga do Bairro da Cruz como conhecia as linhas de sua própria mão. Enquanto Cerberus dependia de tecnologia e protocolos, ele dependia de algo mais poderoso: o conhecimento orgânico de um nativo.

23:19 - Beco da Velha Carmem

Kael moveu-se pelas sombras como um fantasma. Atravessou lavanderias, cortou quintais, usou passagens que existiam apenas no conhecimento dos moradores mais antigos. Cada movimento era calculado, cada pausa estratégica.

De uma janela abandonada no terceiro andar de um prédio condenado, ele observou a van branca. Através das lentes de aumento de sua câmera, viu o interior - equipamento de vigilância de última geração, três operadores. Profissionais, mas visivelmente frustrados. Estavam perdendo sua presa.

Seu queimador vibrou pela terceira vez: "Eles estão trazendo reforços. Sistema de reconhecimento facial sendo ativado no perímetro. Saia agora."

Kael sorriu pela primeira vez em semanas. Cerberus estava jogando xadrez, pensando em movimentos lógicos e previsíveis. Mas o

Bairro da Cruz não era um tabuleiro de xadrez - era um labirinto vivo, que se remodelava constantemente.

Ele enviou uma única mensagem de resposta para o número misterioso: "Obrigado. Cuidado com o vazamento."

Então se virou e desapareceu na noite, tornando-se mais uma sombra entre muitas. A caça começara, mas a presa ainda tinha alguns truques na manga.

CAPÍTULO 8: PROTOCOLO DE ABANDONO

O carro preto sem placas estava lá pela terceira manhã consecutiva.

Kael observava através das frestas da persiana do seu quarto, cada batida do seu coração ecoando como um tambor de guerra em seu peito. Parado em frente ao mercadinho do seu Zé, o sedã escuro e imaculado era uma mancha de óvia alienígena na paisagem desgastada do Bairro da Cruz. Nenhum vidro escurecido conseguia esconder a postura rígida dos homens dentro, a vigilância paciente de predadores esperando o movimento de uma presa.

Coincidência, tentou convencer a si mesmo, pela centésima vez. Sua mente, entretanto, treinada para encontrar padrões onde outros viam caos, rejeitou a possibilidade com o desdém frio de um profissional. Era uma sonda. Uma sonda final. Eles estavam fechando o cerco.

A paranoia, que por tanto tempo fora sua companheira incômoda, agora se revelava sua única aliada verdadeira. Ela sussurrava

verdades que sua esperança teimosa tentava abafar: o grupo Cerberus não era mais apenas uma ameaça digital. Eles haviam transbordado das linhas de código e invadido o mundo real. Eles tinham um rosto, ou pelo menos, um carro.

O incidente da semana anterior não fora um acidente. A perseguição discreta por duas motos em uma rua movimentada, a tentativa clássica de box-in que ele só evitou ao entrar em um beco que conhecia desde a infância. Fora um teste. Um aviso. E este carro era a resposta à sua fuga.

Eles não sabiam exatamente onde ele estava. Não ainda. Mas estavam próximos. Assustadoramente próximos. O Bairro da Cruz, outrora seu refúgio, sua fortaleza, havia se tornado uma armadilha. Cada rosto conhecido era uma potencial ameaça, cada cumprimento uma possível armadilha. A velha Dona Marta, que sempre lhe dava balas de hortelã, poderia ter sido abordada. Seu Zé, do mercadinho, poderia ter sido coagido. A rede de solidariedade que sempre o protegera agora poderia ser usada contra ele.

Era hora de acionar o Protocolo de Abandono.

Um frio calmante desceu sobre ele, substituindo a adrenalina quente do medo. O plano estava gravado em sua mente há meses, cada etapa minuciosamente planejada, cada variável considerada. Agora, era uma sequência lógica a ser executada, uma rotina de código final. A emoção era um luxo que ele não podia permitir.

Ele se afastou da janela e olhou ao redor do seu quarto-laboratório. O santuário onde Cifra nascera. As prateleiras abarrotadas de livros de programação e hardware, os computadores montados com peças de sucata que valiam mais que ouro para ele, os cabos

entrelaçados como veias de uma criatura tecnológica. Tudo isso tinha de ser deixado para trás. Tudo isso tinha de morrer.

Começou pelo mais difícil: os dados.

Ele pegou o laptop principal, o velho guerreiro que havia sido seu cérebro expandido. Conectou um disco rígido externo e iniciou um script personalizado que havia desenvolvido para este momento exato. Não era uma simples formatação. Era um ritual de aniquilação digital. O script sobrescrevia cada setor do disco com dados aleatórios não uma, mas sete vezes – uma homenagem ao método Gutmann, um padrão de segurança paranóico que ele admirava. Enquanto os discos giravam, gritando silenciosamente em sua agonia digital, ele se voltou para o backup.

Cartões SD, pendrives, discos rígidos portáteis. Um a um, eles foram conectados, tiveram seus dados obliterados e depois fisicamente destruídos. Ele usou um poderoso ímã de neodímio, passando-o sobre cada unidade com um zumbido baixo e fatal, corrompendo magneticamente qualquer vestígio de informação que o script pudesse ter deixado para trás. Depois, veio o martelo. Golpes precisos e controlados reduziram as placas de circuito a fragmentos inúteis, chips de memória a pó de silicone.

Cada estalido do plástico, cada trinca de uma placa-mãe, era um pedaço de si mesmo sendo despedaçado. Aquele hardware não era apenas ferramenta; era a extensão do seu intelecto, a prova tangível de sua jornada. Destruí-lo era como arrancar suas próprias memórias.

Enquanto os computadores sangravam dados, ele se voltou para o mundo analógico. Seu caderno de anotações, um volume encadernado em couro falsificado, cheio de esquemas, senhas mestras escritas em cifras próprias e ideias para ferramentas. Ele

folheou as páginas rapidamente, uma última olhada no mapa de sua mente. Então, no centro do quarto, com uma lata de álcool e um isqueiro barato, deu fogo às páginas.

As chamas laranjas dançaram, consumindo anos de trabalho, de descobertas, de noites em claro. O calor era real, físico, um contraste gritante com o mundo frio e abstrato onde ele habitava. O fogo era a ferramenta mais antiga, a mais definitiva. Enquanto o caderno se transformava em cinzas, ele sentiu um peso estranho sendo levantado. Aquela persona, o gênio técnico confiante, estava sendo ritualisticamente cremada.

A mochila já estava preparada sob a cama. Ele a verificou pela última vez, cada item uma peça crucial de sua nova existência:

- Laptop ultrafino e sem marca: Comprado com dinheiro vivo em uma loja de eletrônicos decadente a seis meses atrás. O disco principal estava criptografado, a BIOS protegida por senha. Era uma máquina limpa, sem histórico.
- Pacote de conectividade: Múltiplos adaptadores de rede USB, chips 4G de diferentes operadoras, um roteador portátil com VPN integrada.
- Armazenamento efêmero: Cinco pendrives bootáveis com sistemas Linux live (Tails, principalmente). Cada um para uma tarefa específica.
- Dispositivos de queima imediata: Três *burner phones* básicos, ainda lacrados.
- Ferramentas de sobrevivência: Power banks de alta capacidade, uma multitool pequena, uma lanterna tática, um kit de primeiros socorros básico.
- Dinheiro vivo: Seu sangue vital. Rolos de notas de diferentes denominações, totalizando R\$ 5.000,00 – toda a sua reserva. Espalhado pela mochila e em um cinto de dinheiro escondido sob a roupa.

- Documentos: Uma carteira de identidade falsa de baixa qualidade, suficiente para enganar uma verificação superficial. O nome era "Ricardo Silva".

Ele vestiu um casaco velho, embora não estivesse frio. Ele esconderia sua silhueta e abrigaria itens de último minuto. Deu uma última olhada ao quarto. O ar cheirava a fumaça e derrota. Os restos carbonizados do seu caderno jaziam no chão. Os componentes destruídos de seus computadores formavam um cemitério tecnológico.

Sem uma palavra, sem um olhar para trás, ele deslizou pela porta dos fundos que dava para os becos, a mesma que usava para sair em suas missões noturnas como Cifra. Desta vez, não havia missão. Apenas fuga.

O beco era úmido e escuro, cheirando a mofo e urina. Conhecia cada virada, cada saída secreta, cada cano que podia ser escalado. Movia-se não como um homem, mas como uma sombra, seus sentidos aguçados ao extremo. Cada som de latido, cada vozes distantes, era analisado e categorizado como ameaça ou não.

Ele evitou as ruas principais, mantendo-se nas entranhas do bairro. A cada esquina, parava, escutava, observava. O carro preto ainda estava lá? Eles tinham homens a pé? Sua mente era um radar, varrendo o ambiente incessantemente.

Seu destino não era um lugar, mas um conceito: anonimato. O primeiro passo era sumir do radar do Cerberus. O segundo, sobreviver.

A cidade grande, outrora um campo de batalha digital, agora era uma selva de concreto hostil. Kael emergiu do emaranhado de becos na periferia de uma estação de trem movimentada. Era o perfect hunting ground para um fantasma – cheia de pessoas, de movimento, de distrações.

Sua primeira parada foi um banco público sujo. Entrou em uma cabine e, com as mãos ligeiramente trêmulas, abriu um dos *burner phones*. Inseriu o chip e, usando uma rede Wi-Fi pública e aberta de uma lanchonete próxima, acessou um serviço de email descartável. Havia apenas uma mensagem, de um remetente criptografado. Era de um contato de baixo nível no submundo digital, um *snitch* que ele mesmo recrutara meses atrás. A mensagem era curta, codificada, mas o significado era claro:

"Cães de caça cheirando forte. Rede de laranjas sendo interrogada. Sugere-se viagem longa. Boa sorte, C."

Era a confirmação que ele não queria, mas esperava. O Cerberus estava pressionando a base da pirâmide, os laranjas e aviõezinhos, na esperança de que um deles cedesse e desse uma pista. O cerco estava se fechando mais rápido do que imaginava.

Ele destruiu o chip do celular, dobrando-o até trincar, e jogou as peças em diferentes lixeiras. O aparelho, agora inútil, seguiu o mesmo caminho. Primeiro *burner*, queimado. Vida útil: doze minutos.

O peso em seus ombros parecia aumentar. Ele estava sozinho. Completamente sozinho. A persona de Cifra, que outrora lhe dera poder, agora era uma marca na sua testa, um alvo. Ele não era mais o caçador. Era a presa.

Usando outro *burner phone* e um chip diferente, ele acessou um fórum clandestino na dark web, um lugar onde informações eram a moeda mais valiosa. Ele não postou nada. Apenas observou. E o que viu o encheu de um frio ainda mais profundo.

Havia uma *thread* ativa, iniciada por um usuário novo, mas com a assinatura digital sutil e profissional que ele reconhecia como sendo do Cerberus. Era uma oferta de recompensa. Generosa. Muito generosa. Por informações que levassem à localização de

"Cifra". A descrição era vaga o suficiente para não levantar suspeitas legais, mas precisa o suficiente para qualquer um do submundo entender. Eles estavam contratando a cidade inteira para caçá-lo.

Pior ainda, havia rumores. Sussurros de que o Cerberus tinha um "presente" para quem cooperasse: um pacote de *exploits* não corrigidos, uma arma digital de alto nível. Eles não estavam apenas oferecendo dinheiro; estavam oferecendo poder. Era uma oferta irrecusável para muitos.

Kael desligou o telefone, seu coração batendo forte. Eles não estavam mais brincando. Eles estavam desesperados para encontrá-lo, e essa desesperança os tornava imprevisíveis e perigosos.

Ele precisava sair da cidade. Agora.

Dirigiu-se à rodoviária, misturando-se com a multidão de viajantes cansados, migrantes e aventureiros. Comprou uma passagem com dinheiro vivo para uma cidade média a 300 km dali, um lugar sem importância, um lugar para onde ninguém iria atrás dele. O nome no bilhete era "Ricardo Silva".

Enquanto esperava o ônibus em um banco de plástico duro, observou as pessoas. Um casal de jovens mochileiros rindo, uma família com crianças choramingas, um homem de negócios falando alto ao telefone. Vidas normais. Vidas que ele nunca mais teria. Uma onda de solidão tão avassaladora o atingiu que ele quase perdeu o fôlego.

A viagem de ônibus foi uma provação de seis horas. Cada parada era uma potencial armadilha. Cada novo passageiro que subia era um possível espião. Ele não dormiu. Ficou sentado perto da janela, a mochila no colo, observando a paisagem urbana dar lugar a campos e depois a uma cidade menor e menos movimentada.

Desceu na rodoviária da nova cidade já no crepúsculo. O lugar cheirava a diesel e comida barata. Encontrou um hotel barato e decadente perto da estação, o tipo de lugar que não fazia perguntas e aceitava dinheiro vivo sem olhar para a identidade.

O quarto era uma caixa claustrofóbica com uma cama dura, um televisor de tubo e um cheiro persistente de cigarro e desinfetante. Era o oposto completo do seu quarto-laboratório, mas era seguro. Por enquanto.

Ele colocou a mochila na mesa e ligou o laptop. Usando o roteador portátil e um dos chips 4G, conectou-se à internet através de uma cadeia de VPNs. A velocidade era terrivelmente lenta, mas a segurança era absoluta.

Era hora de se tornar um fantasma de verdade.

Primeiro, ele acessou uma série de contas de email descartáveis e fóruns associados a Cifra. Enviou mensagens pré-redigidas, criptografadas, para alguns contatos chave: "Projeto encerrado. Seguirei em frente. Apaguem tudo." Era o obituário digital de sua persona.

Depois, começou a meticulosa tarefa de criar uma nova identidade digital. Usando o nome "Ricardo Silva", ele criou um rastro digital mínimo e plausível. Uma conta de email em um provedor comum, um perfil vago em uma rede social profissional, tudo construído a partir de IPs diferentes e com informações consistentes, porém genéricas.

Enquanto trabalhava, sua mente não parava. Onde ele tinha errado? Como o Cerberus havia chegado tão perto? Reviu mentalmente suas operações recentes. O ataque ao banker dos idosos... foi algo ali? Uma transação de criptomoeda que ele não limpou direito? Um padrão de tráfego que ele subestimou?

A resposta veio de uma mensagem em um fórum de segurança, postada por um usuário anônimo. Era um artigo técnico, aparentemente inocuo, sobre falhas em algoritmos de criptografia em roteadores domésticos baratos. Mas enterrado no texto, em uma cifra simples que apenas ele entenderia, estava a mensagem: "*Sua botnet da favela. Eles a rastrearam até sua região. Foi o padrão de tráfego dos roteadores infectados. Foi bonito, mas barulhento. Cuidado.*"

Era dele. O contato, "C". Kael quase riu, um som seco e amargo. Sua própria arma, a botnet que ele usara para o "Saque Fantasma", havia sido sua queda. O Cerberus, com seus recursos superiores, analisou o padrão de ataque e rastreou os roteadores comprometidos até a sua região geral. Foi o suficiente para colocá-los no seu encalço.

Ele fechou os olhos, a fadiga finalmente o alcançando. Era um erro de amador? Não. Era o previsível resultado de um homem sozinho tentando lutar contra uma organização com recursos ilimitados. Ele estava jogando xadrez com peças de damas contra um supercomputador.

Naquela noite, deitado na cama dura do hotel, o silêncio era mais aterrorizante que qualquer sirene. Não havia o zumbido reconfortante dos seus servidores, nem os cliques suaves do seu teclado. Apenas o som de sua própria respiração e o latejar constante da paranoia em suas têmporas.

Kael, o prodígio, estava morto. Cifra, o justiceiro, estava morto. Restava apenas um fantasma com uma mochila, um homem acuado fugindo de sombras que ele mesmo criara. O protocolo de abandono fora um sucesso. Ele havia deixado tudo para trás. Agora, ele precisava descobrir o que sobrava de si mesmo.

O amanhecer trouxe não alívio, mas a fria realidade de sua nova existência. Ele olhou para sua imagem no espelho embaçado do banheiro. Olheiras profundas, pele pálida, uma fina camada de barba. Os olhos que olhavam de volta não eram mais os de um jovem de 22 anos. Eram os olhos de um homem muito mais velho, de alguém que carregava o peso de um mundo que tentara consertar e só conseguira quebrar ainda mais.

Ele empacotou sua mochila metodicamente, cada item em seu lugar designado. O laptop, os power banks, os *burner phones*, o dinheiro. A mochila não era mais um conjunto de ferramentas; era o seu casulo, seu arsenal e seu túmulo portátil, tudo em um.

Ao sair do hotel, jogou a chave do quarto em um bueiro. "Ricardo Silva" não existia mais. Ele precisava de outro nome, outra cidade, outra identidade. O ciclo se repetiria. Conectar, executar, desconectar, mover-se.

Ele se dirigiu à beira da estrada, na saída da cidade. O sol da manhã batia em seu rosto, mas ele não sentia seu calor. Ergueu o polegar, o sinal universal do andarilho. Um caminhão parou, o motorista sorridente e desconfiado.

— Aonde vai, moço? — perguntou o homem.

Kael olhou para a estreta que se perdia no horizonte, um rio de asfalto que levava a lugar nenhum e a todo lugar.

— Siga em frente — respondeu, sua voz surpreendentemente calma.
— Só siga em frente.

O caminhão engrenou, levando-o para longe de seu passado e em direção a um futuro incerto. Kael olhou pela janela, vendo a cidade desaparecer atrás de si. Ele não sabia para onde estava indo, mas sabia que nunca mais poderia voltar. O protocolo estava completo.

O abandono era total. E na vastidão anônima do mundo, o último vestígio de Cifra se dissipou como fumaça no vento.

CAPÍTULO 9: VIDA NÔMADE

A chuva fina e constante de Curitiba era uma agulheira contra o vidro sujo da cafeteria. Kael, agora Lucas Ferreira por documentos falsos que cheiravam a novo, escolhera a mesa no canto mais distante da tomada, de costas para a parede, visão clara de todas as saídas. Seu novo ritual.

Dois anos. Setecentos e trinta dias desde que executara o protocolo de abandono no Bairro da Cruz. Dois anos desde que se tornara um fantasma digital, um rastro de bits e bytes errantes no mapa da América do Sul. O homem que entrou naquela cafeteria não era Kael, o filho da comunidade, nem Cifra, o justiceiro temido. Era uma coleção de precauções vestidas com um casaco surrado.

Sua mochila, uma Targus comum à primeira vista, repousava ao seu lado, a alça envolta em seu tornozelo. Um laço discreto que garantiria que, se alguém tentasse roubá-la, ele sentiria o puxão. Dentro, seu mundo inteiro: um laptop ultrafino com adesivos genéricos colados sobre a marca, três *burner phones* da mesma operadora (um ativo, dois de reserva), um roteador portátil com VPN pré-configurada, cinco *drives USB* bootáveis com sistemas Linux *live*, dois *power banks* de 20.000 mAh e um pacote de documentos de identidade para Lucas, Carlos e Eduardo.

E dinheiro. Sempre dinheiro vivo, em rolos separados, espalhados por bolsos diferentes da mochila e do corpo. O cartão de débito pré-pago, recarregado com criptomoedas através de serviços

anônimos, era seu último recurso, um rastro digital que ele relutava em deixar.

Ele conectou o roteador portátil à tomada, esperou o LED piscar em verde confirmando a conexão segura através de três servidores diferentes, e só então conectou o laptop ao Wi-Fi do roteador. A velocidade era uma piada, um fluxo lento e doloroso de dados, mas era o preço da invisibilidade. Enquanto o sistema carregava, seus olhos percorreram a sala. Um casal de estudantes rindo de um meme, um homem de terno falando baixo ao telefone, uma barista bocejando. Nada de ameaçador. Ainda assim, seu coração batia no compasso acelerado de quem sabe que o perigo não é uma possibilidade, mas uma certeza adiada.

Era essa a sua vida agora. Uma existência reduzida a protocolos. Conectar, executar, desconectar, mover-se. Nunca no mesmo lugar duas vezes. Bibliotecas públicas em bairros distantes, lobbies de hotéis com Wi-Fi aberto, cafés movimentados como este. Seu escritório era qualquer lugar com uma tomada e um sinal fraco. Sua casa, o interior de um ônibus interestadual ou o quarto barato de um hostel pago em dinheiro.

A solidão era sua única companheira constante. Uma presença pesada e silenciosa que sussurrava em seus ouvidos durante a noite, em quartos de paredes finas onde ouvia a vida dos outros – risos, discussões, televisões – como ecos de um mundo do qual ele estava eternamente banido. A paranóia, outrora um incômodo, agora era um sexto sentido, um sistema operacional secundário rodando em sua mente, analisando cada rosto, cada som, cada movimento suspeito.

Ele abriu um cliente de e-mail criptografado. Uma única mensagem nova, de um remetente codificado. O assunto: "Pacote de Dados - Alvo Golf-7".

Era assim agora. Trabalhos freelas na *dark web*. Testes de segurança para fóruns clandestinos, recuperação de ativos para quem foi enganado em negócios obscuros. Não por dinheiro, embora fosse necessário, mas para se manter afiado, para ter um propósito, por mais tênue que fosse. E para alimentar o fogo que ainda ardia em seu peito – a necessidade de usar suas habilidades contra aqueles que mereciam.

O Alvo Golf-7 era um *banker*. Especializado em golpes contra idosos. A informação veio de um contato duvidoso, um fantasma chamado "Oráculo" que vendia informações por Bitcoin. O *banker* aplicava a velha tática do falso suporte técnico: ligações assustadoras, acesso remoto aos computadores das vítimas, drenagem de economias de uma vida inteira.

Kael leu o dossiê digital. Fotos de avós sorridentes, extratos bancários com saldos zerados, transcrições de ligações onde vozes suaves e pacientes convenciam idosos assustados a instalar programas maliciosos. Suas mãos se cerraram no teclado. Um tremor de raiva pura, não filtrada pela lógica do hacker, mas pela emoção crua do homem. Ele viu sua própria avó em cada um daqueles rostos. Lembrou da senhora Esther, sua vizinha no Bairro da Cruz, que lhe dava biscoitos de polvilho e contava histórias de uma época mais simples.

Esta não era uma missão abstrata. Era pessoal.

Ele digitou uma resposta curta para o Oráculo, aceitando o trabalho. O pagamento seria em Monero, a criptomoeda preferida para o anonimato. Sua motivação, porém, não era a criptomoeda. Era a justiça. Ou seria vingança? A linha, para ele, estava cada vez mais tênue.

Enquanto os dados do Alvo Golf-7 carregavam, um alerta discreto piscou no canto de sua tela. Seu sistema de monitoramento

caseiro, um script que varria fóruns e canais de comunicação associados ao Cerberus, havia captado uma menção. Uma palavra-chave: "Cifra". E uma localização aproximada: "Sul".

Eles ainda estavam procurando. A caçada nunca tinha terminado. Apenas entrara em um novo capítulo.

Kael fechou o laptop, desconectou o roteador. O ritual estava completo. Hora de se mover. O café sequer havia esfriado. Ele deixou uma nota de vinte reais em baixo do copo, pegou a mochila e se fundiu com a multidão na rua molhada, mais um rosto anônimo na cidade cinzenta. Um fantasma em movimento, com o peso de duas vidas nas costas e o espectro de uma terceira – a de Lucas – pairando sobre ele, frágil e artificial como o papel dos seus documentos falsos.

O ônibus cheirava a desinfetante barato e umidade. Kael ocupava o assento da janela, na penúltima fileira, a mochila no colo. A paisagem urbana de Curitiba dava lugar a campos verdes e serras enevoadas. Destino: Florianópolis. Uma cidade grande o suficiente para se perder, pequena o suficiente para não chamar a atenção desnecessária.

A viagem era um purgatório de seis horas. Tempo para pensar. Para planejar. Ele abriu um caderno físico, de capa preta, sem linhas. Nele, anotações em uma mistura de código, português e símbolos que só ele entendia. Era seu diário de guerra, seu grimório digital. Mais seguro do que qualquer arquivo.

No topo de uma página em branco, ele escreveu: "OPERAÇÃO RESGATE - ALVO GOLF-7".

Sua mente, treinada na adversidade, começou a decompor o problema. Um *banker* de golpes contra idosos. Metodologia: Engenharia social e *malware*.

Fase 1: Análise do Vetor de Ataque.

Precisava de uma amostra do *malware*. Algo que ele pudesse dissecar, entender sua comunicação, encontrar o servidor de Comando e Controle (C2). O coração da operação.

Fase 2: Rastreamento do Fluxo Financeiro.

Para onde ia o dinheiro? Contas-laranjas? Criptomoedas? Ele precisava seguir o rastro digital dos fundos roubados.

Fase 3: Infiltração e Neutralização.

Invadir a operação do *banker*. Recuperar os fundos. Expor tudo. Mas como devolver o dinheiro sem colocar as vítimas em mais risco? Sem se expor?

Ele rabiscou um diagrama de fluxo. "Vítima -> Phishing -> Malware -> C2 -> Banker -> Lavagem (Cripto?)". O elo mais fraco era o C2. Todo *malware* precisa se comunicar com seu mestre. Encontrar esse servidor era a chave.

O desafio era acessar os dispositivos infectados. Ele não podia simplesmente ligar para as vítimas. Muito arriscado. Sua mente trabalhou em soluções alternativas. Talvez através dos registros de atendimento das operadoras de telefonia? Muito burocrático, deixaria rastros. Ou criando uma isca? Um falso site de suporte técnico para atrair o próprio *banker* ou seu *malware*? Complexo, consumiria tempo.

Uma ideia começou a se formar, arriscada, mas elegante. E se ele se infiltrasse nos próprios sistemas dos bancos que estavam sendo visados? A maioria das vítimas era de instituições financeiras nacionais. Se ele encontrasse uma vulnerabilidade não corrigida, um *backdoor* esquecido, poderia acessar os registros das transações fraudulentas, identificar padrões, talvez até os IPs de origem das conexões maliciosas. Ele se tornaria uma sombra dentro do próprio sistema que estava sob ataque.

Esboçou um novo ramo no diagrama: "Acesso Banco -> Logs de Fraude -> IPs -> Padrões -> C2". Era um plano. Não era perfeito, mas era um começo.

O ônibus balançou, e uma mulher idosa no corredor ao lado quase perdeu o equilíbrio. Kael, por instinto, esticou o braço para segurá-la. Ela sorriu, agradeceu com um aceno. Seus olhos eram bondosos, cheios de uma confiança que ele há muito tinha perdido. Eram os olhos de Dona Esther. Os olhos de todas as vítimas do Golf-7.

A raiva voltou, um calor no peito. Isso não era apenas um trabalho. Era uma missão. Ele fechou o caderno, guardou-o com cuidado em um bolso interno da mochila.

Olhou pela janela. A noite caía sobre Santa Catarina. Em algum lugar na escuridão, um *banker* sem rosto estava saqueando a vida de pessoas como aquela senhora. E em outro lugar, talvez mais próximo do que ele imaginava, o Cerberus farejava seu rastro.

Kael, o nômade, Lucas, o fantasma, Cifra, o justiceiro – os três se fundiram naquele momento, impulsionados por uma única determinação. A caçada ao Golf-7 começara.

O hostel em Florianópolis era barato e anônimo, exatamente o que ele precisava. Um quarto compartilhado com quatro beliches, mas, por sorte, vazio. Kael escolheu a cama de canto, mais distante da porta, e fez uma vistoria rápida. Sem câmeras óbvias, a tomada funcionando. Era o lar pelos próximos dois, talvez três dias.

Seu primeiro passo foi uma varredura de rotina. Conectou o roteador portátil, um pequeno aparelho não marcado que era seu portal para a internet segura. Com o laptop online, executou um script que varria as redes Wi-Fi próximas em busca de intrusões, *sniffers* de pacotes ou qualquer atividade suspeita. Tudo limpo.

A próxima etapa: criar um ambiente operacional seguro. Ele não confiava no sistema principal do laptop, mesmo criptografado. Em vez disso, inseriu um *drive* USB bootável com uma distribuição Linux personalizada, sem persistência. Tudo o que ele fizesse nessa sessão seria apagado quando ele desligasse a máquina. Um sistema fantasma para um operativo fantasma.

Com o sistema seguro carregado, ele começou a caça ao Golf-7. A amostra do *malware* era o primeiro obstáculo. Seu contato, o Oráculo, não a tinha fornecido. Kael precisava caçá-la.

Ele acessou fóruns especializados em segurança e criptografia, usando o *Tor* sobre a já segura conexão da VPN. Em um desses fóruns, um subgrupo era dedicado à análise de *malwares* financeiros. Era um lugar sombrio, onde pesquisadores de segurança e criminosos se misturavam em um delicado equilíbrio.

Usando uma *persona* digital que havia criado meses antes – "Analista_DF", um suposto pesquisador de São Paulo –, ele postou uma mensagem sutil.

Tópico: "Padrão de Golpe - Falso Suporte a Idosos"
Mensagem: "Olá, colegas. Estou rastreando uma campanha de *phishing* direcionada a idosos, com *malware* de acesso remoto. Alguém já se deparou com algo semelhante? Busco amostra para análise e contenção. Disposto a trocar informações."

Era um risco. Ele estava lançando uma isca no mesmo oceano onde o Golf-7 e outros como ele podiam estar navegando. Mas era um risco necessário.

Enquanto aguardava respostas, partiu para sua segunda abordagem: a infiltração bancária. Escolheu um dos bancos mais visados, de acordo com o dossiê do Oráculo. Seu alvo: encontrar uma falha em seu sistema de internet banking ou em seus portais de atendimento ao cliente.

Ele não usou força bruta. Em vez disso, recorreu a uma técnica mais útil: análise de componentes de terceiros. Muitos sites de grandes instituições usam bibliotecas de código externas, *widgets* de chat, ferramentas de análise. Esses componentes, muitas vezes negligenciados, podem ser a porta de entrada.

Horas se passaram. A noite se aprofundou do lado de fora da janela do hostel. A única luz no quarto era a tela do laptop, refletida em seus olhos cansados. Ele testava vulnerabilidades conhecidas, explorava possíveis configurações incorretas, vasculhava o código-fonte das páginas em busca de pistas.

Então, encontrou. Não no banco principal, mas em um portal de recuperação de senhas, um subdomínio esquecido. Um sistema de upload de documentos para validação de identidade. O sistema não sanitizava adequadamente os arquivos enviados. Permitia o upload de um tipo específico de script disfarçado de imagem.

Era uma falha básica, elementar. O tipo de coisa que um estagiário sobrecarregado poderia ter deixado passar. Para Kael, era uma porta aberta.

Ele não a explorou imediatamente. Primeiro, precisava de cautela. Criou um *script* simples, um "web shell" que lhe daria acesso ao servidor, e o disfarçou com uma extensão de imagem. Usando uma ferramenta de proxy para interceptar e modificar o tráfego, ele forjou um upload de documento para o portal.

O coração acelerou quando a tela retornou: "Upload concluído com sucesso."

Ele tinha um ponto de apoio.

Acessando o *web shell*, ele não encontrou os dados principais do banco. Era um servidor isolado, periférico. Mas tinha acesso aos

logs do sistema. Logs que registravam tentativas de login, endereços IP, atividades suspeitas.

Era um tesouro. Ele escreveu um *script* para vasculhar esses logs em busca dos números de conta das vítimas listadas no dossiê do Oráculo. Cruzando os dados, poderia identificar de quais IPs as contas haviam sido acessadas de forma fraudulenta. O primeiro passo para rastrear o *malware* de volta ao seu C2.

Enquanto o *script* rodava, uma notificação piscou no cliente de e-mail criptografado dentro do sistema *live*. Uma resposta ao seu post no fórum.

Ele clicou. A mensagem era de um usuário chamado "Ghost_Sec".

"Analista_DF. Tenho interesse. Capturei um binário suspeito em uma máquina virtual de honeypot. Coincide com sua descrição. Disposto a compartilhar a amostra em troca de seu relatório de análise. Canal seguro?"

Kael sorriu, um gesto raro e amargo. A isca tinha fisgado algo. Talvez não fosse o Golf-7, mas era um começo. Ele agora tinha uma amostra potencial do *malware* e um acesso lateral a um banco. As peças do quebra-cabeça começavam a se mover.

A caçada estava apenas começando.

A amostra do *malware* que "Ghost_Sec" forneceu era um cavalo de troia clássico, mas com um nível de sofisticação preocupante. Disfarçado de atualização de um software de segurança legítimo, ele era distribuído via e-mails de *phishing* ou em pop-ups de sites falsos de suporte.

Kael não podia analisá-lo em seu laptop principal. O risco de infecção era real. Ele precisava de um ambiente isolado, uma "sala limpa" digital.

Sua solução foi engenhosa e refletia a vida nômade. No dia seguinte, ele foi a um *cybercafé* movimentado no centro de Florianópolis. Pagou por uma hora de acesso com dinheiro vivo, escolheu um computador no fundo da sala. Essas máquinas públicas eram ideais para isso: eram *clean states* a cada reinício, e qualquer rastro que ele deixasse seria apagado pelo próximo usuário.

Usando um *drive USB* com um sistema operacional *live* e uma máquina virtual pré-configurada, ele criou um ambiente de análise seguro dentro do computador público. Era como realizar uma cirurgia com luvas descartáveis dentro de um quarto de hotel.

Ele executou o *malware* na máquina virtual. Imediatamente, o programa se mostrou inativo – um comportamento comum em ambientes de *sandbox*. Os criminosos mais espertos programavam seus *malwares* para não ativarem em máquinas virtuais, para evitar análise. Mas Kael não estava interessado na ativação completa; ele queria observar seus primeiros movimentos.

Com ferramentas de análise de tráfego de rede, ele monitorou as tentativas de conexão do *malware*. O binário tentava se comunicar com um endereço IP específico, um domínio estranho: "cdn-update-server[.]com". O domínio era recente, registrado através de um serviço de privacidade.

Esse era o servidor de Comando e Controle (C2). O cérebro da operação.

Kael anotou o IP e o domínio em seu caderno físico. Agora, ele tinha um alvo. Mas atacá-lo diretamente seria tolice. Alertaria o *banker*. Ele precisava de mais informações.

Voltando ao seu *web shell* no servidor do banco, os resultados do seu *script* foram reveladores. Ele conseguira cruzar várias transações fraudulentas com um conjunto de endereços IP. Muitos

eram de provedores comuns, mas um padrão surgiu: um IP específico, também mascarado, aparecia consistentemente nos acessos fraudulentos pouco antes das grandes transferências. Era o IP de um *proxy* ou do próprio *banker* se conectando para limpar os fundos.

Ele tinha duas pontas soltas: o C2 do *malware* e um IP suspeito ligado às transações. O próximo passo era conectá-las.

Usando técnicas de OSINT (*Open Source Intelligence*), ele começou a investigar o domínio "cdn-update-server[.]com". O registro era anônimo, mas o servidor onde estava hospedado era vulnerável. Kael descobriu que ele compartilhava um *host* com outros domínios, muitos deles associados a atividades fraudulentas. Era uma "fazenda" de C2s.

Ele não invadiu o servidor. Não ainda. Em vez disso, usou uma ferramenta para monitorar passivamente o tráfego de e para aquele domínio. Ele observava, como um predador à espreita na beira do lago, esperando o alvo se aproximar.

Enquanto isso, a vida nômade continuava. Ele mudou de hostel, indo para uma pousada mais barata no bairro de Trindade. A paranóia era um companheiro constante. Toda moto que passava mais devagar, todo olhar um segundo mais longo na rua, era analisado. Ele comprou um novo *burner phone* em uma tabacaria diferente e descartou o antigo, removendo a bateria e o chip antes de jogar as peças em lixeiras separadas.

A solidão era um peso físico. À noite, no quarto silencioso, os pensamentos o assaltavam. Ele se pegava acessando notícias do Bairro da Cruz em um navegador anônimo. A organização de "Caveira" estava desmantelada, mas a pobreza e a violência permaneciam. Sua guerra tinha mudado algo? Ou ele apenas trocou um campo de batalha por outro?

Essas dúvidas eram um luxo que ele não podia ter. Elas o enfraqueciam. Ele as enterrava sob camadas de código, de lógica, de missão. O Alvo Golf-7 era sua âncora. Focar nele era a única maneira de não se perder no vazio de sua própria existência.

Dois dias depois, a paciência deu frutos. Seu monitoramento do C2 capturou uma comunicação. O *banker* – ou seu sistema automatizado – fez login no painel de controle do servidor. E o fez de um endereço IP.

Era o mesmo IP que ele havia identificado nos logs do banco.

Kael sentiu um frio na espinha, seguido por uma onda de adrenalina. Ele tinha feito a conexão. O caçador tinha o cheiro de sua presa. O IP do *banker* não era à prova de balas – provavelmente era outro proxy ou uma conexão VPN –, mas era um elo vital na corrente. Agora, ele sabia que o mesmo indivíduo que controlava o *malware* também acessava as contas para onde o dinheiro era drenado.

Ele olhou para as duas linhas em seu caderno: o IP do C2 e o IP do *banker*. Entre elas, ele desenhou uma linha grossa. A fase de reconhecimento estava completa. Agora, era hora do contragolpe.

O plano de Kael era uma obra de arte da guerra assimétrica. Ele não queria apenas derrubar o C2 ou bloquear o IP. Ele queria invadir a operação, assumir o controle e usar a própria infraestrutura do *banker* contra ele. Uma humilhação digital.

Sua ferramenta principal seria o próprio C2. Ele descobrira que o painel de controle, um software de código aberto modificado, tinha uma vulnerabilidade crítica de injeção de SQL. Uma falha primária, mas comum. Era a sua porta de entrada.

Novamente, em um *cybercafé* diferente, ele preparou sua investida. Através do *web shell* no servidor do banco, ele já tinha uma lista de

vítimas e os valores roubados. Sua missão era tripla: 1) Invadir o C2; 2) Obter a lista completa de todas as vítimas e *malwares* ativos; 3) Localizar e esvaziar as carteiras de criptomoedas onde o dinheiro estava sendo armazenado.

A invasão ao C2 foi anticlimática. Um comando de injeção SQL bem construído, e as credenciais de administrador do painel apareceram na tela. A segurança era, como ele suspeitava, uma piada. O *banker* confiava no anonimato, não na fortificação.

Dentro do painel, um tesouro de informações se abriu. Centenas de vítimas listadas, com endereços IP, dados bancários roubados, prints de tela de seus computadores infectados. Era uma violação íntima e dolorosa. Kael viu fotos de família em áreas de trabalho, e-mails pessoais, toda a vida digital dessas pessoas exposta. A raiva que ele sentiu foi uma coisa física, um gosto amargo na boca.

Ele focou no essencial. Encontrou a seção de configurações financeiras. Lá estavam as chaves das carteiras de criptomoedas. O *banker* era preguiçoso ou confiante demais: usava principalmente Bitcoin, que é pseudoanônima, mas rastreável, e tinha a maior parte dos fundos em uma única *wallet*. Um erro crasso.

Kael não hesitou. Usando as chaves privadas que agora possuía, ele acessou a carteira do *banker*. O saldo era chocante: mais de R\$ 800.000 em Bitcoin, o produto do sofrimento de dezenas de idosos.

Agora, a parte delicada. O que fazer com o dinheiro? Transferir para si mesmo era se tornar um ladrão, além de criar um rastreamento óbvio. Ele tinha um plano, uma variação do "Saque Fantasma" que executara contra os traficantes, mas adaptado para vítimas inocentes.

Ele iniciou uma série de transações complexas. Primeiro, moveu todo o Bitcoin da carteira do *banker* para uma *wallet* intermediária sob seu controle. Em seguida, usando um *tumbler* de criptomoedas

– um serviço que mistura transações para ofuscar o rastreamento
–, ele começou a "lavar" os fundos, convertendo parte em Monero,
a criptomoeda verdadeiramente anônima.

Seu objetivo não era ficar com o dinheiro. Era devolvê-lo. Mas como devolver centenas de milhares de reais para dezenas de idosos sem causar um caos fiscal ou alertar o *banker*?

Sua solução foi metódica e compassiva. Com os dados das vítimas em mãos, ele cruzou as informações com bancos de dados públicos (usando o acesso do servidor do banco) para obter números de CPF e endereços postais.

Ele então usou os fundos em Monero para comprar, em diversos sites de varejo, vales-compra de supermercados e farmácias, nos valores aproximados do que cada vítima havia perdido. Os códigos dos vales eram enviados por e-mail para contas descartáveis que ele criava, e depois encaminhados anonimamente para os e-mails reais das vítimas, com uma mensagem genérica: "Restituição de valores - Programa de Proteção ao Consumidor". Para aqueles sem e-mail, ele programou a entrega física dos vales ou de cestas básicas pelos Correios, usando os endereços que possuía.

Era um processo lento, meticuloso e anônimo. Ele não era um herói se revelando; era um mecanismo de justiça silenciosa repondo o que havia sido tirado.

Enquanto os processos automatizados rodavam, ele aplicou o golpe final no *banker*. Dentro do painel do C2, ele deixou uma mensagem. Não era um texto, mas um *script*. Um presente de despedida.

O *script* faria duas coisas quando o *banker* se conectasse: primeiro, corromperia todo o banco de dados do C2, deletando a lista de vítimas e *malwares*. Segundo, redirecionaria o domínio "cdn-update-server[.]com" para um site da Polícia Federal.

Ele também compilou um dossiê completo: logs do C2, transações de criptomoedas, endereços IP, prints do painel de controle. Empacotou tudo em um arquivo criptografado e, usando uma cadeia de *proxies*, enviou para a delegacia de crimes cibernéticos da Polícia Civil de São Paulo e para um jornalista investigativo de confiança que ele conhecia dos tempos de Cifra.

A operação estava completa. O Golf-7 estava neutralizado, suas vítimas indenizadas, sua operação exposta.

Kael desligou o computador do *cybercafé*, pagou sua conta e saiu. A rua estava ensolarada, as pessoas riam e conversavam. Ele caminhou em direção ao terminal rodoviário. Hora de se mover novamente. Havia uma sensação de vazio, não de triunfo. Ele havia corrigido um erro, mas o mundo estava cheio deles. E em algum lugar, o Cerberus ainda procurava.

Ele era um reparador de danos em um mundo em colapso constante. E sua ferramenta, uma mochila cheia de segredos e uma solidão que doía mais do que qualquer golpe físico.

A estrada era sua única constante. O asfalto sob os pés do ônibus, o zumbido monótono do motor, a sucessão de cidades que eram apenas nomes em um mapa. Kael estava a caminho de Porto Alegre. O sul do país parecia mais seguro, mais distante dos olhos do Cerberus.

Dentro dele, porém, a guerra continuava. A operação contra o Golf-7 fora um sucesso técnico, mas deixara sequelas. As imagens das vítimas, a violação de suas vidas, pesavam em sua consciência. Ele havia invadido a privacidade daquelas pessoas tanto quanto o *banker*. A diferença era sua intenção, mas a ação era a mesma. Essa linha moral tênue começava a desgastá-lo.

No ônibus, ele abriu seu caderno. Na página seguinte à "OPERAÇÃO RESGATE", ele escreveu um novo título: "PROTOCOLO FÊNIX". Era

um esboço, um plano para o caso de ser encontrado pelo Cerberus. Rotas de fuga, contatos de emergência (o misterioso Oráculo?), procedimentos para destruição de evidências. Ele não estava mais apenas planejando ataques; estava planejando sua própria sobrevivência de longo prazo.

Enquanto rabiscava, seu *burner phone* vibrou. Uma notificação de um aplicativo de mensagens criptografadas. Era o Oráculo.

Oráculo: "Pacote de Dados - Alvo Golf-7. Status?"

Kael (como 'Spectre'): "Neutralizado. Fundos recuperados e devolvidos. C2 comprometido. Dossiê enviado para autoridades."

Oráculo: "Eficiente. Pagamento em XMR foi enviado para a *wallet* acordada."

Kael verificou sua carteira de Monero. Um valor considerável havia sido depositado. Dinheiro de sangue, ele pensou. Dinheiro ganho da miséria alheia, mesmo que indiretamente. Ele o aceitou sem remorso. Era o combustível para sua máquina de guerra.

Oráculo: "Há um novo alvo. Diferente. Maior."

Kael: "Especificações."

Oráculo: "Não é um *banker*. É um grupo. Pequeno, eficiente. Especializado em sequestro de dados de startups de tecnologia. Ransomware personalizado. Estão acabando com empresas nacionais promissoras. Interesse?"

Kael hesitou. Isso era diferente. Não era sobre idosos indefesos. Era sobre empresas, dinheiro de investidores. Menos emocional, talvez mais estratégico. Mas ainda assim, uma praga digital.

Kael: "Envie o dossiê."

Enquanto aguardava o novo arquivo, ele refletiu. Ele estava se tornando o que Anders, o futuro interrogador, chamaria de "recurso". Um solucionador de problemas para o submundo digital, um justiceiro de aluguel anônimo. Onde estava Cifra, o idealista que

queria salvar seu bairro? Estava se perdendo na persona prática e cínica de Spectre, o operativo fantasma.

O ônibus fez uma parada em uma cidade do interior. Kael desceu para esticar as pernas, comprar água e um sanduíche. Enquanto estava em uma pequena lanchonete, um carro da polícia rodoviária estacionou do lado de fora. Dois policiais desceram, um deles olhando em sua direção.

O coração de Kael gelou. Seu corpo inteiro ficou em alerta máximo. Sua mão direita, dentro do bolso do casaco, fechou-se em volta do canivete que sempre carregava. Sua mente calculou rotas de fuga: a porta dos fundos da lanchonete, a janela do banheiro, se mergulhar na multidão na calçada.

Os policiais entraram. Caminharam direto para o balcão e pediram café. Riam entre si, completamente alheios à sua presença.

A adrenalina levou um longo minuto para baixar. Kael respirava fundo, as mãos trêmulas. Foi um falso alarme, mas foi um lembrete brutal. Ele não era um homem comum em uma viagem. Era um fugitivo. Um alvo. A paranóia não era uma doença; era um diagnóstico preciso de sua realidade.

Ele voltou para o ônibus, o sanduíche intocado. Sentou-se e olhou pela janela, vendo seu próprio rosto pálido refletido no vidro. Os olhos que o encaravam eram os de um estranho. Um homem endurecido, cansado, vivendo de medo e raiva.

O novo dossiê do Oráculo chegou em seu telefone. Ele não o abriu imediatamente. Em vez disso

CAPÍTULO 10: O BANKER DOS IDOSOS

(Parte 2 da jornada nômade de Kael)

O frio da Noruega penetrava os ossos, mas era nada comparado ao gelo que se formara na alma de Kael. Dois anos se passaram desde que ele abandonara o Bairro da Cruz. Dois anos desde que se tornara um fantasma digital, um nômade sem rosto, sem história, sem vida.

Agora, ele era “Lars”. Um estrangeiro silencioso em uma cidadezinha chamada Rosvik, acima do Círculo Polar Ártico. O lugar era tão remoto que o silêncio tinha som – um zumbido constante de vento, neve e solidão.

Kael vivia em uma cabana de madeira isolada, com apenas um laptop ultrafino, *burner phones*, um roteador portátil com VPN dupla e a mochila que carregava como uma extensão do próprio corpo. Ele não confiava em ninguém. Nem mesmo em seu próprio reflexo na tela escura do computador.

Naquela manhã, enquanto a aurora boreal riscava o céu com tons de verde e roxo, Kael acessou um fórum anônimo na *dark web*. Era um lugar onde vítimas de golpes cibernéticos compartilhavam histórias – muitas delas, idosos que haviam perdido suas economias de uma vida e famílias que perdiam recursos por causa desses crimes.

Foi quando ele encontrou o fio da meada.

Vários relatos convergiam para um mesmo padrão: um *banker* – um hacker especializado em fraudes financeiras – estava visando idosos na Escandinávia com golpes de suporte técnico falso e *phishing* personalizado. O alvo não eram grandes fortunas, mas

aposentadorias modestas, economias guardadas em contas simples. A crueldade do método chamou sua atenção.

Algo dentro dele despertou. A mesma chama que o levara a se tornar Cifra.

Kael não era mais o mesmo. Sua paranoíia agora era um sexto sentido. Ele não usava a mesma conexão por mais de 30 minutos. Não acessava fóruns sem passar por pelo menos três servidores intermediários. Não digitava senhas sem verificar se não havia *keyloggers* ocultos.

Ele decidiu investigar.

Seu primeiro passo foi criar uma *persona* digital: um idoso fictício chamado “Einar”, com e-mail, perfil em redes sociais e até um histórico de buscas inocentes. Einar era a isca.

Enquanto montava a armadilha, Kael lembrava-se de sua própria avó – dona Lúcia –, que mal sabia usar um celular. A imagem dela, indefesa, misturava-se às histórias que lia. A raiva que sentira no Bairro da Cruz voltou, mas agora era mais fria, mais controlada.

Em menos de 24 horas, “Einar” recebeu um e-mail fraudulento.

“Prezado Sr. Einar, identificamos uma tentativa de acesso não autorizado à sua conta bancária. Por favor, clique no link abaixo para verificar suas informações.”

O domínio era quase idêntico ao do banco real. Quase.

Kael sorriu. Era o mesmo padrão.

Ele não caiu no golpe, é claro. Em vez disso, rastreou o servidor de origem do e-mail – um *host* na Islândia, protegido por criptografia e registrado sob um laranja.

Mas Kael era paciente. Como um predador, ele observava.

Nos dias seguintes, ele infiltrou-se em grupos de discussão de golpistas na *dark web*, sempre com identidades descartáveis. Aprendeu seus jargões, seus métodos, suas hierarquias. Descobriu que o *banker* por trás dos golpes era conhecido como “Nidhogg” – uma referência ao dragão da mitologia nórdica que corrói as raízes da árvore do mundo.

O nome era apropriado. Nidhogg não apenas roubava; ele destruía vidas.

Kael decidiu que Nidhogg seria seu próximo alvo.

Mas, diferentemente de seus dias como Cifra, ele não agiria por impulso. Desta vez, cada movimento seria calculado.

Sua primeira investida foi criar um *malware* disfarçado de atualização de segurança – uma isca que ele espalhou em fóruns frequentados por golpistas iniciantes. Quando um deles baixou e executou o arquivo, Kael ganhou acesso à sua máquina.

Dali, escalou para redes mais protegidas.

Foi quando encontrou o braço direito de Nidhogg: um jovem chamado Filip, um *coder* talentoso, mas inexperiente, seduzido pelo dinheiro fácil.

Kael invadiu o computador de Filip sem deixar rastros. Encontrou logs de conversas, registros de transações e – o mais importante

– uma lista de vítimas , com nomes, endereços e valores roubados.

Era pior do que ele imaginava. Muitos idosos haviam perdido não apenas economias, mas também a confiança em qualquer coisa digital. Alguns estavam vendendo pertences para sobreviver.

Kael sentiu o peso da responsabilidade. Ele não estava apenas caçando um criminoso; estava tentando devolver um pouco de dignidade a pessoas que haviam sido esmagadas pela ganância alheia.

Enquanto trabalhava, Kael mantinha hábitos rígidos de segurança:

- Nunca se conectava à mesma rede Wi-Fi duas vezes.
- Usava apenas *burner phones* com chips comprados com dinheiro vivo em cidades diferentes.
- Alterava sua aparência – boné, óculos, postura – sempre que saía em público.

Naquele dia, ele foi a um café em uma cidade vizinha, a 50 km de Rosvik. Enquanto bebia um chocolate quente, observava os moradores locais. Gente simples, com vidas simples. Pessoas que não sabiam que um guerreiro silencioso lutava por elas nas sombras.

De volta à cabana, Kael analisou os dados roubados do computador de Filip. Havia um padrão: Nidhogg usava *cryptowallets* anônimas, mas sempre convertia parte do dinheiro para uma conta em um banco digital da Estônia.

Era uma brecha.

Kael começou a montar o quebra-cabeça.

Sua investigação revelou que Nidhogg não agia sozinho. Ele fazia parte de uma rede maior, com lavagem de dinheiro envolvendo *shell companies* e negócios de fachada.

Mas Kael não queria apenas expôr o golpista. Ele queria devolver o dinheiro às vítimas.

Seu plano era ambicioso:

1. Localizar as *wallets* de criptomoedas usadas por Nidhogg.
2. Quebrar as senhas usando um ataque de *brute force* distribuído.
3. Transferir os valores de volta para as vítimas – de forma anônima e indetectável.

Para isso, ele precisaria de poder de processamento. Muito poder.

Foi então que lembrou de sua antiga “Botnet da Favela” – a rede de roteadores infectados que usara no Brasil. Desta vez, porém, ele não poderia usar o mesmo método. Os riscos eram altos demais.

Em vez disso, decidiu criar uma nova rede, usando servidores comprometidos de empresas de *hosting* com baixa segurança.

Kael passou dias escrevendo scripts personalizados, explorando vulnerabilidades em sistemas de *cloud* desatualizados. Ele não queria causar danos – apenas “pegar emprestado” a capacidade de processamento.

Enquanto codificava, sonhava acordado.

Via sua avó, dona Lúcia, sentada na varanda, cuidando de suas plantas.

Via Miguel, o garoto assassinado no Bairro da Cruz.

Via as vítimas de Nidhogg – confusas, assustadas, traídas pela tecnologia que mal entendiam.

Cada linha de código era uma promessa.

Quando a rede de processamento ficou pronta, Kael a batizou de “Rede Fantasma”. Ela operaria de forma efêmera, dissipando-se após a missão, sem deixar vestígios.

Agora, era hora de atacar.

O primeiro alvo foi uma *wallet* Bitcoin com saldo equivalente a R\$ 500 mil. Kael estimou que levaria cerca de 72 horas para quebrar a senha usando a Rede Fantasma.

Enquanto o ataque corria, ele monitorava os movimentos de Nidhogg nos fóruns da *dark web*. O golpista parecia agitado – talvez suspeitasse que estava sendo caçado.

Em um fórum, Nidhogg postou uma mensagem cifrada:

“*O dragão sente o cheiro de caça. Cuidado com as sombras.*”

Kael sorriu. Ele era a sombra.

Mas sua satisfação durou pouco.

Algo inesperado aconteceu.

Enquanto Kael se concentrava em Nidhogg, ele cometeu um erro – um pequeno descuido.

Ao acessar um servidor público em Bergen para testar uma ferramenta, ele usou uma conexão Wi-Fi aberta, mas esqueceu de ativar a VPN por alguns segundos.

Foi o suficiente.

Um *sniffer* – possivelmente de um grupo rival ou de uma agência de vigilância – capturou um pacote de dados com uma assinatura digital similar à de “Cifra”.

Kael não percebeu na hora.

Mas alguém, em algum lugar, agora tinha uma pista.

Enquanto isso, o ataque à *wallet* de Nidhogg foi bem-sucedido. Kael acessou o saldo – R\$487.320,17 em Bitcoin.

Agora, vinha a parte delicada: devolver o dinheiro.

Ele não podia simplesmente transferir para as contas originais – os golpistas ainda teriam acesso. Em vez disso, criou um sistema de doações anônimas, no mesmo procedimento:

- Comprou vales-compra online e enviou pelos correios para os endereços das vítimas.
- Pagou contas de água, luz e gás diretamente, usando os dados das vítimas.
- Para alguns, fez depósitos em espécie em suas contas, com a descrição “Restituição por erro bancário”.

Cada ação era feita com extremo cuidado, sempre através de conexões anônimas e com recursos que não poderiam ser rastreados até ele.

Enquanto devolvia o dinheiro, Kael acompanhava as reações das vítimas através de grupos de apoio online.

Havia alívio, desconfiança, gratidão. Muitos choravam. Outros agradeciam a “Deus ou ao destino”.

Nenhum suspeitava do fantasma por trás daquela justiça silenciosa.

Kael sentiu uma paz rara. Era um alívio amargo – ele sabia que aquela era apenas uma batalha vencida em uma guerra interminável.

Mas, por um momento, permitiu-se sentir orgulho.

O capítulo termina com Kael olhando para o mar congelado de Rosvik.

Ele sabia que Nidhogg ainda estava por aí. Sabia que outros dragões surgiriam.

Mas, naquele instante, ele não era um fugitivo, um justiceiro ou um nômade.

Era apenas um homem que havia feito a coisa certa.

E, às vezes, isso era o suficiente.

CAPÍTULO 11: OPERAÇÃO RESGATE

A chuva fina de Oslo grudava na janela do quarto de hotel como lágrimas sujas. Dois anos desde que Kael tinha visto seu próprio rosto em um espelho sem ser através do reflexo distorcido de uma tela ou da janela de um trem em movimento. Agora, como Lukas Iversen, ele observava a cidade escandinava através de um véu de água, seu quarto minimalista e impessoal um contraste gritante com a bagunça controlada de seu quarto-laboratório no Bairro da Cruz.

Sua mochila, sua companheira constante na vida nômade, estava encostada na cadeira, mas agora era uma ferramenta profissional, não um kit de sobrevivência. Dentro, o laptop ultrafino com o logotipo discreto do PST, os *burner phones* fornecidos pela agência, e os *drives* criptografados substituíam os equipamentos caseiros e os rolos de dinheiro vivo.

Uma notificação discreta piscou no seu terminal seguro. Anders, seu controlador, havia enviado um dossiê. O assunto: "Operação Resgate". O alvo: um *banker* conhecido apenas como "Sereia", especializado em golpes contra idosos na Escandinávia.

Kael abriu o arquivo, seus olhos percorrendo os detalhes. Fotos de vítimas. Relatos de famílias destruídas. Idosos que perderam economias de uma vida em golpes de suporte técnico falso e *phishing* personalizado. Uma senhora de 78 anos, Aina Johansen, havia perdido 300.000 coroas norueguesas - sua aposentadoria completa - após uma chamada falsa do "banco". Ela foi encontrada inconsciente em seu apartamento, uma overdose de remédios para pressão ao lado, uma nota de desculpas para os filhos.

Algo antigo e familiar despertou dentro de Lukas. Um calor que ele não sentia desde os dias de "Cifra". Não era apenas raiva. Era um reconhecimento. Esses idosos eram os Migueis de um mundo diferente. Os indefesos, os esquecidos, os que o sistema falhava de maneira tão gritante. A Sereia não era um inimigo abstrato; era um

predador que devorava os mais fracos, e Kael sabia exatamente o que fazer com predadores.

Anders apareceu na tela, sua imagem nítida via conexão segura.
"Lukas. O dossiê foi revisado?"

"Sim," a voz de Lukas era neutra, mas seus olhos não deixavam a tela das fotos das vítimas. "É repugnante."

"Concordo. Sua missão é infiltrar a operação da Sereia, identificar o fluxo de dinheiro e recuperar os fundos, se possível. A prioridade é a inteligência, não a recuperação. Queremos a rede completa."

Lukas manteve a expressão impassível. *A prioridade é a inteligência.* Para Anders, era mais uma operação. Para o que restava de Kael dentro dele, a recuperação era a única prioridade.

"Entendido," ele respondeu. "Início a análise imediata."

Os dois dias seguintes foram um mergulho profundo na mente da Sereia. Lukas operava de sua sala segura dentro das instalações do PST, um cubículo estéril com conexão de internet de alta velocidade e ferramentas que fariam o Kael de dois anos atrás babar de inveja.

Ele começou pelo vetor de ataque: o malware. Usando uma identidade digital criada pelo PST, ele se infiltrou em fóruns da *dark web* onde a Sereia recrutava "laranjas" - pessoas que alugavam suas contas bancárias por uma taxa para receber o dinheiro roubado. Lá, ele encontrou uma amostra do cavalo de troia usado pela Sereia, disfarçado de atualização de segurança de um banco norueguês.

Em uma máquina virtual isolada, Lukas executou o malware. Ele observou, fascinado e revoltado, enquanto o código se instalava silenciosamente. Era sofisticado. O trojan não apenas roubava credenciais bancárias, mas também interceptava SMSs de

autenticação de dois fatores e se escondia usando técnicas de *rootkit* que Lukas reconheceu como adaptadas de grupos APT russos.

"Ela é boa," ele sussurrou para si mesmo, analisando o código desmontado na ferramenta de engenharia reversa do PST. "Muito boa para estar apenas golpeando idosos."

O malware se comunicava com um servidor de Comando e Controle (C2) cujo endereço IP mudava a cada 24 horas usando um *Domain Generation Algorithm* (DGA) - um método para criar milhares de domínios potencialmente novos a cada dia, tornando quase impossível bloquear a comunicação. Quase.

Lukas escreveu um script personalizado para prever os próximos domínios do DGA com base em um *seed* que ele extraiu do código do malware. Em seis horas, ele tinha uma lista de 50 domínios que o servidor C2 usaria na próxima semana. Ele implantou *sensores* do PST para monitorar esses domínios, esperando que um deles se tornasse ativo.

Enquanto o código rodava, ele voltou sua atenção para as vítimas. Usando os poderes de investigação do PST, ele acessou os registros bancários de Aina Johansen e de outras vítimas. O padrão era sempre o mesmo: transferências PIX ou SEPA para contas de laranjas, seguida por uma rápida cadeia de transações para *wallets* de criptomoedas, principalmente Bitcoin, em *exchanges* pouco regulamentadas.

O dinheiro desaparecia no labirinto da blockchain em questão de horas. A Sereia era rápida e eficiente. Mas Lukas notou um detalhe crucial: todas as *wallets* de Bitcoin finais, antes da conversão para moedas mais anônimas como Monero, passavam por um serviço de *mixing* específico, o "CryptoClean".

Um serviço de *mixing* ou *tumbler* é como um lavanderia de dinheiro digital: ele recebe criptomoedas de várias fontes, as mistura e as devolve para endereços diferentes, dificultando o rastreamento. O CryptoClean era notório por sua falta de *KYC* (conheça seu cliente) e por suas taxas exorbitantes.

Aqui estava uma possível brecha. Serviços de *mixing*, por mais anônimos que sejam, ainda precisam operar. Eles têm servidores, endereços IP, e às vezes - especialmente os administrados por criminosos gananciosos - cometem erros.

Lukas iniciou um ataque de *OSINT* (Open Source Intelligence) contra o CryptoClean. Ele cruzou menções em fóruns, análises de transações na blockchain, e até mesmo registros de domínio associados a endereços de e-mail usados para promover o serviço.

Enquanto trabalhava, uma memória invadiu sua concentração. Ele lembro de Dona Geni, uma vizinha de 70 anos do Bairro da Cruz, que havia sido enganada por um falso técnico da TV a cabo e perdeu o dinheiro do aluguel. Kael, na época com 16 anos, não pôde fazer nada além de ajudá-la a pagar o mês com seus ganhos consertando celulares. A sensação de impotência era a mesma. Só que agora, ele não era mais um adolescente impotente.

Seu terminal emitiu um *bip* suave. Um dos domínios que ele previu para o DGA da Sereia estava ativo. O servidor C2 estava online.

Lukas sorriu, um gesto raro e sem calor. Era hora de invadir o covil da Sereia.

Acessar o servidor C2 diretamente seria um suicídio digital. A Sereia certamente teria alarmes e medidas anti-intrusão. Em vez disso, Lukas usou uma tática mais sutil: envenenamento de *DNS*.

Ele criou uma réplica perfeita do painel de login do servidor C2 da Sereia e a hospedou em um dos domínios que ele previu e que

ainda não estava ativo. Usando uma vulnerabilidade no roteador do próprio provedor de hospedagem da Sereia (uma falha que o PST conhecia e guardava para uso próprio), ele redirecionou temporariamente o tráfego do domínio real da Sereia para sua réplica falsa.

Quando um dos operadores de laranja da Sereia tentou fazer login alguns minutos depois, ele caiu na armadilha. Ele digitou seu nome de usuário e senha na página falsa, que registrou suas credenciais e então redirecionou-o elegantemente para o site real, dando a impressão de que ele havia digitado a senha errada na primeira tentativa.

Em menos de uma hora, Lukas tinha uma lista de dezenas de credenciais de operadores de baixo nível. Mas ele não queria os peixes pequenos. Ele queria a Sereia.

Analizando os logs de acesso que conseguiu capturar, ele identificou uma conta com privilégios administrativos. O usuário "Nereus". Na mitologia grega, Nereus era o pai das Nereidas, ninfas do mar... incluindo as sereias. Ele havia encontrado o operador principal, possivelmente a própria Sereia.

A conta de Nereus era protegida por autenticação de dois fatores. Mesmo com a senha, ele precisaria de um código de um *token* físico ou aplicativo. Era um beco sem saída? Não para Lukas.

Ele notou que Nereus sempre fazia login de um mesmo endereço IP, localizado em um subúrbio de Amsterdam. Era um risco operacional - um administrador experiente usaria uma VPN. Talvez Nereus fosse confiante demais, ou talvez precisasse de baixa latência para suas operações.

Lukas decidiu por uma abordagem de *phishing* direcionado, ou *spear phishing*. Usando as credenciais de um dos operadores de baixo nível que ele capturou, ele acessou o servidor C2 real e enviou

uma mensagem interna para Nereus, disfarçada de um alerta do sistema:

"Alerta de Segurança: Tentativa de login não autorizada detectada na sua conta de administrador a partir de IP russo. Para sua proteção, solicitamos que você verifique sua identidade reautenticando-se com seu token de backup. Clique aqui para proceder."

O link "clique aqui" levava a outro site falso controlado por Lukas, que simulava a página de autenticação de dois fatores do painel da Sereia. Se Nereus inserisse o código do seu token, Lukas o capturaria e usaria imediatamente para fazer login na sessão real.

Foi uma espera agonizante. Lukas observou os logs em tempo real, seu coração batendo mais rápido. Ele não estava apenas caçando um criminoso; estava provando para si mesmo que "Cifra" ainda estava vivo dentro de Lukas Iversen.

Quinze minutos depois, a armadilha foi acionada. Nereus caiu no golpe. Um código de autenticação de seis dígitos apareceu no log do site falso. Lukas o copiou e, com velocidade que vinha de anos de prática, fez login no painel administrativo real do servidor C2 da Sereia.

Ele estava dentro.

O painel de controle da Sereia era uma visão assustadora. Uma lista rolante de milhares de vítimas, seus dados bancários, saldos, e o status de cada ataque. Lukas viu os nomes de Aina Johansen e de outras centenas de idosos. Viu o valor total roubado: mais de 50 milhões de coroas norueguesas. Uma fortuna sangradagota a gota dos mais vulneráveis.

Sua raiva era um metal frio em suas veias. Ele focou na funcionalidade de saque. A Sereia tinha um sistema automatizado

que esvaziava as contas dos laranjas e enviava o dinheiro para uma carteira de Bitcoin central antes de passar pelo CryptoClean.

Aqui estava sua chance. Ele não podia simplesmente transferir o dinheiro para suas próprias contas - seria rastreável e o colocaria em risco com o PST. Ele precisava de um método tão anônimo quanto o da Sereia, mas com um propósito diferente.

Ele descobriu que a Sereia mantinha uma "carteira quente" - uma *wallet* de criptomoeda conectada à internet - com fundos de operação, cerca de 5 milhões de coroas em Bitcoin, para pagar despesas e laranjas. Era uma quantia enorme para manter online, outra demonstração de arrogância.

Lukas acessou a chave privada da carteira quente, que estava absurdamente armazenada em texto simples em um arquivo de configuração no servidor. Um erro amador, possivelmente por comodidade. A Sereia era tecnicamente habilidosa, mas operacionalmente descuidada.

Agora, ele tinha controle total sobre os fundos operacionais. Mas o que fazer com eles? Devolvê-los diretamente para as vítimas era impossível - as transações seriam revertidas ou os laranjas seriam responsabilizados. Ele precisava de um intermediário.

Foi então que ele lembrou de uma técnica que ele mesmo desenvolveu como "Cifra": a Cascata de Boas Ações. Ele não roubaria o dinheiro para si. Ele o usaria para compensar as vítimas de forma anônima e indireta.

Seu plano era audacioso e complexo. Ele executaria uma série de transações que pareceriam um ataque de um concorrente ou uma falha interna da operação da Sereia.

Primeiro, ele usou os Bitcoins da carteira quente da Sereia para comprar *vouchers* de supermercado, cartões-presente de farmácias

e vales-combustível em sites legítimos. Ele usou os próprios *scripts* de automação da Sereia contra ela, modificando-os para fazer compras em vez de saques.

Cada compra era feita para ser entregue em um endereço diferente: asilos, centros comunitários para idosos, igrejas que tinham programas de assistência. Ele escolheu instituições nas mesmas cidades das vítimas, priorizando aquelas que Aina Johansen e outras vítimas conhecidas poderiam frequentar.

Para evitar suspeitas, ele fracionou os valores e usou diferentes sites e *proxies*. Em trinta minutos, 2 milhões de coroas em suprimentos e vales estavam a caminho de dezenas de instituições de caridade em toda a Escandinávia.

A segunda parte do plano era mais arriscada. Ele acessou os registros das vítimas no servidor C2 e extraiu os endereços de e-mail. Usando um servidor de e-mail descartável, ele enviou mensagens criptografadas para cada uma, contendo instruções detalhadas de como solicitar um "reembolso de seguro contra fraudes" de uma seguradora fictícia - na verdade, um *front* digital que ele criou rapidamente.

O "processo de reembolso" envolvia verificar sua identidade e fornecer detalhes da conta bancária. Quando as vítimas (ou seus familiares) respondessem, ele usaria o resto dos fundos da Sereia para fazer transferências PIX/SEPA diretamente para suas contas, mascarando a origem como um pagamento de seguro legítimo.

Era um plano com falhas. Algumas vítimas poderiam desconfiar, outras poderiam não entender as instruções. Mas era a melhor forma que ele concebeu para devolver o dinheiro diretamente às pessoas sem levantar suspeitas imediatas sobre sua interferência.

(Página 8)

Ele estava no meio do processo quando um alarme silencioso disparou em seu terminal. O acesso administrativo de Nereus havia sido revogado. A Sereia percebeu a invasão.

Lukas agiu rápido. Ele iniciou um *script* de limpeza que apagaria todos os logs do servidor relacionados à sua atividade. Enquanto o *script* rodava, ele fez uma última coisa: plantou uma evidência digital falsa.

Usando uma técnica que o PST ensinou, ele modificou alguns logs para sugerir que a invasão foi obra de um grupo hacktivista rival, os "Cyber Justiceiros", que eram conhecidos por atacar esquemas de fraude online. Ele deixou sua "assinatura" - uma pequena imagem de um tridente, o símbolo dos Cyber Justiceiros - escondida nos arquivos de configuração.

Saiu do servidor C2, apagando todos os rastros de sua conexão. Seu coração batia forte, mas sua mente estava calma. Ele havia feito o que era certo. "Cifra" estava de volta, mesmo que por algumas horas.

Minutos depois, seu telefone seguro do PST tocou. Era Anders.

"Lukas. Relatórios estranhos estão chegando. Instituições de caridade em toda a região estão recebendo doações anônimas massivas em vales. E o servidor da Sereia caiu. O que você fez?"

Lukas manteve a voz estável. "Infiltrei-me no servidor C2 para coleta de inteligência, como ordenado. A Sereia deve ter detectado minha presença e iniciado um procedimento de emergência, incluindo a distribuição de fundos para disfarçar seu rastro. Plantei informações de que foi um ataque de um grupo hacktivista."

Houve um silêncio prolongado do outro lado da linha. Anders era inteligente demais para não desconfiar.

"Inteligência valiosa foi obtida?" Anders perguntou, sua voz neutra.

"Sim. Tenho a lista completa de vítimas, métodos operacionais, e endereços de *wallets* de criptomoedas. A rede está comprometida."

"Bom. Traga os dados para o debriefing às 16h. E, Lukas..." Anders fez uma pausa calculada. "...lembre-se de que somos uma agência de inteligência, não uma organização de caridade. Nossa missão é coletar informações, não administrar justiça."

A ligação terminou. Lukas olhou para a tela, onde os últimos e-mails de "reembolso" estavam sendo enviados para as vítimas. Ele sabia que enfrentaria consequências por seu desvio. Mas ao ver o nome de Aina Johansen na lista de destinatários, uma paz estranha o invadiu.

Naquele mesmo dia, em um asilo em Oslo, idosos recebiam vales de supermercado que garantiriam comida de qualidade por meses. Em Bergen, uma igreja local recebeu uma doação anônima que pagaria por medicamentos para seus frequentadores mais velhos. E em suas casas, pessoas como a família de Aina Johansen recebiam e-mails que trariam um alívio financeiro inesperado.

Lukas Iversen arquivou seus relatórios para o PST, omitindo certos detalhes. Kael, em algum lugar dentro dele, guardava o verdadeiro relatório em sua memória. A Operação Resgate não foi um sucesso completo para o PST, mas foi uma vitória decisiva para "Cifra". Ele provou para si mesmo que, não importava quantas camadas de Lukas Iversen o PST colocasse sobre ele, o núcleo de justiça que impulsionava Kael ainda estava lá, intacto e mais perigoso do que nunca.

O custo, ele sabia, viria mais tarde. Anders não era um homem para ser enganado. Mas por agora, enquanto a chuva continuava a cair sobre Oslo, Lukas Iversen permitiu-se um único, breve e genuíno sorriso. O justiceiro ainda respirava.

(Página 10 - Cena Adicional: O Resgate de Aina)

CENA: Apartamento de Aina Johansen, subúrbio de Oslo. Três dias após a Operação Resgate.

A filha de Aina, Solveig, segura o tablet com mãos trêmulas. A tela mostra o aplicativo do banco. Um depósito de 75.000 coroas norueguesas havia aparecido na conta de sua mãe, descrito como "INDENIZAÇÃO SEGURO FRAUDE - PROCESSO AUTOMATICO".

"Aina? Mãe, olhe isso," Solveig sussurrou, suas palavras carregadas de uma esperança que ela temia expressar em voz alta.

Aina, sentada em sua poltrona preferida com um cobertor sobre os joelhos, olhou com olhos que ainda carregavam a sombra da traição. Ela não entendia bem a tecnologia, mas entendia o alívio no rosto da filha.

"É verdade, mãe. É dinheiro de volta. Uma parte, pelo menos." Solveig abraçou a mãe, as lágrimas rolando livremente. "Você não precisa se preocupar. Nós cuidaremos de você."

Aina pegou a mão da filha, seus dedos finos e ossudos apertando com uma força surpreendente. Ela olhou pela janela, para o céu cinza de Oslo. Alguém, em algum lugar, tinha ouvido seu desespero silencioso. Não era um milagre da fé, mas um ato de justiça digital que ela nunca compreenderia. E, de certa forma, isso tornava o gesto ainda mais poderoso.

Em sua sala segura, Lukas observava uma foto de Aina e Solveig abraçadas, tirada por um ativo do PST que monitorava a família discretamente. Ele deletou a imagem imediatamente, violando outro protocolo. Algumas recompensas, ele decidiu, não precisavam ser registradas em nenhum relatório.

CENA: Sala de reuniões do PST, Oslo.

Anders estava sentado na cabeceira da mesa de vidro fosco. Lukas, do outro lado, mantinha uma postura profissional.

"Os Cyber Justiceiros reivindicaram a responsabilidade pelo ataque à Sereia em seus canais habituais," Anders disse, examinando Lukas. "Uma coincidência conveniente."

"Parece que se beneficiaram da confusão que causei," Lukas respondeu, mantendo o contato visual. "Plantei a pista, mas não esperava que eles assumissem a autoria."

Anders inclinou-se para frente. "A Sereia desapareceu. Sua operação está em frangalhos. E 5 milhões de coroas em fundos operacionais... evaporaram. Redistribuídos para... causas de caridade." Ele disse a última palavra com um misto de desdém e curiosidade. "Você acha isso eficiente, Lukas? Um resultado limpo?"

Lukas pensou por um momento. "A rede foi desmantelada. A inteligência foi coletada. O criminoso foi neutralizado. O público foi, de certa forma, compensado. Sim, considero um resultado aceitável."

"Aceitável," Anders repetiu, saboreando a palavra. "Não é o termo que eu usaria. É... desordenado. Mas inegavelmente eficaz." Ele fechou a pasta. "A Operação Resgate está encerrada. Você demonstrou iniciativa, Lukas. Iniciativa pode ser uma qualidade valiosa. Desde que direcionada corretamente."

A mensagem era clara: você escapou desta, mas estou de olho em você.

Ao sair da sala, Lukas sentiu o peso do olhar de Anders em suas costas. Ele havia recuperado um fragmento de sua alma naquela

operação, mas havia colocado sua nova vida em risco. O jogo entre Kael e Lukas Iversen tornara-se muito mais perigoso.

Naquela noite, em seu quarto de hotel, Lukas não conseguia dormir. Ele abriu um arquivo criptografado em seu laptop, um arquivo que nem o PST conhecia. Era um diário digital que ele mantinha, não em palavras, mas em linhas de código. Fragmentos de algoritmos que ele escrevera como "Cifra", ideias para ferramentas de justiça digital, a lógica por trás do "Saque Fantasma".

Ele olhou para o código que se tornara a "Cascata de Boas Ações". Era desajeitado, comparado com as ferramentas elegantes do PST. Mas tinha um coração. Uma intenção pura que as ferramentas burocráticas de Anders nunca teriam.

A Operação Resgate mostrou a ele a verdadeira fronteira de sua guerra. Não era mais entre Kael e o crime do Bairro da Cruz, ou entre Lukas e as ameaças à segurança nacional. Era uma guerra dentro de si mesmo. Entre o homem que ele era forçado a ser e o justiceiro que ele escolhera se tornar.

Ele fechou o arquivo, apagando-o da RAM. O conforto era saber que "Cifra" ainda existia, não como uma persona, mas como um princípio codificado em sua própria mente. Um vírus de justiça esperando pela próxima oportunidade de infectar o sistema.

O preço daquela recaída ainda estava por vir. Mas naquele momento, olhando para a cidade adormecida, Lukas Iversen sentiu algo que há muito tempo não sentia: integridade. E para um homem que vivia uma mentira, era um sentimento mais perigoso e viciante do que qualquer hack.

CAPÍTULO 12: CAPTURA NO ÁRTICO

O frio era uma entidade viva em Rosvik. Não o frio brasileiro, aquele que dava trégua ao amanhecer ou permitia o abrigo entre quatro paredes. Este era um frio primordial, que habitava os ossos, sussurrava através das frestas das janelas e prometia uma morte silenciosa para quem o subestimasse. Kael, agora sob a identidade descartável de “Lars”, entendera isso nos primeiros cinco minutos após descer do caminhão que o deixara na beira da estrada principal, a quinze quilômetros dali.

Era outono, mas o outono no norte da Noruega, acima do Círculo Polar Ártico, era um prenúncio do inferno gelado que estava por vir. O sol, um disco pálido e distante, já se arrastava baixo no horizonte às duas da tarde, lançando sombras longas e azuladas que pareciam sugar toda a cor do mundo. A paisagem era de uma beleza desoladora e implacável: montanhas negras coroadas de neve mergulhando em fiordes de água escura como azeviche, pontuados por casinhas de madeira vermelha e branca, resistentes como unhas cravadas na terra hostil.

Kael respirava fundo, o ar cortando seus pulmões como lâminas. Sua mochila, sua única companheira constante, pesava em seus ombros não pelo conteúdo, mas pelo simbolismo. Era o último fragmento de seu mundo anterior, um casulo que carregava os segredos de Cifra e os traumas de Kael. Ele a ajustou, sentindo o contorno familiar do laptop ultrafino, dos *burner phones*, do rolo de notas norueguesas e do dispositivo de VPN portátil. Era um kit de sobrevivência digital, inútil contra a natureza raw que o cercava.

A cabana que alugara – ou melhor, que “Lars” alugara através de um site obscuro com criptomoedas – ficava à beira da vila. Rosvik não era uma cidade; era um suspiro no mapa. Trezentas e vinte almas, a maioria pescadores e seus descendentes, unidas por gerações de luta contra os elementos. Eles se comunicavam com olhares, com pausas, com um conhecimento ancestral do lugar. Um estranho era tão óbvio quanto um urso polar em Copacabana.

A cabana era espartana, mas sólida. Madeira envelhecida pelo sal e pelo vento, um pequeno fogão a lenha, uma cama estreita e uma mesa. A eletricidade era fornecida por um gerador ruidoso e instável. A conexão com o mundo exterior era um ponto de Wi-Fi fraco e público, localizado na mercearia da vila, a meio quilômetro de distância. Para Kael, acostumado a conexões de múltiplos gigabits e anonimato digital absoluto, era como voltar à idade da pedra. E, no entanto, era perfeito. Quem procuraria por um dos hackers mais procurados do Brasil em um lugar que sequer aparecia em GPS?

Os primeiros dias foram de ajuste e paranoia aguçada. Cada rangido da madeira, cada uivo de vento era um alarme. Ele dormia em intervalos curtos, acordando sobressaltado com o silêncio – um silêncio tão profundo que doía nos ouvidos. Sua rotina era meticulosa: acordar, verificar os sensores caseiros que instalara ao redor da cabana (fios de cabelo presos com cola nas portas e janelas), preparar uma refeição simples com as provisões que trouxera, e então, a parte mais arriscada do dia: a peregrinação à mercearia.

Era ali, sentado em um canto escuro, com um café amargo e caro que ele nem gostava, que ele se conecta. A “Mercearia de Erik” era o coração de Rosvik. Mais do que um comércio, era um centro de inteligência local. Erik, o dono, um homem de sessenta anos com olhos azuis claros que pareciam ver através das almas, era o gatekeeper. Sua esposa, Ingrid, operava o caixa com um sorriso polido, mas distante. E os pescadores, com seus suéteres grossos e mãos calejadas, observavam tudo com a desconfiança natural de quem vive do mar.

Kael – Lars – mantinha a cabeça baixa. Respondia com monossílabos em um inglês ruim quando necessário. “Sim.” “Não.”

“Obrigado.” Sua lenda de cobertura era frágil: um escritor norueguês-canadense em busca de silêncio para um livro. Ele praticava a história no espelho, mas as palavras soavam falsas em sua própria boca. Os olhos de Erik nunca se afastavam dele por muito tempo.

Duas semanas se passaram. A rotina começava a criar uma ilusão perigosa de segurança. A paranoia, outrora uma companheira constante, começava a ceder à exaustão. Foi nesse estado de vulnerabilidade que Kael cometeu seu primeiro erro.

Era uma quarta-feira. O vento soprava forte, trazendo o cheiro de gelo e mar. Kael entrou na mercearia, o capuz do casaco erguido contra o frio. Ele cumprimentou Ingrid com um aceno de cabeça e foi direto para a prateleira de enlatados. Suas compras eram sempre as mesmas: itens básicos, não perecíveis, que não chamassem atenção. Pão escuro, queijo *brunost* de sabor doce e peculiar, uma lata de salmão, uma barra de chocolate.

Ele se dirigiu ao caixa. Ingrid sorriu, o sorriso formal de sempre.

— “Hei. Ny her?” (Olá. Novo por aqui?), ela perguntou, como fazia toda vez.

Kael, com a mente já focada no protocolo de conexão que executaria em alguns minutos, respondeu no piloto automático, em inglês.

— “Just passing through.” (Só de passagem.)

O ar na pequena loja pareceu congelar. Até o rádio, que tocava uma melodia folk suave, pareceu se calar por um segundo. “Just passing through.” Em Rosvik, não se estava “de passagem”. Ou você estava lá por uma razão específica – pesquisa, família, trabalho – ou você não deveria estar lá. A resposta vaga foi um golpe na desconfiança coletiva.

Erik, que arrumava latas em uma prateleira próxima, parou. Seus olhos azuis se fixaram em Kael. Ingrid perdeu o sorriso.

Kael sentiu a mudança. O instinto gritou. *Erro. Erro estúpido.* Ele forçou um sorriso tenso e se virou para colocar os itens na esteira. Suas mãos, nuas e pálidas, tremeram levemente. Ele as odiava naquele momento – mãos de hacker, não de trabalhador. Mãos que nunca puxaram uma rede de pesca ou cortaram lenha.

Ingrid passou os itens em silêncio.

– “Tohundrekroner og fortii” (Duzentas e quarenta coroas), ela disse, sua voz sem a entonação calorosa de antes.

Kael acenou com a cabeça e abriu a mochila para pegar a carteira. A ansiedade o dominou. Ele a abriu mais do que deveria, expondo o interior por uma fração de segundo que foi uma eternidade.

Erik viu.

De seu ângulo, ele teve uma visão clara e nítida do conteúdo. Não eram as roupas de um escritor, ou os cadernos de um autor. Ele viu:

- Vários passaportes, de cores diferentes, presos juntos por um elástico forte.
- Pelo menos cinco celulares simples e idênticos – *burner phones*.
- Um rolo espesso de notas de 500 coroas, suficiente para sustentar uma família por meses.
- O dispositivo de VPN portátil, um equipamento que não tinha lugar no kit de um escritor.

Era o kit de um espião. De um criminoso. De um fugitivo.

O rosto de Erik não se alterou. Apenas seus olhos se estreitaram, calculando. Ele se lembrou dos boletins de segurança, dos avisos sobre tráfico, sobre contrabando através dos fiordes. Este homem, este “Lars”, não era um escritor.

Kael, sentindo o peso do olhar, fechou a mochila rapidamente, seu coração batendo como um tambor de guerra. Ele pagou com uma nota de 500, suas mãos visivelmente trêmulas agora. Ingrid examinou a nota contra a luz, um gesto desnecessário e deliberadamente insultuoso.

— “Tusen takk” (Mil gracias), ela disse, entregando o troco sem contato visual.

Kael pegou a sacola e saiu, sentindo os olhos de Erik, de Ingrid e dos dois pescadores no canto quebrando suas costas. A porta se fechou com um simples *click*, mas para ele soou como o fechar de uma tumba.

Fora, o crepúsculo ártico já dominava o céu, pintando-o de tons de roxo e laranja sinistros. O vento cortante agora parecia carregar vozes sussurrantes. Kael caminhou de volta para a cabana, cada passo uma batalha contra o pânico. Ele não quebrara nenhuma lei, mas quebrara a única lei que importava em Rosvik: a lei da transparência. Sua opacidade era uma ameaça.

Enquanto isso, dentro da mercearia, Erik já estava no telefone atrás do balcão. Ele não discou para a polícia local. Discou para um número direto do *Politiets sikkerhetstjeneste* (PST), o Serviço de Segurança da Polícia norueguesa.

— “Jeg vil melde om en mistenklig person i Rosvik,” (Quero reportar uma pessoa suspeita em Rosvik), sua voz era calma, mas firme. Ele descreveu “Lars” em detalhes: altura, constituição, a mochila preta, o comportamento evasivo, e, o mais importante, o conteúdo da mochila. — “Han har flere pass, mange telefoner. Mye pengar. Det er ikke en forfatter.” (Ele tem vários passaportes, muitos telefones. Muito dinheiro. Ele não é um escritor.)

Do outro lado da linha, um analista do PST começou a conectar os pontos. Um homem solitário, com múltiplas identidades,

equipamento de comunicação avançado, escondendo-se em uma vila remota do Ártico. O perfil era claro: um ator de alta ameaça.

De volta à cabana, Kael executou seu protocolo de emergência. Suas mãos, agora firmes pela adrenalina, voaram sobre o teclado do laptop. Ele se conectou à rede Wi-Fi pública através de uma cadeia complexa de VPNs e da rede Tor. A velocidade era agonizantemente lenta. Cada segundo era uma eternidade.

Ele precisava saber. Precisava acessar os canais de inteligência, os fóruns da dark web, ver se havia qualquer movimento, qualquer menção a Rosvik, à Noruega, a ele.

Enquanto os scripts rodavam, ele olhou pela janela. A escuridão era absoluta, quebrada apenas pela luz fraca de outras cabanas distantes. A vastidão gelada, que antes parecia um refúgio, agora se transformava em uma armadilha. Ele estava enjaulado não por paredes, mas por quilômetros de natureza intocada e hostil.

Sua mente retrocedeu para o Bairro da Cruz. Para o calor, para o caos, para o cheiro de terra molhada e comida de rua. Para sua avó. Uma pontada de saudade tão aguda quanto o frio exterior o atingiu. O que ele estava fazendo ali? A luta solitária, o preço da vigilância... valia a pena? Cifra nascera para proteger uma comunidade, e agora ele era uma ameaça para uma.

O laptop emitiu um sinal baixo. Um de seus *crawlers* encontrara algo. Um fio de conversa em um fórum fechado, criptografado, frequentado por grupos como o Cerberus. Havia uma menção vaga, um boato: “O fantasma brasileiro pode ter ido para o frio. Interesses noruegueses foram alertados.”

O sangue gelou em suas veias. Era muito vago, mas era suficiente. Eles não sabiam onde ele estava, mas estavam quentes. E a ligação de Erik para o PST certamente acenderia um farol gigantesco sobre sua cabeça.

Ele precisava sair. Agora.

Kael começou a empacotar. Tudo que era essencial: o laptop, os *drives* bootáveis, os *burner phones*, o dinheiro. O resto – roupas, comida, itens de higiene – seria deixado para trás. Ele olhou para o fogão a lenha, considerando queimar a cabana para destruir evidências, mas descartou a ideia. O fogo atrairia atenção imediata.

Ele estava no meio do processo quando uma luz branca e cegante irrompeu pela janela, iluminando o interior da cabana como se fosse dia. O som de um motor poderoso e suave preencheu o silêncio. Um veículo, não um carro de polícia comum, tinha subido a estrada de terra com uma eficiência assustadora.

Kael congelou. Eles tinham vindo rápido. Muito rápido. Demais para uma investigação de rotina.

Sua mente correu pelas opções. Fuga pela floresta? No escuro, no frio, sem equipamento de sobrevivência adequado, ele morreria em poucas horas. Confronto? Ele não tinha uma arma de fogo, apenas sua multi-ferramenta. Era inútil.

A resignação, fria e pesada, assentou sobre ele. A fuga havia terminado.

A porta da cabana não foi arrombada. Ela se abriu com um *click* suave, a fechadura tendo sido manipulada com uma perícia que falava de treinamento de elite. Três figuras vestidas com uniformes pretos e à prova de balas, com capacetes e viseiras baixadas, entraram. Eram fantasmas, impessoais e eficientes. Não disseram uma palavra.

Kael levantou as mãos lentamente. Não havia luta a ser travada.

Um dos homens se aproximou, e Kael viu a agulha em sua mão enluvada. Não era uma arma; era uma seringa.

— “Não resistia,” uma voz disse em inglês perfeito, vinda de um alto-falante no exterior do veículo. A voz era calma, quase educada, mas carregada de uma autoridade inquestionável. Era a voz de Anders, embora Kael não soubesse ainda.

Kael não teve tempo de reagir. A agulha encontrou seu pescoço, e uma sensação de frio se espalhou por sua veia jugular. O mundo começou a desfocar-se nas bordas, as luzes se fundindo em manchas brilhantes. Suas pernas cederam. Ele sentiu as mãos fortes dos homens o agararem antes que sua cabeça atingisse o chão.

Sua última consciência foi a sensação de ser carregado, da cabana escura desaparecendo de vista, e do rosto impassível de Erik, observando de longe, da janela iluminada de sua casa. O justiceiro tinha sido capturado não por um erro técnico, mas por um erro humano. Por ter subestimado o poder de uma comunidade unida e os olhos atentos de um velho mercador.

A escuridão o engoliu.

Kael acordou com uma dor de cabeça latejante e uma boca seca como palha. Ele estava em uma sala que não era uma cela, mas também não era um hospital. As paredes eram de um cinza esverdeado e fosco, absorvendo a luz. A mobília consistia em uma mesa de aço fixa no chão e duas cadeiras, uma das quais ele estava sentado, algemado a ela por um bracelete de aço. Não havia espelho unilateral, apenas uma câmera discreta no alto de um canto, sua luz vermelha piscando suavemente.

Ele estava vestindo um macacão de algodão cinza, sem etiquetas. Suas roupas, sua mochila, sua identidade – tudo lhe havia sido tirado. Ele se sentia nu, vulnerável de uma forma que nunca experimentara, nem mesmo nos piores momentos de sua fuga.

A porta se abriu sem ruído. Um homem entrou. Não se parecia em nada com os soldados que o capturaram. Usava um terno cinza-escuro, bem cortado, sapatos de couro polido e tinha o ar de um professor universitário ou de um executivo de alto escalão. Seu cabelo era grisalho e penteado com precisão, e seus olhos, de um azul quase tão pálido quanto os de Erik, examinaram Kael com uma curiosidade clínica. Ele carregava um tablet fino.

O homem sentou-se na cadeira oposta, colocando o tablet sobre a mesa. Seus movimentos eram econômicos, controlados.

— “Boa tarde, Kael,” ele disse, em inglês perfeito, com um sotaque suave que Kael não conseguiu identificar. — “Ou você prefere ‘Lars’? ‘Daniel’? Temos tantos nomes para escolher.”

Kael não respondeu. Ele baixou os olhos para a mesa, focando em um minúsculo arranhão na superfície de aço. Era uma técnica que ele desenvolvera, um ponto de ancoragem para evitar que seu cérebro se despedaçasse sob pressão. *Não dê informações. Não reconheça nada. Não mostre emoção.*

O homem – Anders, como Kael mais tarde saberia – não pareceu incomodado com o silêncio.

— “É uma habilidade impressionante, você sabe,” ele continuou, sua voz um sussurro quase conversacional. — “Viver como um fantasma por tanto tempo. O homem que não existia. Mas até fantasmas deixam um rastro de frio, Kael. E você deixou um rastro... digital... muito específico.”

Ele deslizou o dedo sobre a tela do tablet, mas não a virou para Kael.

— “O grupo ‘Cerberus’ manda lembranças, a propósito,” Anders disse, um quase-sorriso tocando seus lábios. — “Eles ficaram muito irritados com você. Ofereceram uma quantia generosa por qualquer

informação. Mas isso,” ele fez um gesto de desdém com a mão, “é um problema para depois.”

Ele se inclinou para frente, cruzando as mãos sobre a mesa. A proximidade era intimidatória.

— “Você não está preso por seus crimes, Kael. Roubar de traficantes? Perturbar a comunicação do crime? Para ser franco, para nós, isso é... ruído de fundo. Um problema local de um país distante.”

Kael sentiu um calafrio que não tinha nada a ver com a temperatura da sala. Eles estavam diminuindo sua guerra, sua cruzada. Estavam tratando Cifra como uma perturbação insignificante.

— “Você está aqui porque é uma incógnita,” a voz de Anders perdeu a suavidade, tornando-se afiada como uma lâmina. — “Uma variável perigosa. Um indivíduo não estatal com habilidades de nível APT, operando em solo europeu com uma motivação ideológica obscura. Isso é um pesadelo de segurança para pessoas como eu.”

Kael continuou em silêncio, mas um músculo em sua mandíbula começou a tremer involuntariamente. Ouvir sua vida, sua dor, ser reduzida a uma “variável perigosa” era uma violência psicológica profunda.

Anders suspirou, como se estivesse profundamente decepcionado.

— “Vamos parar com isso, Kael. Nós temos a mochila. Temos os drives. Nossa equipe já está desmontando suas ferramentas. A ‘Ferramenta Ganância’ é... engenhosa. Brutalista, mas engenhosa. E os registros... você foi um garoto ocupado.”

Ele tocou na tela do tablet mais uma vez, e desta vez, ele o virou.

Kael não pôde evitar. Seus olhos foram atraídos para a imagem em alta definição.

Era sua avó.

Ela estava sentada em um banco de praça em seu bairro no Brasil, usando o vestido florido que ele tanto gostava. Ela conversava com uma amiga, um sorriso cansado mas genuíno em seu rosto. A foto era recente. Muito recente.

Todo o ar saiu de seus pulmões. O mundo desabou. Sua fortaleza mental, construída com código e paranoia, evaporou naquele instante. Um som rouco e animal escapou de sua garganta. Ele puxou as algemas instinctivamente, o metal cortando sua pele.

Anders observou, impávido. Sua voz era agora um fio de aço gelado.

— “Os homens do ‘Caveira’ que sobraram... eles são pessoas vingativas, Kael. Eles não têm as restrições que eu tenho. Seria uma tragédia se... bem, você entende.”

Ele desligou o tablet. O silêncio que se seguiu foi mais aterrorizante do que qualquer gritaria. Kael estava ofegante, seus ombros subindo e descendo rapidamente. Eles tinham encontrado o único ponto de falha em seu sistema, a única brecha que não podia ser corrigida com código: o amor que ele deixara para trás.

— “Então, aqui estão suas opções,” Anders disse, levantando-se. Ele era alto, e sua silhueta parecia preencher a pequena sala. — “Opção Um: nós o deportamos para o Brasil. Com um relatório completo de suas atividades anexado ao seu nome. Eu duvido que você sobreviva um mês. Os homens do Caveira o encontrarão, ou o Cerberus, ou a polícia corrupta que você humilhou.”

Kael fechou os olhos, tentando controlar a onda de pânico.

— “Opção Dois:” a voz de Anders era clara e inescapável, “você deixa de ser um problema e começa a ser uma solução. Você trabalha para nós. Contra alvos que merecem sua... ira justificada.

Terroristas financeiros, redes de exploração que tornam o ‘Caveira’ um amador. Você para de ser um justiceiro de uma só cidade e se torna um cão de guarda para o mundo.”

Anders caminhou em direção à porta. Parou, sem se virar.

— “Você não é um prisioneiro, Kael. Você é um recurso. Pense nisso. A segurança da sua avó... e a chance de canalizar esse seu fogo para algo maior que sua vingança pessoal... dependem da sua próxima palavra.”

A porta se fechou com um *click* suave e final.

Kael ficou sozinho. As algemas pressionavam seus pulsos. O arranhão na mesa ainda estava lá. A imagem de sua avó queimava atrás de suas pálpebras fechadas.

Pela primeira vez desde que testemunhara a morte de Miguel, Kael sentiu uma lágrima quente escorrer por sua face, seguindo o caminho da sujeira e do suor ressequidos. Ela caiu na mesa de aço com um *plink* quase inaudível.

O grande hacker, o justiceiro temido, o fantasma digital, havia sido derrotado. Não por um código mais inteligente ou por uma força maior, mas pela exposição brutal de seu próprio coração.

Cifra estava morto. E Kael não tinha mais para onde correr.

Do lado de fora da sala de interrogatório, Anders observava a cena através do *feed* da câmera. Ele viu o homem curvado, a gota no rosto, os ombros sacudindo em um único e silencioso solavanco de desespero. Um sorriso satisfeito, quase paternal, tocou seus lábios.

Seu assistente, um jovem de óculos, aproximou-se.

— “Ele vai aceitar?”

Anders não tirou os olhos da tela.

— “Ele não tem escolha. Todos nós temos um ponto de ruptura. O

dele sempre foi óbvio. Ele luta pelos outros, nunca por si mesmo. É uma fraqueza admirável.”

Ele se virou para o assistente.

— “Prepare os documentos de recrutamento. E inicie o Protocolo de Apagamento. Kael, o brasileiro, precisa desaparecer completamente. Lukas Iversen está prestes a nascer.”

Na sala, Kael finalmente levantou a cabeça. Seus olhos, vermelhos e inchados, agora estavam secos. A dor ainda estava lá, uma ferida aberta e latejante, mas algo mais surgira dela: uma resignação fria e absoluta.

Ele olhou para a câmera, para o ponto vermelho que sabia ser os olhos de Anders. Ele não disse uma palavra. Não precisava. Sua rendição estava em seu silêncio, em sua postura quebrada.

Ele pensou no código. Sempre no código. A vida era apenas outro sistema para ser hackeado, com regras, vulnerabilidades e *backdoors*. Ele encontrara uma falha crítica em seu próprio sistema de segurança: a emoção. Agora, ele a removeria. Desativaria o módulo que continha Kael, o neto, o justiceiro.

Um novo script começou a rodar em sua mente. Um script de sobrevivência. De obediência. De vingança adiada.

Ele fechou os olhos mais uma vez, e quando os reabriu, um véu de gelo havia se formado sobre eles. A centelha de Cifra estava extinta. Restava apenas a ferramenta.

O frio do Ártico, afinal, havia conseguido o que nenhum hacker ou traficante conseguira: congelar sua alma.

CAPÍTULO 14: A MORTE DE KAEL

A sala era branca. Não um branco puro, mas o branco clínico de hospitais e laboratórios, um branco que sugava a alma. Kael – ou o que restava dele – estava sentado em uma cadeira de metal, vestindo um macacão cinza sem identificação. Não havia janelas, apenas uma câmera de segurança no canto do teto e uma mesa vazia à sua frente.

A porta se abriu com um silvo suave. Anders entrou, carregando apenas um tablet. Ele parecia tão impecável quanto sempre – terno cinza, postura ereta, olhos que pareciam ver através de todas as camadas de defesa que Kael havia construído ao longo dos anos.

– Bom dia, Kael – disse Anders, sua voz calma e neutra. – Ou devo dizer... Lukas?

Ele colocou o tablet na mesa e sentou-se, cruzando as pernas. Kael não respondeu. Seus olhos estavam fixos em um ponto na parede, treinados por anos de paranoia para nunca revelar emoção.

– O processo que começará hoje não é um treinamento – Anders continuou. – É uma transubstanciação. Kael, o justiceiro solitário, o fantasma digital, precisa morrer. E Lukas Iversen precisa nascer das cinzas. Você entenderá o porquê.

Anders tocou a tela do tablet. Uma imagem apareceu – a avó de Kael, sentada em um banco de praça em uma cidade que ele não reconheceu, conversando com uma mulher mais jovem. A data no canto da imagem era de dois dias atrás.

– Ela está segura – disse Anders. – Por enquanto. Sua cooperação determina se ela permanecerá assim.

Pela primeira vez desde que havia sido capturado, Kael sentiu algo se mover dentro dele – um frio que não tinha nada a ver com a temperatura ambiente.

— Vamos começar pelo funeral — disse Anders, deslizando o dedo sobre a tela. — O primeiro ritual de passagem.

Eles o levaram para uma sala adjacente, onde seus pertences estavam dispostos sobre uma mesa de aço. Sua mochila fiel, os *burner phones*, os drives USB, seu laptop personalizado. Dois técnicos vestidos com roupas de proteção brancas aguardavam.

— Você mesmo fará a honras — disse Anders, entregando-lhe um martelo de aço. — Comece.

Kael pegou o martelo. Suas mãos, que haviam digitado códigos que derrubaram impérios, tremeram levemente. Ele ergueu o martelo e atingiu o laptop. A tela estilhaçou-se, os componentes internos se despedaçaram. Cada golpe era um pedaço de sua antiga vida sendo destruído. Os *burner phones* foram os próximos, esmagados em pedaços de plástico e metal.

Quando chegou à mochila — a mesma que o acompanhara por milhares de quilômetros, que havia sido seu único lar — ele hesitou por um momento. Os olhos de Anders queimavam em suas costas.

— Tudo deve ir — a voz de Anders era suave, mas inflexível.

Kael destruiu a mochila, rasgando o tecido resistente e esmagando os bolsos internos. Quando terminou, estava ofegante, as mãos doloridas. Ele estava nu, despojado de todas as suas armaduras.

— Agora, o funeral digital — disse Anders, conduzindo-o a outra sala onde um computário estava montado.

Por seis horas, Kael trabalhou sob a supervisão de Anders e dos técnicos. Ele acessou cada uma de suas contas fantasma, cada fórum clandestino, cada canal de comunicação que havia usado como Cifra. Em cada um, ele postou uma mensagem final pré-aprovada: "Projeto encerrado. Seguirei em frente."

Em seguida, ele executou scripts de destruição que sobrescreveram os dados sete vezes com informações aleatórias antes de deletá-los permanentemente. Ele observou anos de trabalho, de identidade, de luta, desaparecendo em bits e bytes.

— Por que você mesmo está fazendo isso? — perguntou Kael, sua voz rouca pelo desuso.

— Porque você precisa testemunhar a morte — respondeu Anders.
— Precisa sentir cada fragmento de sua antiga existência sendo apagado. Só então Lukas poderá emergir.

Quando o último servidor foi limpo, Kael sentou-se diante da tela escura. Algo dentro dele havia se partido — não apenas a persona Cifra, mas algo fundamental de quem ele era.

— Agora, o juramento — disse Anders, colocando uma pilha de documentos na frente dele.

Eram contratos de sigilo, acordos de confidencialidade, documentos de posse sob a Lei de Segredos Oficiais da Noruega. Kael assinou cada um sem ler. O que mais importava?

— Um último detalhe — disse Anders, virando o tablet. — Assista.

Era um vídeo ao vivo de sua avó sendo ajudada a entrar em um carro por duas mulheres. O carro saiu e a câmera mudou para uma tomada aérea, mostrando o veículo se afastando.

— Ela está sendo realocada para um local seguro — explicou Anders. — Esta é a última vez que você a vê. Qualquer tentativa de contato, qualquer deslize, e a proteção desaparece. Ela voltará à vida que sempre teve, mas você saberá que a condenou.

Kael sentiu as últimas réstias de resistência se desfazerem dentro dele.

— Quem sou eu agora? — perguntou Kael, suas mãos vazias pousadas sobre a mesa vazia.

— Lukas Iversen — respondeu Anders. — Nascido em Trondheim, órfão, criado no sistema de assistência social. Um *loner* intelectual sem laços familiares. Sua papelagem já está plantada em todos os bancos de dados governamentais relevantes. — Ele deslizou uma carteira de identidade norueguesa através da mesa. — Esta é sua nova verdade.

Kael — agora Lukas — pegou o documento. A foto era dele, mas o rosto parecia pertencer a um estranho. Os olhos estavam vazios, a boca era uma linha fina e sem emoção.

— O treinamento começa amanhã — disse Anders. — Você aprenderá a ser um fantasma com licença para matar.

Dia 1 do Treinamento

A primeira lição foi sobre vigilância e contra-vigilância. Um instrutor chamado Bjørn, um homem baixo e musculoso com olhos que pareciam registrar tudo, conduziu Lukas através dos fundamentos.

— Você era bom em ser invisível digitalmente — disse Bjørn, caminhando por um ambiente urbano simulado dentro do complexo de treinamento. — Mas no mundo físico, você era amador. Deixou rastros por toda parte.

Eles praticaram como detectar se estavam sendo seguidos, como usar *dead drops* (pontos de entrega de informação), como criar uma *lenda de cobertura* convincente. Lukas aprendeu a mudar sua postura, sua maneira de andar, até mesmo a forma como segurava um garfo.

— Tudo é informação — Bjørn repetia incessantemente. — Sua postura, suas expressões faciais, o modo como você pisca. Tudo pode ser lido.

À noite, exausto, Lukas era submetido a sessões de interrogatório resistido. Eles usavam técnicas de privação de sono, luzes estroboscópicas, sons altos — tudo para quebrar sua resistência psicológica.

— Por que você está aqui, Lukas? — um interrogador gritava em seu rosto.

— Para servir à Noruega — ele respondia, repetindo o mantra que haviam lhe ensinado.

— Mentira! Você está aqui porque não tem para onde ir! Porque é um cachorro sem dono que nós recolhemos da sarjeta!

Lukas aprendia a manter a calma, a separar sua mente das emoções, a criar compartimentos mentais onde podia se esconder.

Dia 14 do Treinamento

Anders assumiu o treinamento em recrutamento e manipulação.

— Como Cifra, você explorava vulnerabilidades em sistemas — disse Anders, observando Lukas através da mesa. — Agora, você explorará vulnerabilidades em pessoas.

Eles estudaram casos de estudo de agentes duplos, traidores e informantes. Lukas aprendeu a identificar os quatro motivadores principais: dinheiro, ideologia, coerção e ego (MICE).

— Todo mundo tem uma fraqueza — Anders ensinava. — Encontre-a, explore-a, e você terá uma ferramenta.

Eles praticaram criar *personas* online convincentes, elaborar *pretextos* (cenários falsos) para extrair informações, e como recrutar ativos sem levantar suspeitas.

– Uma senha roubada por um insider é mais valiosa que uma falha explorada por uma semana – Anders repetia.

Lukas descobriu que tinha uma aptidão natural para isso. Anos como Cifra lhe deram uma compreensão intuitiva de como as pessoas pensavam, de quais eram seus medos e desejos. Mas usar essa habilidade a serviço de um governo lhe causava uma náusea constante.

Dia 28 do Treinamento

A próxima fase foi o aprimoramento técnico. Pela primeira vez, Lukas teve acesso às ferramentas que apenas governos possuem – *exploits* de dia zero, *malwares* que podiam persistir em *firmware*, plataformas de ataque integradas.

– Você era um artesão talentoso – disse a instrutora técnica, uma mulher chamada Solveig que não parecia ter mais de 25 anos, mas cujos olhos sugeriam décadas de experiência. – Agora você tem uma oficina de armas de alto nível à sua disposição.

Solveig lhe mostrou sistemas de análise de dados em massa que podiam cruzar informações de vigilância em massa, tráfego financeiro global e comunicações interceptadas.

– Encontre a agulha no palheiro digital – ela desafiou, dando-lhe um conjunto de dados aparentemente aleatórios.

Lukas passou horas mergulhado nos sistemas, descobrindo padrões onde outros viam apenas ruído. Ele encontrou uma rede de

lavagem de dinheiro operando através de três continentes, tudo a partir de dados aparentemente não relacionados.

– Impressionante – disse Solveig, observando seu trabalho. – Você tem o toque.

Mas o que mais o perturbou foi aprender operações de bandeira falsa – a arte de invadir um sistema e deixar pistas que apontavam para outro grupo.

– Às vezes, a melhor arma é o dedo apontando para o inimigo errado – explicou Solveig.

Dia 42 do Treinamento

A lição mais difícil foi aprender a trabalhar com a legitimidade do Estado.

– Como Cifra, você era um fora da lei – disse Anders. – Agora, você tem o poder do Estado norueguês por trás de você.

Eles visitaram uma corte secreta onde juízes especializados emitiam mandatos de busca e interceptação com base em evidências que nunca seriam admitidas em um tribunal aberto.

– Esta ordem – disse Anders, mostrando-lhe um documento – dá a você carta branca para invadir os servidores de um banco suíço. Legalmente.

Lukas sentiu uma vertigem moral. Anos lutando contra o sistema, e agora ele era o sistema.

Eles foram a centrais de dados do governo, onde Lukas pôde tocar em servidores que eram o coração da internet norueguesa. O poder era intoxicante e aterrador.

- Com grande poder vem grande responsabilidade – disse Anders, notando seu desconforto.
- Isso é de um quadrinho – respondeu Lukas, secamente.
- E não é menos verdade por isso – retrucou Anders.

Dia 56 do Treinamento

O treinamento físico foi onde Lukas mais lutou. Enquanto era ágil e tinha boa resistência, anos sentado em frente a telas o deixaram em desvantagem em comparação com os outros agentes.

- Você se move como um programador – zombou Bjørn durante uma sessão de artes marciais. – Pense menos, aja mais.

Lukas aprendeu técnicas básicas de defesa pessoal, como neutralizar rapidamente um oponente e como usar objetos comuns como armas. Ele odiava cada momento, sentindo que estava traindo a essência de quem era – um guerreiro digital, não um soldado físico.

Mas o que mais o perturbou foram as sessões de tiro. A primeira vez que ele segurou uma pistola Glock 17, suas mãos suaram. Era pesada, mortal, tão diferente do peso familiar de um laptop.

- É uma ferramenta – disse o instrutor de armas, um homem calmo chamado Erik. – Como seu teclado. Só mais definitiva.

Lukas descobriu que tinha uma pontaria naturalmente boa – sua capacidade de focar intensamente servia bem ao atirar. Mas cada vez que puxava o gatilho, sentia um pedaço de sua alma se desprendendo.

Dia 70 do Treinamento

A fase final foi a mais psicológica. Anders o submeteu a simulações de captura por serviços de inteligência hostis.

— Eles farão coisas muito piores do que nós — advertiu Anders antes de uma sessão particularmente intensa.

Por 72 horas, Lukas foi mantido acordado, submetido a interrogatórios agressivos, luzes brilhantes e ameaças contra sua avó. Eles tentaram fazê-lo admitir que ainda era leal a Cifra, que estava apenas fingindo cooperar.

— Você é Kael! — gritou um interrogador com sotaque russo. — Um menino perdido de uma favela brasileira! Você nunca será um deles!

Lukas resistiu, mantendo-se firme em sua persona de Lukas Iversen. Mas no fundo, a dúvida crescia. Quem era ele realmente?

No final da sessão, exausto e tremendo, ele se olhou no espelho unidirecional da sala de interrogatório. O rosto que olhou de volta era de Lukas Iversen — cabelo cortado curto, postura ereta, olhos vazios. Mas por um breve instante, ele viu Kael olhando de volta, um fantasma preso atrás dos olhos de um estranho.

Dia 84 do Treinamento

— Sua primeira missão de campo — anunciou Anders, entrando na sala de briefings onde Lukas esperava. — Um teste de tudo o que você aprendeu.

O alvo era um servidor na Islândia hospedando um fórum de extorsão *ransomware* que estava atacando hospitais na Escandinávia.

– Sua missão é invadir, extrair a lista de clientes e os códigos-fonte do *ransomware*, e plantar evidências que liguem o grupo a um coletivo hacktivista russo conhecido.

Lukas acenou com a cabeça, já entrando no modo operacional.

Ele foi levado para uma sala de operações escuras na sede do PST. Pela primeira vez desde que se tornara Lukas, ele estava de volta ao seu elemento – frente a uma tela, com um teclado sob seus dedos. Mas agora, ele tinha ferramentas que Cifra nunca poderia ter imaginado.

A invasão foi limpa e eficiente. Em menos de uma hora, ele tinha os dados necessários e havia plantado as evidências falsas. Quando ele pressionou o enter final, não houve a adrenalina furtiva de um justiceiro, o triunfo solitário de Cifra. Apenas o silêncio frio de uma tarefa concluída.

– Missão cumprida – ele disse para o intercomunicador.

– Bem-vindo à equipe, Lukas – respondeu a voz de Anders.

Naquela noite, sozinho em seu novo apartamento funcional – mobiliado, limpo e completamente impessoal – Lukas olhou para suas mãos. Elas estavam limpas, as unhas aparadas, as cutículas cuidadas. Nada lembrava as mãos sujas e calejadas de Kael.

Ele se olhou no espelho do banheiro. O rosto era de Lukas Iversen, operativo do PST. Os olhos eram de um estranho. Em algum lugar naqueles olhos, Kael estava morto e enterrado, suas esperanças, seus ideais, seu amor por sua comunidade – tudo reduzido a cinzas.

Ele era uma arma agora. Afiada, eficiente e completamente vazia.

O fantasma de Cifra estava morto. Lukas Iversen estava vivo. E no silêncio da noite norueguesa, ele não conseguia decidir qual era o maior destino.

CAPÍTULO 15: MISSÃO DE INICIAÇÃO

O silêncio na sala de operações do PST era tão absoluto que Kael podia ouvir o zumbido de baixa frequência dos servidores no andar abaixo. Dois anos se passaram desde que "Lukas Iversen" nasceu no gelo de Rosvik, mas nas veias do homem de 26 anos que agora observava uma parede de monitores ainda corria o sangue quente de Kael.

Anders estava a seu lado, as mãos cruzadas nas costas, o arquétipo do burocrata letal. "Esta não é uma operação de justiça, Lukas. É uma cirurgia. Precisão, não paixão."

O alvo piscava na tela principal: um servidor localizado em um data center em Reykjavik, Islândia. Ele hospedava "Nidhogg", um dos mercados de ransomware mais lucrativos da dark web.

Especificamente, uma célula especializada que estava atacando sistemas hospitalares escandinavos, criptografando registros de pacientes e exigindo resgates que, se não pagos, podiam significar a diferença entre a vida e a morte.

"O objetivo principal," Anders continuou, seu tom monocórdico delineando a missão, "é triplo. Um: extrair a lista completa de clientes da célula, com foco nos que financiaram os ataques aos hospitais. Dois: adquirir os códigos-fonte das variantes de ransomware personalizadas que eles usam. Três:..." Ele fez uma pausa dramática, seus olhos frios encontrando os de Kael.

"...Plantar evidências que liguem inequivocamente suas operações

ao coletivo hacktivista 'Fenris', um grupo proxy russo que temos interesse em desacreditar."

Kael sentiu um frio percorrer sua espinha. A primeira e a segunda partes eram nobres. A terceira era uma manipulação cínica. Era o tipo de jogo geopolítico que "Cifra" teria desprezado.

"Entendido," Kael respondeu, sua voz um eco plano e controlado de seu eu anterior.

"Esta é sua primeira missão não supervisionada," Anders disse. "Um teste de sua... assimilação. O firewall deles é um custom job. Muito bom. Sua janela é de quatro horas antes que os protocolos de rotação de autenticação tornem nossos acessos temporários inúteis. O relógio começa agora."

Anders saiu, deixando Kael sozinho na escuridão iluminada por monitores. Ele respirou fundo, as mãos pairando sobre o teclado. Esta não era sua batalha solitária em um quarto abafado. Ele era um cirurgião, e o PST estava fornecendo o bisturi mais afiado do mundo.

A primeira fase foi uma dança familiar. Ele usou uma backdoor não documentada em um protocolo de gerenciamento de rede, uma vulnerabilidade que o PST guardava como uma joia da coroa, concedendo-lhe acesso de baixo nível ao sistema de arrefecimento do data center. Não era uma invasão frontal; era como desligar silenciosamente a energia de um prédio antes de entrar.

Seus dedos voaram sobre o teclado, linhas de comando verdes fluindo nas telas. Ele estabeleceu um túnel de comunicação usando o tráfego de telemetria do próprio sistema de arrefecimento, um riacho de dados considerado irrelevante e,

portanto, não criptografado. Era um truque que ele teria adorado em seus dias de Cifra.

Dentro de trinta minutos, ele estava através do perímetro externo. O verdadeiro desafio começava agora: o núcleo fortificado do servidor "Nidhogg".

Enquanto ele trabalhava, sua mente vagava. Ele se lembrou do "Saque Fantasma", da sensação de poder cru e justiça poética ao drenar as contas dos traficantes. Aquilo era sujo, perigoso, mas *real*. Isso era... limpo. Estéril. Uma transação.

Ele abalou a cabeça, limpando a memória. *Foco. Você é Lukas agora.*

O sistema de detecção de intrusos (IDS) do "Nidhogg" era um trabalho artesanal, provavelmente desenvolvido por um ex-funcionário de alguma agência de segurança. Ele usava aprendizado de máquina para detectar padrões de tráfego anômalos, mesmo através de conexões ofuscadas.

Kael sorriu, um gesto raro e amargo. Ele tinha uma vantagem que nenhum hacker externo teria: as ferramentas de estado. Ele iniciou um programa do PST chamado "Quicksand" (Areia Movediça). Ele não tentou evitar o IDS; em vez disso, o inundou. O Quicksand gerou milhares de conexões falsas, simulando o comportamento de dezenas de hackers diferentes, todos ao mesmo tempo. Era como esconder um elefante em um rebanho de elefantes. O sistema de IA do IDS começou a se contorcer, sobrecarregado com dados contraditórios, incapaz de distinguir o sinal do ruído.

Enquanto o IDS estava ocupado tendo uma crise nervosa digital, Kael deslizou por uma porta dos fundos que ele havia identificado, direto para o banco de dados principal.

Ele estava dentro.

Por um momento, ele apenas olhou para a tela, a arquitetura do servidor "Nidhogg" desdobrando-se diante dele como um mapa do tesouro do mal. Era elegante, eficiente e profundamente cruel. Pastas organizadas por hospitais-alvo, com subpastas para "Resgates Pagos", "Resgates Pendentes" e, mais sombrio, "Sistemas Corrompidos".

Sua primeira tarefa era a lista de clientes. Ele executou um script de extração, copiando silenciosamente um arquivo criptografado chamado "benefactors.ndg". O segundo objetivo era o código-fonte. Ele o encontrou em um repositório seguro, protegido por uma chave de criptografia de 2048 bits. Isso exigiria mais tempo.

Foi então que ele viu. Em uma janela de log de chat ao vivo, uma conversa acontecia em tempo real. Dois operadores, com codinomes "Grendel" e "Mother", estavam discutindo um novo ataque.

Grendel: O hospital infantil em Oslo é o próximo. Seus backups são uma piada. O pagamento é de 200 BTC. Eles pagarão. Eles sempre pagam.

Mother: Os parâmetros de criptografia estão definidos? Nada de descriptografia, mesmo se pagarem. Mande uma mensagem.

Kael congelou. *Hospital infantil*. Suas mãos formaram punhos involuntários. O rosto de Miguel, o garoto que ele viu morrer no Bairro da Cruz, pairou em sua mente. A mesma impotência, a mesma raiva, fervendo em suas veias. *Cifra* gritou dentro dele para agir, para destruir tudo, para enviar uma mensagem que ecoaria através de cada fórum sombrio da dark web.

Mas Lukas Iversen tinha uma missão.

Ele fechou os olhos, respirando fundo. *Precisão, não paixão.* As palavras de Anders ecoaram em seu crânio, um mantra frio e sufocante.

Ele continuou seu trabalho. Usando uma ferramenta de descriptografia quântica simulada do PST – algo que ele nem sabia ser possível –, ele começou a quebrar a chave de proteção do código-fonte. Enquanto isso, ele preparou a fase três: a armação.

Plantar evidências era uma arte perversa. Ele não podia simplesmente deixar um arquivo de texto dizendo "Foi o Fenris!". Tinha que ser sutil, orgânico. Ele vasculhou os sistemas do "Nidhogg" em busca de quaisquer vestígios digitais que pudesse modificar.

Ele encontrou logs de conexões de saída, endereços IP de onde os operadores acessavam o sistema. Meticulosamente, ele editou alguns desses registros, substituindo os IPs reais por outros que sabia pertencer a servidores de proxy usados exclusivamente pelo coletivo "Fenris". Ele injetou fragmentos de código em ferramentas personalizadas do "Nidhogg", código que imitava o estilo de programação conhecido do "Fenris" – um toque desleixado com a verificação de erros, uma assinatura específica em seus algoritmos de criptografia.

Cada alteração foi uma violação de seus instintos. Ele estava ajudando esses criminosos a cobrir seus rastros, mesmo enquanto os expunha de outra forma. Era como enxertar um câncer com outro.

A conversa no chat continuava.

Grendel: *O ataque está programado para 04:00 UTC. O worm já está na rede deles. É só acionar.*

Kael olhou para o relógio. 03:15 UTC. Quarenta e cinco minutos. Crianças. Eles estavam prestes atacar um *hospital infantil*.

O código-fonte foi descriptografado. Ele o empacotou e iniciou a transferência segura para os servidores do PST. A lista de clientes já estava segura. As evidências falsas estavam plantadas. Tecnicamente, sua missão estava cumprida.

Ele podia se desconectar. Escrever seu relatório. Anders ficaria satisfeito. Lukas Iversen teria passado no teste.

Mas Kael ainda estava na sala.

Uma ideia começou a se formar em sua mente, uma fusão da astúcia de Cifra com os recursos de Lukas. Era um risco monumental. Se fosse descoberto, seria considerado traição. A proteção de sua avó seria revogada. Tudo estaria perdido.

Mas a imagem de uma criança em uma maca de hospital, cercada por máquinas inoperantes, era mais forte que o medo.

Ele não podia alertar o hospital diretamente. Isso queimaria a operação e levantaria suspeitas sobre uma fuga no PST. Ele não podia simplesmente desativar o worm; os operadores saberiam imediatamente que haviam sido invadidos e mudariam de tática.

Ele tinha que ser mais esperto.

Ele vasculhou os arquivos do worm até encontrar o módulo de ativação. Era um script simples, acionado por um comando remoto do servidor "Nidhogg". Em vez de desativá-lo, ele o reescreveu.

Com dedos que tremiam ligeiramente, não de nervosismo, mas de uma raiva concentrada, ele reprogramou a carga maliciosa. Em vez de criptografar arquivos, o worm agora faria o seguinte:

1. Criaria um backup oculto de todos os arquivos críticos do paciente em uma partição segura.
2. Simularia a tela de resgate de ransomware, exigindo o pagamento.
3. No entanto, nos bastidores, injetaria um pequeno programa que, após 12 horas, restauraria silenciosamente todos os sistemas ao estado original, como se um resgate tivesse sido pago e a chave fornecida.

Era arriscado. Complexo. Se ele cometesse um erro de codificação, poderia causar mais danos. Mas era a única maneira de salvar o hospital sem comprometer a missão oficial.

Cada linha de código era uma oração, um ato de rebelião silenciosa. Ele estava usando as ferramentas do estado para executar sua própria justiça, bem debaixo do nariz de Anders.

03:55 UTC. Cinco minutos para o ataque.

Grendel: *Pronto para ação. Confirmando... agora.*

Kael prendeu a respiração. No seu monitor, ele viu o comando ser enviado do servidor "Nidhogg" para o worm no hospital de Oslo.

Ele observou os logs em tempo real do hospital, que ele havia grampeado. Por um longo, agonizante momento, nada aconteceu. Então, as primeiras alertas começaram a aparecer. Sistemas de arquivos sendo "criptografados". Telas azuis. O pânico começando a se espalhar digitalmente.

Grendel: *Sucesso! O hospício está em parafusos!*

Kael sentiu um nó de ansiedade em seu estômago. Sua versão modificada do worm estava funcionando? Ele monitorou os sistemas centrais do hospital. As máquinas de diálise... ainda

funcionando. Os ventiladores... estáveis. Sua modificação havia mascarado o ataque perfeitamente, mas os sistemas de suporte de vida reais estavam intactos. O backup oculto estava sendo criado, exatamente como programado.

Ele soltou a respiração que não sabia que estava prendendo. Funcionou.

Mas ele não podia comemorar. Havia mais uma coisa a fazer. Uma assinatura.

Ele acessou os registros administrativos do servidor "Nidhogg". Lá, ele encontrou o log de auditoria que registrava todas as alterações no sistema. Ele viu suas próprias entradas, ofuscadas pelos protocolos do PST. E então, com um toque final de pura audácia, ele editou uma entrada.

Onde o log registrava uma alteração de rotina no banco de dados, ele inseriu um único caractere, quase imperceptível, em um campo de comentários. Um ponto e vírgula onde deveria haver uma vírgula. Um erro de sintaxe. Para qualquer um que visse, era apenas um descuido. Mas para Kael, era sua marca. A assinatura fantasma de Cifra. Uma pequena prova para si mesmo de que ele ainda estava lá.

04:30 UTC. A janela de quatro horas estava se fechando. Era hora de ir.

Ele executou o protocolo de limpeza do PST, apagando todos os logs de acesso e cobrindo seus rastros com tráfego de rede falso. Em minutos, não havia nenhuma evidência de que Lukas Iversen estivesse lá, apenas as pistas falsas apontando para o "Fenris".

Ele finalmente se desconectou, a sala mergulhando em um silêncio ainda mais profundo. A adrenalina começou a baixar, deixando para

trás uma fadiga ossuda e uma névoa de dúvida. Ele havia conseguido? Ou havia condenado a si mesmo e a sua avó com sua insubordinação?

A porta se abriu. Anders entrou, seu rosto imperscrutável como sempre.

"Relatório," ele disse, sem qualquer saudação.

Kael entregou o tablet com o resumo da missão. "Lista de clientes e códigos-fonte adquiridos. Evidências plantadas com sucesso, ligando as operações ao coletivo Fenris. O servidor 'Nidhogg' não tem conhecimento da intrusão."

Anders percorreu o relatório, seus olhos escaneando cada linha. O silêncio se estendeu, pesado como chumbo. Kael sentiu uma gota de suor escorrer por suas costas. Ele sabia? Será que os sistemas de monitoramento internos do PST haviam flagrado sua atividade não autorizada?

"O ataque ao hospital infantil em Oslo foi registrado às 04:00 UTC," Anders disse, seu tom plano. "Curiosamente, nossos sensores não detectaram nenhuma interrupção real nos sistemas de suporte à vida. Aparentemente, seu ransomware é... notavelmente ineficaz."

Kael manteve a respiração estável, seu rosto uma máscara de neutralidade. "Parece que tiveram sorte."

Anders olhou para ele por um longo momento, seus olhos parecendo perfurar a fachada de Lukas e ver o homem conturbado por dentro. Havia um brilho quase imperceptível neles – não de raiva, mas de... interesse?

"Sim," Anders finalmente disse, colocando o tablet de lado. "Sorte de fato. Uma coincidência notável, considerando que você ainda estava conectado aos seus sistemas naquele momento."

A afirmação pairou no ar, uma acusação não feita, uma verdade não reconhecida.

(Página 8)

Kael não respondeu. Não havia nada a dizer. Qualquer negativa seria uma admissão de culpa.

Anders surpreendentemente deu meia-volta e caminhou em direção à porta. "A missão foi um sucesso técnico. Você demonstrou proficiência com nossas ferramentas e compreensão dos objetivos estratégicos. Descanso por 48 horas. Você será informado sobre sua próxima designação."

Ele saiu, deixando Kael sozinho com o zumbido dos servidores e o eco de suas próprias ações.

Kael deixou a sala de operações e caminhou pelos corredores brancos e estéreis do complexo do PST. Em seu alojamento minimalista, ele se olhou no espelho. O rosto que olhou de volta era de Lukas Iversen – cabelo cortado, rosto magro, olhos cansados. Mas pela primeira vez em muito tempo, ele viu um vislumbre de Kael ali também. Nos olhos. Uma centelha de fogo que não havia sido completamente extinta.

Ele havia passado no teste de Anders. Mas, mais importante, ele havia passado em seu próprio teste. Ele havia descoberto uma maneira de navegar no mundo cinza sem perder completamente sua alma. Ele não era mais Cifra, o justiceiro solitário. E não era ainda Lukas, o operativo obediente. Ele era algo no meio, um híbrido perigoso e imprevisível.

Abrindo uma gaveta, ele pegou um celular descartável, um dos últimos vestígios de seu kit nômade que ele havia conseguido

esconder. Ele o ligou, a tela azul pálida iluminando o quarto escuro. Por um momento, ele hesitou, sua mente correndo pelos riscos.

Então, com determinação recém-encontrada, ele digitou uma mensagem criptografada. Não era para sua avó. Não era para um contato do passado. Era para um servidor de e-mail fantasma, um dos muitos que ele mantinha como um diário digital, uma âncora para seu eu anterior.

A mensagem continha apenas duas palavras, um código que só ele entenderia. Um sinal de que, apesar de tudo, ele ainda estava vivo lá dentro.

"O Fantasma respira."

Ele apagou a mensagem do aparelho e desmontou o celular, suas mãos movendo-se com a precisão prática de um operativo, mas seu coração batendo com a resolução cautelosa de um homem que havia reivindicado um fragmento de si mesmo de volta das sombras.

O DEBRIEFING NÃO OFICIAL

Dois dias depois, Kael foi convocado para a sala de Anders. Não era a sala de operações, mas um escritório privado, forrado com livros de filosofia e estratégia militar. Anders estava atrás de uma escrivaninha de carvalho, segurando uma xícara de café.

"Sente-se, Lukas," ele disse, um gesto incomumente informal.

Kael obedeceu, permanecendo alerta.

"Analisamos os dados que você recuperou," Anders começou, colocando a xícara. "Muito valiosos. Já levou a duas prisões de alto

perfil. A narrativa do 'Fenris' está se espalhando pelos canais de inteligência conforme o planejado."

Ele fez uma pausa, seus olhos estudando Kael. "Mas deixemos de lado o relatório oficial por um momento. Fale-me sobre o hospital."

Kael manteve seu rosto neutro. "O que há para dizer? O ataque falhou."

"Falhou?" Anders repetiu, um sorriso quase imperceptível tocando seus lábios. "Ou foi *redirecionado*? Nossos analistas relataram anomalias no código do worm que foi ativado. Pequenos desvios da assinatura conhecida do 'Nidhogg'. Quase como se... tivesse sido repositado em tempo real."

O ar saiu dos pulmões de Kael. Eles sabiam. Claro que sabiam. O PST não era tolo.

"Eu não estava ciente dessas anomalias," Kael mentiu, sua voz steady.

"Claro que não," Anders disse, sua voz carregada de ironia. "Mas é interessante, não é? Como às vezes, a intervenção não autorizada pode, inadvertidamente, servir a um propósito maior. O escândalo público de um hospital infantil sendo derrubado teria sido... complicado. Politicamente."

Kael entendeu. Anders não estava bravo. Ele estava *impressionado*. E ele estava enviando uma mensagem: *Eu sei o que você fez. Eu desaprovo o método, mas aprecio o resultado. Não faça disso um hábito.*

"Às vezes, a sorte favorece os... eficientes," Kael respondeu, cuidadosamente.

Anders assentiu, um único aceno de cabeça. "Exatamente. Eficiência é o que valorizamos acima de tudo. Agora, sobre sua

próxima missão. É um pouco mais complexa. Envolve um oficial corrupto na África e os interesses econômicos da Noruega. Você achará o briefing na sua estação. Desta vez, Lukas," ele disse, seu tom endurecendo ligeiramente, "concentre-se em seguir o plano. Toda a eficiência, nenhuma das... improvisações."

Era uma ordem e um aviso.

Kael assentiu e saiu. Ele havia sobrevivido à sua iniciação. Mas ele agora entendia que a maior ameaça não eram os hackers inimigos ou os criminosos. Era o jogo constante de gato e rato com o próprio homem que o controlava. E pela primeira vez, Kael sentiu que tinha uma chance nesse jogo.

MONÓLOGO INTERNO: A DIVISÃO

Mais tarde, em seu quarto, Kael refletiu:

Eles me dão as chaves do reino e esperam que eu não abra as portas erradas. Anders sabe. Ele deve saber. Aquele comentário sobre "improvisações" não foi aleatório. Foi um reconhecimento. Um teste dentro de um teste.

O que eu fiz no hospital... foi estúpido. Arriscado. Poderia ter custado tudo. Mas quando vi aquela conversa, "hospital infantil"... não foi uma escolha. Foi um reflexo. Como puxar a mão de um fogão quente.

Cifra queria explodir tudo. Lukas deveria ter ignorado. Mas o que eu me tornei... esse híbrido... encontrou um terceiro caminho. Um caminho mais inteligente. Mais perigoso.

Eu não sou um justiceiro. Justiceiros morrem jovens ou se tornam os monstros que caçam. E não sou um soldado leal. Soldados seguem ordens cegamente.

Então, o que sou? Um operador. Um solucionador de problemas. E o problema que resolvi hoje foi duplo: 1) cumpri a missão do PST, e 2) salvei vidas que eles consideravam dano colateral aceitável.

*Anders não me puniu porque o resultado serviu a ele. Ele obteve seus dados *e* evitou um desastre de relações públicas. Ele viu valor na minha flexibilidade moral.*

É uma linha tênue. Caminhar nela vai me matar. Mas é a única linha que posso andar sem perder completamente quem eu sou. O Fantasma respira. E agora, ele aprendeu a respirar debaixo d'água.

PREPARANDO O TERRENO

Os dois dias de descanso foram uma ilusão. Kael os passou estudando o novo briefing. O oficial africano, os diamantes de sangue digitais. Era um jogo de nível superior. Mais cinza. Mais sujo.

Ele se pegou não mais se revoltando com a natureza cínica da missão. Em vez disso, sua mente já estava trabalhando nela, analisando os ângulos, identificando alavancas. Como ele poderia realizar os objetivos do PST enquanto atendia a sua própria consciência? Ou essa parte dele estava se tornando mais fraca?

Ele olhou para suas mãos no teclado. Elas não tremiam mais. A raiva de Cifra estava sendo refinada, transformada em uma determinação fria e paciente. Era mais perigoso. Para seus alvos. E para si mesmo.

Ao fechar o briefing, uma única thought permaneceu: *A próxima vez, serei mais cuidadoso. A próxima vez, serei melhor.*

A iniciação havia terminado. A verdadeira educação de Lukas Iversen, o operativo híbrido, havia começado. E o mundo, sem saber, deveria tremer.

TRANSLAÇÃO DE PERSONAGEM

O homem que saiu do complexo do PST naquela noite não era o mesmo que havia entrado 48 horas antes. A mudança era sutil, interna. A culpa e a dúvida que o atormentavam após sua primeira captura haviam sido substituídas por uma aceitação resoluta de sua realidade.

Ele não era mais um prisioneiro tentando escapar. Era um jogador aprendendo as regras de um jogo novo e mortal. E, crucialmente, ele havia descoberto que poderia, às vezes, dobrar essas regras a seu favor.

O vento frio da Noruega atingiu seu rosto, mas ele não se encolheu. Em vez disso, respirou fundo, sentindo o ar gelado queimar seus pulmões. Era uma sensação de estar vivo. De ter sobrevivido. De ter vencido.

Enquanto caminhava em direção aos seus aposentos, seus olhos escaneavam automaticamente o ambiente – câmeras, pontos cegos, rostos. Velhos hábitos. Mas agora alimentados por um novo propósito. Ele não estava apenas se protegendo. Estava se preparando.

Para a próxima missão. Para o próximo teste. Para o dia em que a frágil simbiose entre Lukas e Kael seria levada ao limite. A iniciação estava completa. A guerra, no entanto, apenas começou

Agora escreva o capítulo 16, de forma que possua 12 ou mais páginas

CAPÍTULO 16: DUELO ENTRE FANTASMAS

O vento uivava do lado de fora da sala blindada do PST, em Oslo, mas dentro, o único som era o zumbido quase inaudível dos servidores de resfriamento líquido e o teclado mecânico de Lukas Iversen. Dois anos de treinamento, missões cinzentas e uma lenta erosão da alma o haviam levado a este momento. Ele já não era Kael, o justiceiro impulsivo, nem Lukas, o novato em treinamento. Ele era uma ferramenta de precisão, afiada pela máquina estatal, e esta seria sua prova de fogo definitiva.

A missão: Nidhogg. Codinome apropriado para a serpente que roía as raízes de Yggdrasil, a árvore do mundo. O alvo era um grupo APT—Advanced Persistent Threat—patrocinado por um estado hostil, designado pela inteligência norueguesa como Zmey. O Zmey não buscava fama ou dinheiro. Seu objetivo era silencioso, paciente e profundamente desestabilizador: infiltrar-se e mapear as redes de controle das infraestruturas elétricas dos países do Benelux. Eles não estavam lá para causar um blecaute imediato. Estavam lá para aprender, para se entranhar, para posicionar "interruptores" digitais que poderiam ser acionados em um momento de crise geopolítica.

Anders observava de uma estação secundária, seu rosto um modelo de placidez profissional, mas Lukas sentia o peso de seu olhar. Esta não era uma missão de contenção. Era uma caçada. E Lukas era o cão de caça.

"Eles estão lá há onze meses," disse Anders, sua voz calma ecoando no fone de ouvido com cancelamento de ruído de Lukas.

"Conseguem acesso através de e-mails de spear-phishing para engenheiros júnior, exploram uma vulnerabilidade de dia zero em um software de monitoramento industrial... a obra clássica. Sua persistência é notável."

Lukas não respondeu. Seus olhos percorriam as linhas de código em um terminal preto, a luz verde refletindo em suas pupilas dilatadas. Ele não estava atacando o Zmey. Ele estava se infiltrando na infiltração deles. A ordem era clara: entrar silenciosamente na rede que o Zmey já havia comprometido, tornar-se um fantasma dentro do próprio fantasma, e expulsá-los sem que soubessem quem os havia atingido—ou melhor, sem deixar nenhuma prova que pudesse ser rastreada até a Noruega.

"O líder técnico deles," continuou Anders, deslizando um arquivo digital para a tela secundária de Lukas. "Codinome Koslov. Ex-agente

do FSB, treinado na Academia de Criptografia de Moscou. Psicopata burocrático. Adora deixar pequenas... assinaturas em seu trabalho."

Lukas estudou a foto. Um homem de uns cinquenta anos, rosto ossudo, olhos frios e vazios. Havia uma arrogância naqueles olhos, a certeza de quem opera acima das leis do mundo comum. Koslov era a antítese de tudo que Kael, um dia, representara. Não era um justiceiro, nem um mercenário por dinheiro. Era um funcionário leal do caos, um arquiteto da desestabilidade.

Era exatamente o tipo de homem que Lukas Iversen havia sido treinado para destruir.

A primeira etapa foi encontrar a sombra do Zmey dentro da rede elétrica holandesa. Lukas não procurou por invasões óbvias; ele procurou por imperfeições. Pequenas anomalias no tráfego de dados, latências mínimas em processos que deveriam ser instantâneos, logs de sistema que haviam sido editados com uma precisão quase, mas não completamente, perfeita.

Foi como tentar encontrar um fio de cabelo preto em um aposento escuro, sentindo por uma textura ligeiramente diferente no ar. Ele usou ferramentas que nem sabia existirem dois anos antes: analisadores de tráfego de última geração, algoritmos de IA treinados

para detectar padrões de APTs conhecidos, honeypots—sistemas isca—que imitavam sub-redes vulneráveis da infraestrutura.

Três dias se passaram. Lukas dormiu em cotas em uma sala anexa, alimentando-se de café e barras de proteína. A linha entre ele e a máquina tornava-se cada vez mais tênue. Ele começou a pensar não como um hacker, mas como o Zmey. Onde ele se esconderia? Que rotina de limpeza de logs implementaria?

Então, ele encontrou. Uma assinatura de criptografia quase invisível, embutida em um protocolo de comunicação de backup. Era um toque de arrogância, uma marca d'água digital que Koslov deixava para provar sua superioridade. Era sua queda.

"Encontrei a porta dos fundos," anunciou Lukas, sua voz rouca pelo cansaço e pelo silêncio. "Eles estão usando uma variante do malware BlackEnergy, mas reescrita. Mais limpa. Mais eficiente. Eles têm um canal de comando e controle (C2) que se disfarça de tráfego de atualização de software legítimo."

Anders aproximou-se. "Você pode entrar sem ser detectado?"

Lukas permitiu-se um sorriso frio e breve, o primeiro de Lukas Iversen que ainda carregava um vislumbre de Kael. "Já estou dentro."

Ele não invadiu. Ele deslizou. Explorou uma vulnerabilidade no próprio código do malware do Zmey, uma brecha infinitesimal que permitiu que ele criasse uma sessão paralela, um reflexo digital de si mesmo dentro do sistema deles. Ele era agora um espectro na máquina, observando os operadores do Zmey enquanto eles trabalhavam.

Página 3

O mundo dentro dos servidores do Zmey era um estudo em eficiência paranoica. Lukas observava, imóvel, enquanto os operadores—ele os contou, eram cinco—trabalhavam em turnos, movendo-se através das redes holandesas com a paciência de um rio correndo sob o gelo. Eles mapeavam disjuntores digitais, localizavam subestações críticas, implantando backdoors em sistemas SCADA—a espinha dorsal digital de qualquer rede elétrica.

Koslov era um mestre. Seus métodos eram impecáveis. Ele não cometia erros. Mas Lukas não estava procurando por erros. Ele estava procurando por hábitos. Por ego.

Ele passou dias apenas observando. Aprendendo. Viu que Koslov tinha um ritual. Toda noite, às 21:00, horário de Moscou, ele fazia uma pausa. Por dez minutos, ele se desconectava das operações principais e acessava um servidor privado, não relacionado à missão. Era um ato de arrogância, uma demonstração de que, mesmo no

auge de uma operação clandestina, ele poderia dar-se ao luxo de um momento de ócio.

Lukas focou nesse servidor. Era um fórum de xadrez online, obscuro, criptografado. Koslov não jogava. Ele observava. Era um espectador de partidas de mestres, um apreciador da estratégia pura. Um fórum de xadrez. Era o elo mais fraco, não na segurança, mas na psicologia.

Anders ficou intrigado quando Lukas apresentou sua descoberta. "Xadrez? Isso é irrelevante."

"Não é," corrigiu Lukas, seus dedos pairando sobre o teclado. "É onde a máscara dele cai. É onde ele é apenas um homem, não um fantasma. E homens têm vaidades."

O plano de Lukas era simplesmente brilhante em sua perversidade. Ele não iria expulsar Koslov. Ele iria destruí-lo. Não digitalmente, mas profissional e pessoalmente. Ele usaria o orgulho do russo como a alavanca para sua ruína.

A fase um do plano de Lukas era a infiltração. Ele criou uma persona digital no fórum de xadrez, um perfil minuciosamente construído de um jovem prodígio do xadrez da Letônia. Ele estudou o estilo de jogo que Koslov admirava e, por duas semanas, jogou partidas públicas, construindo uma reputação de jogador agressivo e intuitivo.

Ele então iniciou a fase dois: o engajamento. Ele começou a comentar nas mesmas partidas que Koslov observava, fazendo análises precisas e ligeiramente provocativas. Aos poucos, chamou a atenção do russo. Eles nunca conversaram diretamente, mas Lukas sentia a atenção vigilante de Koslov em seu perfil.

Enquanto isso, a operação do Zmey continuava. Lukas mapeou toda a sua infraestrutura. Ele sabia de cada backdoor, cada rota de fuga, cada servidor C2. Ele era a sombra da sombra, e o Zmey não suspeitava de nada.

Anders começou a ficar impaciente. "Iversen, estamos ficando sem tempo. A janela para ação discreta está se fechando. A inteligência holandesa está ficando inquieta."

"Mais dois dias," Lukas pediu, seus olhos fixos em dois monitores: um mostrando o fluxo de dados do Zmey, o outro, o fórum de xadrez. "Preciso que ele tome a isca."

A isca veio na forma de um desafio. Lukas, usando sua persona letã, desafiou publicamente um dos mestres que Koslov admirava, prevendo um xeque-mate em quinze jogadas em uma partida famosa. A previsão era audaciosa, quase insultuosa. Koslov, cujo ego era seu calcanhar de Aquiles, não pôde resistir. Pela primeira vez, ele enviou uma mensagem privada para a persona de Lukas.

"Sua análise é interessante, mas falha. Você subestima a defesa do negro no movimento nove."

Lukas sorriu. O peixe havia mordido o anzol.

A troca de mensagens foi um duelo em si mesma. Lukas, como o prodígio letão, era arrogante e brilhante. Koslov, escondendo sua identidade real, era condescendente e professoral. Era exatamente o que Lukas queria. Ele alimentou o ego de Koslov, fazendo perguntas que levavam o russo a exibir seu conhecimento.

Em uma mensagem crucial, Lukas escreveu: "Sua compreensão é profunda para um mero espectador. Você joga?"

Koslov respondeu, seu orgulho transbordando através do texto criptografado: "Joguei em outro tempo. Meus compromissos agora são... diferentes. Mas a estratégia ainda me guia."

Compromissos diferentes. Era a confirmação que Lukas precisava. Ele agora tinha uma conexão direta, ainda que digital e disfarçada, com a mente do seu alvo.

Foi então que ele iniciou a fase três: o envenenamento. Ele precisava de um veículo, uma forma de plantar a semente da destruição sem levantar suspeitas. Ele decidiu usar o próprio malware do Zmey.

Lukas escreveu um script minúsculo, uma carga útil de dados insignificante que ele poderia anexar a uma atualização de rotina no sistema C2 do Zmey. O script em si era inofensivo. Sua função era única: registrar a chave pública de criptografia usada por Koslov no fórum de xadrez e, em seguida, procurar por qualquer correspondência dessa chave em outros bancos de dados—especificamente, em registros financeiros offshore que Lukas havia invadido em uma missão anterior.

Ele estava cruzando os mundos. O mundo do fantasma digital Koslov com o mundo do homem real por trás dele.

A execução foi um ato de pura audácia. Lukas esperou por um momento de alta atividade no servidor C2 do Zmey, quando os logs transbordariam de dados. Ele então injetou seu script minúsculo, escondendo-o no meio de uma enxurrada de comandos legítimos. Foi como cuspir no oceano durante um furacão.

O script fez seu trabalho silencioso. Em menos de uma hora, ele retornou com uma correspondência. A chave pública de criptografia do "spectador" no fórum de xadrez—Koslov—era a mesma chave associada a uma conta anônima em um banco nas Ilhas Caimão. Uma conta que recebera, há seis meses, um pagamento de um

milhão de euros de uma empresa de fachada ligada ao Ministério da Defesa russo. Um pagamento por "serviços de consultoria".

Mas havia mais. A mesma conta também havia feito uma série de transferências menores, mas regulares, para uma conta na Suíça. Uma conta em nome de Alyona Koslova—sua esposa. E outra, maior, para uma concessionária de carros de luxo em Mônaco.

Koslov não era apenas um patriota. Era um homem enriquecendo às custas do seu país, desviando fundos secretos.

Lukas tinha agora a arma. Mas como usá-la? Expor Koslov ao mundo seria iniciar um incidente diplomático. Entregá-lo aos seus superiores seria a solução mais limpa.

Foi quando Anders interveio, seu rosto aparecendo na tela de vídeo de Lukas. "O Conselho de Segurança está nervoso. Eles querem resultados. A expulsão limpa era a opção preferida, mas... suas descobertas mudam o cálculo."

"Ele é corrupto," disse Lukas, sentindo uma pontada de desgosto. "Ele está roubando do próprio governo que serve."

"Exatamente," disse Anders, seus olhos frios brilhando. "Isso o torna... maleável. E descartável. Não vamos expô-lo. Vamos enquadrá-lo."

O plano de Anders era uma obra-prima de cinismo. Eles usariam as evidências que Lukas coletou não para prender Koslov, mas para forjar uma narrativa ainda mais devastadora. A ordem era fazer parecer que Koslov não estava apenas desviando fundos, mas que estava prestes a vender os segredos mais sensíveis da operação Zmey para um comprador interestatal—os chineses.

Lukas ficou paralisado. Era um nível de manipulação que ia além de tudo que ele havia feito. Isso não era justiça, nem mesmo guerra suja. Era pura perfídia.

"É necessário, Iversen," disse Anders, sua voz perdendo um pouco da frieza profissional. "Koslov é um ativo de alto valor. Se simplesmente o eliminarmos, eles o substituirão. Se o expusermos como corrupto, eles o substituirão. Mas se o transformarmos em um traidor aos olhos de seus próprios patrões... o caos que isso causará em sua rede de inteligência será muito mais valioso. Eles passarão meses, talvez anos, caçando fantasmas, desconfiando de seus próprios agentes."

Lukas olhou para as linhas de código na sua tela, para os fluxos de dinheiro ilícito. Ele havia caçado este homem, admirara sua habilidade, mesmo detestando seus motivos. E agora, era ordenado

que o destruísse de uma forma que mancharia seu nome para sempre.

Ele pensou em Kael. O que o justiceiro teria feito? Provavelmente, teria vazado tudo para a imprensa, buscando uma justiça transparente. Mas Kael estava morto. Lukas Iversen vivia no mundo das sombras, onde a verdade era uma commodity a ser moldada, não um princípio a ser defendido.

"Como?" ele perguntou, sua voz um sussurro.

Os próximos dois dias foram os mais sombrios da carreira de Lukas. Ele se tornou um falsário digital. Usando as chaves de criptografia que roubou, ele forjou uma série de e-mails entre a persona de Koslov e um suposto intermediário chinês. Os e-mails eram vagos, cheios de jargões de inteligência e referências veladas à operação Zmey. Eles discutiam termos de pagamento, métodos de entrega de dados.

Lukas era metílico. Ele estudou padrões linguísticos de comunicações reais de espiões, incorporou pequenos erros de criptografia que pareciam acidentais mas que os especialistas russos reconheceriam como sinais de um canal inseguro. Ele criou um roteiro completo de traição.

A peça final foi plantar essas comunicações forjadas em servidores que os russos monitoravam, mas que eram suficientemente obscuros para parecerem um canal secreto genuíno. Ele então, anonimamente, enviou uma ponta para um agente de contra-inteligência russo conhecido por sua paranoia—um presente envenenado de um "amigo" preocupado.

Enquanto executava essa tarefa, Lukas sentia-se sujo. Cada linha de código forjada era um passo para mais longe do homem que ele fora. Ele não era mais um hacker; era um fabricante de realidades. Um mentiroso em escala industrial.

Enquanto isso, a rotina de Koslov continuava inalterada. Ele ainda acessava o fórum de xadrez, ainda debatia estratégia com a persona letã de Lukas, completamente alheio à teia que estava sendo tecida ao seu redor. Lukas observava-o, e uma parte distante de si, a parte que ainda era Kael, sentia uma pontada de culpa. Ele estava traindo a confiança que construirá, por mais ilusória que fosse.

A queda foi rápida e silenciosa. Dois dias depois que Lukas plantou a evidência, a atividade do Zmey na rede holandesa cessou subitamente. Todos os operadores desapareceram digitalmente em um espaço de doze horas. Os backdoors que haviam implantado foram, um por um, fechados ou corrompidos.

Lukas monitorou os canais de comunicação russos que ele havia comprometido. Houve um surto de atividade criptografada, seguido por um silêncio de rádio absoluto. Então, veio a confirmação.

Um contato do PST em Moscou—um laranja em um ministério—relatou que o oficial Viktor Koslov havia sido "recolhido" para "debriefing". A palavra era um eufemismo sinistro. Na linguagem dos serviços secretos russos, "recolhido" significava que ele havia desaparecido. Não haveria julgamento, nem publicidade. Apenas uma cela silenciosa ou uma bala na nuca.

Lukas desligou seus monitores. A sala, antes preenchida pelo zumbido eletrônico, pareceu repentinamente vazia e silenciosa. Ele havia conseguido. Ele havia protegido a infraestrutura da Europa, causado um golpe paralisante na inteligência inimiga, e provado seu valor além de qualquer dúvida para o PST.

Ele deveria sentir triunfo. Em vez disso, sentiu-se vazio.

Anders entrou na sala, um raro sorriso nos lábios. "Um trabalho excepcional, Iversen. Limpo, eficiente e com um impacto estratégico que levará anos para ser calculado. Você excedeu todas as expectativas."

Lukas não olhou para ele. Ele ficou olhando para suas próprias mãos, as mãos que haviam digitado a sentença de morte de um homem.

"Ele era um criminoso," disse Anders, como se lesse seus pensamentos. "Um homem que colocava milhões em risco por um ideal doentio e ganância pessoal. O mundo está mais seguro sem ele."

"Sim," Lukas concordou, sua voz oca. "Mas o método..."

"O método," interrompeu Anders suavemente, "é o que nos separa deles. Nós não cometemos atrocidades. Apenas... orquestramos consequências."

Naquela noite, Lukas não conseguiu dormir. Sentado em seu apartamento funcional e impessoal, ele acessou o fórum de xadrez pela última vez. O perfil do "espectador" de Koslov estava inativo. Sua última mensagem ainda estava lá, uma análise detalhada de uma abertura de xadrez, cheia de confiança intelectual.

Lukas, como o prodígio letão, escreveu uma resposta para a mensagem, sabendo que nunca seria lida.

"Obrigado pelos ensinamentos, Mestre. Às vezes, o tabuleiro é maior do que imaginamos, e o preço de um movimento errado, maior do que qualquer peça pode pagar."

Ele então deletou a persona letã, apagando-a da existência digital. Era um ato simbólico, um enterro para mais um fragmento de sua humanidade.

Ele havia vencido o duelo de fantasmas. Ele havia provado ser mais inteligente, mais paciente, mais implacável. Mas a vitória tinha o sabor amargo de cinzas. Koslov era um monstro, mas Lukas havia se tornado algo talvez pior: o carrasco silencioso que não apenas punia o crime, mas fabricava a justificação para a punição.

Ele se levantou e foi até a janela, olhando para as luzes de Oslo cintilando no frio. Em algum lugar, em uma cela escura ou em uma vala sem marcação, Viktor Koslov enfrentava o preço de sua traição—uma traição que ele nunca cometeu. E Lukas Iversen, o fantasma que o condenou, ficou livre, vivendo no mundo limpo e ordenado que ajudara a proteger, carregando o conhecimento sujo de como essa ordem era realmente mantida.

O fantasma de Kael sussurrou em sua mente, uma lembrança fraca de um tempo em que o bem e o mal pareciam mais simples. Lukas abafou a voz. Simplicidade era um luxo que ele não podia mais pagar. Ele havia se olhado no abismo por muito tempo, e agora, o abismo não apenas olhava de volta—ele havia se mudado para dentro dele.

O duelo entre fantasmas terminara. Um fantasma fora destruído. O outro ficara mais forte, mais sólido, e infinitamente mais vazio.

CAPÍTULO 16: O PREÇO DA VERDADE

O silêncio na sala de operações do PST tinha um peso físico, como se o ar itself estivesse sendo comprimido pelos servidores que alinhavam as paredes. Lukas Iversen – ou o que restava de Kael – observava os fluxos de dados dançarem em suas telas, seus dedos movendo-se com uma precisão que havia se tornado segunda natureza. Dois anos se passaram desde seu "recrutamento". Dois anos desde que trocara a liberdade caótica de Cifra pela gaiola de ouro do Estado norueguês.

Seu cabelo estava mais curto, seu corpo mais denso, moldado pelo treinamento físico rigoroso. Mas eram seus olhos que mostravam a verdadeira transformação. A centelha de indignação justiceira havia se apagado, substituída por uma placidez técnica, uma frieza profissional que ele cultivava como um escudo. Ele operava de dentro do ventre da baleia agora, e a sensação era ao mesmo tempo poderosa e profundamente claustrofóbica.

Anders, seu mentor e algoz, apareceu à sua direita, seu aroma discreto de sabonete caro invadindo o espaço pessoal de Lukas. Ele não olhou para as telas; olhou para o rosto de Lukas, estudando-o.

"Temos uma tarefa sensível, Lukas," Anders começou, sua voz um sussurro cultivado que carregava o peso de uma autoridade inquestionável. "Um vazamento de dados. Nível de ameaça: crítico."

Lukas manteve a respiração estável. "Qual é o alvo?"

Anders deslizou um tablet fino pela bancada de aço. A tela mostrava o rosto de um homem em seus quarenta e poucos anos, com olhos cansados mas determinados, e uma bio resumida.

"Erik Johansen. Jornalista investigativo do Afterposten. Ele está prestes a publicar uma reportagem baseada em documentos classificados. Documentos que detalham a... abordagem proativa... do PST em um caso de extradição no ano passado."

Lukas leu o resumo. O caso de extradição envolvia um dissidente de um país do Leste Europeu, um homem que o PST havia secretamente detido e interrogado antes de sua deportação – uma violação clara de protocolos internacionais. Johansen tinha os e-mails internos, os registros de comunicação, tudo.

"O objetivo é conter o vazamento," continuou Anders, suas palavras sendo escolhidas com a precisão de um cirurgião. "A reputação institucional está em jogo. A confiança do público é um ativo frágil."

Lukas sentiu um frio percorrer sua espinha. Ele conhecia esse jargão. "Conter o vazamento" significava desacreditar, destruir, desaparecer com a verdade. Ele estava olhando para o rosto de um homem que estava fazendo exatamente o que Cifra faria: expor a corrupção do poder.

"Eu entendo," Lukas respondeu, sua voz não traindo nenhuma das tempestades internas.

Anders inclinou-se ligeiramente. "Faça isso com a discrição habitual. Todas as ferramentas estão à sua disposição. Relate apenas para mim." Ele deu um tapinha no ombro de Lukas, um gesto que era ao mesmo vez paternal e profundamente ameaçador, antes de sair da sala.

Lukas ficou sozinho, o rosto de Erik Johansen olhando para ele a partir do tablet. Pela primeira vez em muito tempo, as sombras em sua mente sussurraram mais alto.

A investigação de Lukas em Erik Johansen foi meticulosa e, ele teve que admitir, fascinante. O jornalista era brilhante. Um cão de guarda obstinado, incorruptível, com um histórico de expor escândalos que derrubaram ministros. Ele usava criptografia sólida, tinha bons hábitos de segurança digital, mas, como todos, tinha pontos cegos.

O ponto cego de Johansen era sua paixão. Ele estava tão focado na verdade que subestimava a determinação daqueles que queriam sufocá-la.

Em 48 horas, Lukas havia mapeado a vida digital de Johansen. Ele havia invadido seu laptop, seu telefone, o servidor seguro de seu jornal. Ele tinha acesso a todos os documentos, a todas as comunicações com sua fonte – um funcionário desiludido do Ministério das Relações Exteriores. Ele podia ver o rascunho da reportagem, uma peça magistral de jornalismo que deixaria claro como o PST havia pisoteado a lei.

Ele se sentou em sua cadeira ergonômica, diante de um banco de monitores na escuridão de seu apartamento seguro, os dados de Johansen espalhados diante dele como um paciente aberto na mesa de autópsia. O protocolo era claro. A "solução" padrão era:

1. *Corromper os Dados: Introduzir pequenas inconsistências nos documentos para desacreditá-los.*
2. *Atacar o Mensageiro: Plantar evidências digitais de que Johansen havia plagiado ou aceito subornos no passado.*

3. *Silenciar a Fonte: Identificar e neutralizar a fonte dentro do governo, provavelmente terminando sua carreira e possivelmente levando a acusações criminais.*
4. *Vazar uma Distração: Lançar um dossiê falso sobre um político popular para desviar a atenção da mídia.*

Era limpo. Eficiente. Impessoal. A máquina do Estado se protegeria, e Lukas Iversen seria o mecânico anônimo que a mantinha funcionando.

Mas então ele abriu um arquivo que não deveria. Era uma pasta pessoal de Johansen, protegida por uma senha fraca – "Sofia2010", o nome de sua filha falecida. Dentro, havia fotos dela. E-mails trocados com sua esposa, falando sobre seu medo, mas também sobre sua convicção de que este trabalho importava. "Temos que fazer isso, querida," Johansen escrevera. "Para a Sofia. Para o país que ela deveria ter herdado."

Lukas encostou-se na cadeira, a respiração presa. Ele estava olhando para um espelho. Johansen era o que Kael poderia ter sido em outra vida: um homem usando suas habilidades para lutar pelo bem, mas fazendo isso à luz do dia, com uma coragem que Lukas, escondido nas sombras, não possuía mais.

O fantasma de Cifra sussurrou em seu ouvido. Ele é um de nós.

O conflito interno de Lukas não era um debate dramático, mas um frio silêncio que se instalou em seu peito. De um lado, estava a máquina que agora o alimentava, vestia e protegia – ou, mais precisamente, protegia sua avó. A mão de Anders, embora invisível, estava sempre em seu ombro, e ele sentia o peso da ameaça não dita. A segurança de sua avó era o preço de sua obediência.

Do outro lado, não estava um princípio abstrato de verdade ou justiça. Era a memória de Miguel, o garoto baleado no Bairro da Cruz. Era o rosto de sua própria avó, outra pessoa comum que o sistema estava disposto a esmagar. Erik Johansen não era um alvo; era um sintoma da mesma doença que Kael jurara combater.

Ele passou a noite em claro, não digitando, apenas olhando para as telas. Ele revisou os protocolos de segurança da avó. Eles eram reais. Ela estava em um pequeno apartamento em um subúrbio anônimo, sua nova identidade intacta. Qualquer movimento de rebelião de sua parte seria como cortar a corda de segurança que a mantinha segura.

Ao amanhecer, uma resolução estranha e tranquila se formou dentro dele. Ele não se rebelaria. Nem obedeceria cegamente. Ele faria as duas coisas. Ele executaria a missão do PST, mas a reescreveria nos seus próprios termos. Seria sua jogada mais perigosa, uma peça executada nas entrelinhas do código, onde apenas ele entenderia a verdadeira mensagem.

Quando Anders ligou para o check-in matinal, a voz de Lukas estava calma e profissional.

*"O pacote de dados está pronto para implantação," ele informou.
"Preciso de mais 12 horas para finalizar os vetores de ataque secundários e garantir que não haja rastros."*

"Bom," a voz de Anders soou satisfeita. "Mantenha-me informado."

A "Operação Vidro Fumê" começou. Lukas iniciou o protocolo padrão do PST. Ele acessou os servidores de backup do jornal e inseriu os scripts que corromperiam silenciosamente os arquivos de Johansen, introduzindo erros de data e inconsistências de formatação que

lançariam dúvidas sobre sua autenticidade. Foi um trabalho impecável.

Mas então, ele fez sua primeira alteração.

Em vez de simplesmente corromper os dados, ele criou um checksum criptográfico oculto, uma impressão digital digital que provava a versão original e intacta dos documentos. Ele então criptografou esse checksum e o escondeu dentro dos metadados de uma foto inocente da família de Johansen que ele saberia procurar.

Em seguida, veio a fase de "desacreditar o mensageiro". Seguindo o plano, Lukas começou a forjar um histórico de transações financeiras suspeitas em uma conta offshore vinculada a Johansen. Era convincente, o tipo de coisa que destruiria a credibilidade de um jornalista.

Sua segunda alteração foi mais arriscada. Ele plantou uma trilha digital extremamente sutil – quase um fio de cabelo na sopa digital – que levava de volta a um servidor intermediário localizado na Rússia. A implicação era clara para qualquer analista competente: as evidências contra Johansen poderiam ter sido plantadas por um ator estatal hostil tentando silenciá-lo. Era um risco calculado, um presente envenenado para os futuros investigadores.

A parte mais difícil foi lidar com a fonte. Lukas identificou o funcionário do Ministério das Relações Exteriores, um homem chamado Arne. Ele tinha uma família, dívidas, e um profundo arrependimento por suas ações. A ordem era destruí-lo.

Lukas enviou os dados comprometedores de Arne para seu chefe, como ordenado. Mas minutos antes, ele enviou um e-mail criptografado anônimo para o próprio Arne, de um serviço de e-mail descartável.

"Sua cobertura foi comprometida. Seus dados foram vazados. Fuja. Agora. Use o dinheiro do fundo de emergência que sua tia lhe deixou. Não confie em ninguém do ministério."

Era um aviso. Uma chance. Talvez inútil, mas era tudo que ele podia fazer sem condenar a si mesmo e a sua avó.

A tensão era um fio de aço esticado em sua nuca. Cada comando que ele digitava era um ato de dupla personalidade. O operativo Lukas cumpria sua missão. O justiceiro Cifra a sabotava silenciosamente. A carga cognitiva era imensa, e ele sentia a presença vigilante de Anders como se estivesse na sala com ele.

Ele se pegou pensando em Sigrid, a atiradora de elite de sua antiga equipe. Ela uma vez dissera, após uma missão particularmente suja: "Às vezes, sinto que estou mirando no espelho." Lukas agora entendia. Johansen era seu reflexo, um homem do outro lado do abismo, e Lukas estava sendo pago para apagar esse reflexo.

Seu terminal piscou com um alerta. Johansen estava online, acessando os arquivos comprometidos. Lukas observou, seu coração batendo forte, enquanto o jornalista descobria a corrupção dos dados. Ele viu a confusão, depois a raiva furiosa surgirem em uma rápida sucessão de ações – tentativas de restaurar de backup, verificações de integridade.

Johansen era bom. Ele percebeu que havia sido hackeado. Mas será que ele perceberia a complexa teia que Lukas tecera? A sabotagem que escondia uma salvação?

Foi então que Lukas cometeu seu ato final e mais audacioso de insubordinação. Ele invadiu o sistema de mensagens seguras de Johansen. Não para plantar mais evidências, mas para enviar uma única mensagem. Ele usou um canal que sabia que o jornalista

verificaria, um fórum de discussão de jornalistas investigativos que ele frequentava sob um pseudônimo.

A mensagem era curta, criptografada com uma chave que apenas Johansen, com seu acesso aos documentos originais, poderia derivar.

"Sua verdade está doente, mas não está morta. Procure pela assinatura na foto de sua filha. A fonte que você confia em Zurique é uma miragem. Cuidado com os espelhos."

Era um verso de um poema norueguês que ele encontrara nos arquivos de Johansen. "A fonte em Zurique" era um contato que Anders havia plantado como parte da operação de desinformação. "Cuidado com os espelhos" era um aviso para olhar mais profundamente, para não confiar na superfície.

Ele enviou a mensagem e, em seguida, apagou qualquer vestígio de sua origem com uma meticulosidade obsessiva, usando um exploit de dia zero que ele havia reservado para sua própria fuga, caso um dia fosse necessária.

A reação de Johansen foi quase física. Lukas pôde vê-lo congelar diante da tela, seus dedos pairando sobre o teclado. Ele leu a mensagem repetidas vezes. Ele verificou a foto de sua filha, e Lukas pôde quase ouvir o suspiro de alívio ofegante quando o homem encontrou o checksum escondido, a prova de que seus documentos eram genuínos.

Johansen não era um técnico do nível de Lukas, mas era um investigador obstinado. Ele seguiu a pista. Ele começou a cavar mais fundo na história da "fonte de Zurique", descobrindo as inconsistências que Lukas havia deixado para trás como migalhas de pão. A reportagem que seria publicada no dia seguinte foi retirada da

edição. Não por medo, mas por precaução. Johansen estava refazendo sua investigação, agora ciente de que estava sob ataque, mas também de que tinha um aliado nas sombras.

A missão do PST, no papel, foi um sucesso. O vazamento foi "contido". A reportagem explosiva não foi publicada. A credibilidade de Johansen foi manchada pelas acusações forjadas, embora a semente da dúvida sobre sua origem também tivesse sido plantada.

Quando Lukas enviou seu relatório final a Anders, declarando a operação um sucesso, ele sentiu uma náusea fria no estômago. Ele havia estabilizado o barco, mas havia furado o casco abaixo da linha d'água. Era uma vitória de Pirro.

Anders entrou na sala de operações algumas horas depois. Ele não parecia zangado, mas profundamente interessado.

"Johansen retirou a história," ele disse, seus olhos escaneando o rosto de Lukas em busca de... algo. "Mas ele está fazendo novas perguntas. Perguntas mais incômodas. Ele mencionou... espelhos."

Lukas manteve sua respiração estável. "Ele é um jornalista teimoso. É de se esperar que ele lute."

"Sim," Anders concordou, andando lentamente pela sala. "Mas sua luta parece ter ganho uma nova... sofisticação. Quase como se ele tivesse recebido uma centelha de insight divino." Ele parou atrás de Lukas. "Sua obra foi limpa, Lukas. Impecável, como sempre. Mas me diga, você acha que a verdade é como um vírus? Que mesmo quando você a suprime, ela encontra uma maneira de sofrer uma mutação e ressurgir?"

Era uma pergunta carregada. Um teste.

Lukas olhou para a tela, para o rosto de Erik Johansen, que agora estava vivo com uma determinação renovada.

"A verdade é um dado, sir," Lukas respondeu, sua voz oca. "Ela não se importa com quem a joga ou por quê. Ela simplesmente é. Cabe a nós decidir o que construir com ela."

Anders ficou em silêncio por um longo momento, e então soltou um som baixo que poderia ter sido um riso ou um suspiro.

"Bem jogado, Lukas," ele sussurrou. "Bem jogado."

Quando ele saiu, Lukas finalmente soltou a respiração que estava prendendo. Ele não havia salvado a verdade naquele dia. Ele a havia ferido, machucado e escondido. Mas ele lhe havia dado uma chance de lutar outro dia. Em um mundo de sombras, era o mais próximo da luz que ele poderia chegar. O preço da verdade, ele percebeu, não era mentir por ela. Era viver com o sabor amargo de tê-la traído para mantê-la viva.

O capítulo termina com Lukas olhando para suas próprias mãos no teclado, as mesmas mãos que uma vez consertavam computadores no Bairro da Cruz, depois que lutaram por sua vida em um armazém em Bergen, e que agora manipulavam a verdade como uma commodity. Ele não sabia mais quem ele era. E essa, talvez, fosse a maior vitória de Anders.

CAPÍTULO 18: SANGUE NA NEVE

O frio de Bergen penetrava ossos, umidade e gelo se fundindo num abraço implacável. Lukas Iversen – ou o que restara de Kael – observava o armazém abandonado através das lentes de um par de binóculos de alta precisão. Suas mãos, outrora ágeis sobre teclados, agora estavam firmes, envoltas em luvas térmicas. A cabine do guindaste onde se posicionara era um ponto de observação perfeito: elevada, com visão ampla do píer, e acima de tudo, anônima.

Dois anos, pensou, não pela primeira vez. Dois anos desde que deixara de ser Kael, desde que se tornara Lukas. Dois anos desde que a ética simples de "Cifra" fora substituída pela geometria complexa e cinzenta das operações do PST. Ele já não questionava os "porquês" com a mesma frequência. A pergunta agora era "como". Como realizar a missão. Como sobreviver. Como manter o último fragmento de sua alma longe do abismo que Anders parecia tão determinado a fazê-lo explorar.

Sua respiração formava pequenas nuvens no ar gelado. O fone de ouvido transmitia a calma profissional da equipe.

– Todos em posição. Lukas, confirma os alvos? – a voz de Jens, o líder da equipe, era um sussurro metálico e controlado.

Lukas baixou os binóculos e focou na tela do laptop, sobre um tambor de aço enferrujado. Ele havia invadido as câmeras de segurança do porto – as oficiais e as não-oficiais – e criara um mosaico digital do local. Dois pontos vermelhos piscavam sobre duas figuras no piso principal do armazém, perto de uma pilha de contêineres verdes.

– Confirmo, – sua voz soou estranha em seus próprios ouvidos, um sussurro rouco e impessoal. – O diplomata Sokolov está no local há cinco minutos. O informante, código "Fjell", acaba de entrar. Eles estão se cumprimentando agora. A transação está acontecendo.

Ele ampliou a imagem de uma câmera térmica. Viu o contorno brilhante do diplomata russo entregando um envelope espesso ao norueguês. Em troca, "Fjell" passou um pequeno drive USB. A informação que aquele drive carregava – os blueprints de uma nova instalação naval norueguesa – valia mais do que a vida de qualquer um dos homens naquele armazém. Pelo menos, para os burocratas em Oslo.

Uma parte de Kael, a parte que ainda se lembrava do Bairro da Cruz, revirou-se. Era tudo tão... sujo. A troca de segredos, a traição, o jogo de poder que usava pessoas como peões. Ele se forçou a respirar fundo, reprimindo o surto. Lukas Iversen não se importa. Lukas Iversen cumpre ordens.

– Movimento, – a voz cortante de Sigrid, a atiradora de precisão, soou no rádio, quebrando seu devaneio. – Dois indivíduos armados, flanqueando pela doca 4. Eles não estão no roteiro.

Lukas sentiu um frio que não tinha relação com o clima. Seus dedos voaram sobre o teclado, alternando entre os feeds de câmera. Lá estavam eles: duas sombras se movendo com a eficiência silenciosa de homens treinados. Seguranças pessoais não oficiais de Sokolov. O plano, meticulosamente elaborado, começava a desmoronar antes mesmo de ser executado.

– Identificação? – perguntou Jens, sua voz ainda calma, mas com uma nota de tensão.

– Nenhum registro facial. Armamento: pistolas com silenciadores, provavelmente 9mm. Movimento tático profissional, – Lukas informou, sua mente processando os dados com uma frieza que o assustou. Ele já estava pensando como um operativo, não como um observador.

– Abortar! Sigrid,obre a retirada. Lukas, mantenha a vigilância e prepare o apagão no meu comando, – ordenou Jens.

Mas era tarde demais.

Um dos agentes do PST, um homem novo chamado Erik, tentou se reposicionar atrás de um contêiner. Sua silhueta foi capturada pela luz fraca de um refletor distante. Um dos homens de Sokolov o viu. Não houve aviso. Apenas o phut abafado de um tiro com silenciador,

seguido pelo som de ovo estalando quando a bala atingiu o concreto a centímetros da cabeça de Erik.

O armazém explodiu em caos.

– Tiros! Tiros! – a voz de Erik soou no rádio, um misto de choque e adrenalina.

Lukas viu tudo se desenrolar em sua tela, como um filme de ação de baixo orçamento. Saraivadas de tiros ecoaram, os phuts abafados das pistolas dos russos respondidos pelos estampidos mais altos das armas do PST. Sua missão era clara: vigilância e suporte. Ele estava seguro. Relativamente. Sua arma era o teclado. Sua munição, o código.

Ele focou em tentar ajudar. Acessou o sistema de comunicação dos russos – um canal criptografado que ele já havia comprometido dias antes.

– Eles estão usando o canal 4, frequência 446.075 MHz, – ele informou a Jens. – Estão se comunicando em russo. Dois alvos visuais confirmados. Pedindo reforços.

– Entendido. Mantenha a vigilância, – a resposta de Jens foi entrecortada por mais tiros.

Lukas observou, impotente, enquanto a equipe do PST tentava se reagrupar. Eles estavam em desvantagem numérica e de posição. Então, o pior aconteceu.

Um dos russos, aproveitando a cobertura fornecida por seu parceiro, flanqueou a posição de Jens. Lukas viu na câmera térmica o clarão do tiro. Jens gritou de dor, seu corpo caindo pesadamente atrás de uma pilha de tambores vazios.

– Jens está caído! Repito, líder caído! Ferido na perna, imobilizado! – era a voz de Sigrid, tentando manter a calma, mas o desespero era

palpável. – Eu não tenho linha de tiro. Eles estão se movendo em direção a ele!

Lukas congelou.

O mundo digital desapareceu. As telas, os códigos, os feeds – tudo se tornou irrelevante. Tudo o que existia era a imagem na tela térmica: Jens, arrastando sua perna ferida, tentando se esconder, enquanto dois homens armados se aproximavam, metodicamente, como lobos farejando uma presa ferida.

– Lukas, faça alguma coisa! – a voz de Sigrid era um misto de ordem e súplica.

Faça alguma coisa. As palavras ecoaram no vácuo de sua mente. O que ele poderia fazer? Ele era um hacker. Suas batalhas eram travadas com pacotes de dados e linhas de código, não com balas e sangue. Sua arma mais letal era um script de força bruta.

Seu treinamento de "contra-surpresa" do PST veio à tona, mas de forma crua, não polida. Avalie. Adapte. Aja. Ele não tinha uma arma de fogo. Sua pistola estava trancada em um cofre na sede do PST. Ele era um recurso técnico, não um combatente.

Seus olhos vasculharam a cabine do guindaste, iluminada apenas pela luz azulada de suas telas. Ferramentas. Lixo. Um extintor de incêndio vencido. E então, ele viu. Um pesado teste de carga de bateria de laptop, um bloco de metal preto de meio quilo com um punhado de LEDs quebrados e fios saindo dele. Era o objeto mais sólido e pesado que ele tinha.

Sem pensar, agiu.

Ele arrancou o fone de ouvido, desconectando-se do comando central. O silêncio foi repentina e aterrorizante. Pegou o bloco de

metal, sentindo seu peso sinistro em sua mão. Era uma arma primitiva, tosca, digna de um animal acuado. E era exatamente o que ele era.

A porta da cabine rangeu quando ele a abriu. O ar gelado da noite norueguesa atingiu seu rosto como uma lâmina. Lá embaixo, os tiros continuavam, intermitentes. Ele desceu a escada de ferro enferrujada do guindaste, seus movimentos não a graça fluida de um operativo de campo, mas a furtividade desesperada de um homem que sabia que estava prestes a cometer um erro colossal.

A neve suja e salgada do chão do porto abafou seus passos. Ele se moveu como uma sombra, usando os contêineres como cobertura, sua respiração ofegante formando fantasmas brancos no ar. Cada nervo em seu corpo gritava, cada instinto o ordenava a voltar para a segurança relativa da cabine.

Ele ouviu vozes. Em russo. Baixas, urgentes. E o som arrastado de Jens tentando se mover.

Espiando por uma fresta entre dois contêineres, ele viu a cena. Jens estava encostado em um tambor de óleo, seu rosto pálido e contraído de dor. A perna da sua calça tática estava ensopada de sangue escuro. Os dois russos estavam a uns dez metros, avançando em formação, um cobrindo o outro. Eles estavam quase em cima dele.

O primeiro russo passou por seu esconderijo, sua atenção totalmente focada em Jens. Lukas não pensou. O corpo se moveu sozinho, impulsionado por um impulso que não era coragem, mas puro instinto de sobrevivência tribal. Eles matarão Jens. E então, quem será o próximo?

Ele surgiu das sombras como um fantasma, um predador digital forçado a uma caça primitiva. Seu movimento foi desengonçado, mas a surpresa foi total. Ele agarrou o homem por trás, envolvendo-o

com um braço, e com toda a força que seus músculos de programador conseguiam reunir, atingiu a têmpora do homem com o bloco de metal.

O som foi abafado e horrivelmente orgânico. Um baque úmido, seguido por um grunhido de surpresa e dor que se transformou em silêncio. O corpo do russo ficou mole instantaneamente, suas pernas cedendo. Lukas o segurou por um momento, chocado com a facilidade com que a consciência havia sido apagada, antes de deixá-lo cair na neve suja. O homem não estava morto, mas estava fora de combate.

Foi então que o segundo homem se virou.

Seus olhos, frios e claros, se arregalaram por uma fração de segundo ao ver seu companheiro caído e a figura imprevista de Lukas. Ele ergueu a pistola, o cano negro apontando para o centro do peito de Lukas.

O mundo desacelerou.

Lukas viu o dedo do homem se contrair no gatilho. Viu o cano da arma, um olho redondo e negro prometendo o fim. Não houve tempo para medo, apenas para reação. Ele se jogou para o lado, um movimento desesperado e descoordenado.

Phut!

A bala passou sibilando por onde seu peito estivera um instante antes, ricocheteando no contêiner de aço atrás dele com um ping! estridente que pareceu ecoar por todo o porto.

Lukas caiu no chão, a neve molhando suas roupas instantaneamente. O russo já estava se reorientando, buscando um novo ângulo. Lukas, rolando no chão, viu o bloco de metal escorregar de sua mão e desaparecer na escuridão. Ele estava desarmado.

O russo avançou, seus passos determinados. Lukas conseguia ver seus olhos agora. Não havia raiva, apenas um profissionalismo mortal. Ele era um obstáculo a ser removido.

Lukas se arrastou para trás, suas mãos escorregando na neve e graxa. Sua mente, treinada para resolver problemas complexos, estava em pânico, buscando uma solução, uma vulnerabilidade, um exploit.

O russo estava a dois metros de distância. A pistola apontada para sua cabeça. Era o fim. Ele fechou os olhos, não em oração, mas em resignação. A imagem que veio à sua mente não foi de sua avó, nem do Bairro da Cruz, mas do código-fonte da "Ferramenta Ganância", brilhando em verde em uma tela preta. Era assim que terminava.

Um grito.

Não foi dele. Foi de Jens.

Com um esforço sobre-humano, o líder ferido se jogou contra as pernas do russo. Foi um movimento fraco, desesperado, mas suficiente. O russo tropeçou, o braço com a pistola balançando.

Foi a abertura que Lukas precisava.

Seu instinto de sobrevivência superou o pânico. Ele se lançou para frente, não como um lutador treinado, mas como um animal. Seu corpo atingiu o russo na altura da cintura, e os dois caíram no chão com um baque surdo, rolando na neve suja e gelada.

Era um emaranhado de membros, grunhidos e o cheiro acre de suor e pólvora. O russo era mais forte, mais pesado, com certeza mais treinado para isso. Ele conseguiu se colocar por cima, seus dedos buscando o pescoço de Lukas.

Lukas lutou para respirar. A pressão em sua garganta era enorme. Ele via estrelas. Suas mãos bateram contra os braços do homem, inutilmente. Ele estava perdendo.

Então, seus dedos encontraram algo. O coldre da pistola do homem, vazio. E ao lado, uma faca tática.

Sem hesitar, ele puxou a lâmina. Não era um movimento elegante. Foi um puxão bruto, desesperado. A faca saiu da bainha com um ruído metálico.

O russo viu o movimento e soltou o pescoço de Lukas para agarrar seu pulso. A luta agora era por uma única arma, uma lâmina de dez centímetros que decidiria quem viveria e quem morreria.

Lukas nunca havia segurado uma faca com intenção de ferir alguém. Suas mãos eram feitas para teclados, para a precisão digital. Agora, elas tremiam violentamente, tentando manter o controle sobre o cabo de metal enquanto o russo, com uma força brutal, torcia seu pulso.

A dor foi excruciante. Ele sentiu seus tendões protestarem, seus ossos rangendo. A ponta da lâmina oscilava entre seus rostos, um pêndulo mortal.

Ele olhou nos olhos do homem. Viu a mesma determinação feroz que ele próprio sentira tantas vezes ao enfrentar um firewall complexo. Era um profissional fazendo seu trabalho. E naquele momento, Lukas entendeu: não havia código moral, não havia justiça maior. Havia apenas dois homens numa poça de neve suja, lutando pela vida.

Com um último, desesperado surto de força, ele cedeu à torção, mas ao invés de resistir, ele a guiou. Deixou que o russo levasse a lâmina para longe de seu próprio rosto, mas usou o momentum para enterrá-la no flanco do homem.

O som foi diferente de tudo que ele já ouvira. Um ruído surdo e úmido, seguido por um grunhido de choque e dor que saiu dos lábios do russo. A pressão no seu pulso diminuiu instantaneamente. Os olhos do homem se arregalaram, não com raiva, mas com uma surpresa profunda e quase infantil. Ele olhou para baixo, para o cabo da faca que projetava de seu corpo, como se não conseguisse compreender o que havia acontecido.

Sua força se esvaiu. Ele rolou para o lado de Lukas, ofegante, um som molhado saindo de seus pulmões.

Lukas ficou de joelhos, ofegando, encarando o que havia feito. A adrenalina que o mantivera em pé começou a recuar, e uma náusea avassaladora tomou conta dele. O cheiro de sangue – quente, metálico e intensamente humano – encheu suas narinas. Era um cheiro que ele nunca havia cheirado de perto, um cheiro que os filtros de ar das salas de servidor não podiam reproduzir.

Ele olhou para suas mãos. Estavam vermelhas. A neve ao seu redor estava manchada de rosa. Suas mãos, as mesmas mãos que digitavam códigos que podiam derrubar impérios digitais, agora estavam inchadas, ensanguentadas e dormentes de violência primitiva.

"Lukas."

A voz veio fraca. Era Jens. O líder estava pálido como a neve, mas consciente. Seus olhos, cheios de dor, estavam fixos em Lukas, e havia algo neles que Lukas não conseguia decifrar. Admiração? Pena? Choque?

Lukas não respondeu. Ele não conseguia. Seu corpo inteiro tremia incontrolavelmente, um tremor que vinha das profundezas de seu ser. Ele se levantou, cambaleante, e olhou para o homem que ele havia esfaqueado. O russo ainda respirava, ofegos curtos e irregulares.

Seus olhos estavam abertos, fitando o céu noturno encoberto de Bergen.

Ele havia se tornado aquilo que sempre combatera. Um homem que tirava vidas. A linha que ele jurara nunca cruzar havia não apenas sido cruzada, mas obliterada.

Os passos pesados de botas se aproximaram. A equipe de intervenção principal do PST finalmente chegara. Homens de preto com equipamento pesado cercaram a área, verificando os corpos, cuidando de Jens. A operação estava sob controle.

Sigrid apareceu ao seu lado, seu rifle ainda nas costas. Ela olhou para a cena: os dois russos neutralizados, Jens ferido, e Lukas, em pé no meio do sangue, tremendo como uma folha.

— ...Alvos neutralizados. Jens está a salvo, — ela disse no rádio, sua voz contida. Então, ela se virou para Lukas. — Você está ferido?

Lukas balançou a cabeça, incapaz de formar palavras. Ele não estava ferido fisicamente. Não da maneira que importava.

Ele olhou para a pistola do segundo russo, caída na neve. Sua frieza metálica era uma sensação estranha e repulsiva. Ele se curvou, pegou-a com dois dedos, como se estivesse pegando algo contaminado, e a jogou em um buraco escuro entre as placas de concreto da doca. O som do metal atingindo a água salgada lá embaixo foi quase inaudível.

A viagem de volta à sede do PST foi um borrão. Lukas estava encolhido no banco de trás de um veículo blindado, uma manta térmica envolta em seus ombros, embora ele não sentisse o frio. Sentia apenas um vazio gelado, um vácuo onde outrora existira a certeza de quem ele era.

Ele se olhou no vidro escurecido do carro. O rosto era o mesmo de Lukas Iversen. O cabelo bem cortado, a barba aparada, as roupas

funcionais. Mas os olhos... os olhos eram de Kael. Muito mais velhos. Marcados por uma escuridão que nenhum código poderia iluminar. Eles haviam testemunhado o abismo e, pior, haviam visto seu próprio reflexo nele.

Anders o esperava na garagem subterrânea. O homem de terno não fez nenhum comentário sobre a aparência de Lukas ou suas roupas manchadas. Seu olhar era analítico, quase clínico.

— A operação foi um sucesso tático, — disse Anders, caminhando ao lado de Lukas em direção aos elevadores. — O drive foi recuperado. Fjell está sob custódia. Sokolov será deportado. E você... — ele fez uma pausa, estudando o rosto de Lukas. — Você demonstrou uma versatilidade inesperada.

Lukas não respondeu. O que havia para dizer? Que ele havia descoberto que era capaz de matar? Que a linha entre o justiceiro e o monstro era mais tênue do que ele imaginava?

— Há um debriefing em uma hora, — Anders continuou, seu tom casual, como se discutissem os resultados de um teste de software.
— Tome um banho. Coma algo. Você fez o que era necessário.

O que era necessário. A frase ecoou na mente vazia de Lukas. Era necessário esmagar um crânio com um bloco de metal? Era necessário enterrar uma lâmina nas entradas de outro ser humano? Essas eram as "necessidades" do mundo real que ele agora habitava?

Sozinho em seu quarto espartano na sede do PST, Lukas ficou em pé sob o jato de água quente do chuveiro por muito tempo, esfregando a pele até ficar vermelha, tentando remover a sensação de sangue e o cheiro de morte. Mas sabia que era inútil. Algumas manchas não saíam.

Ele se vestiu com roupas limpas e sentou-se na beira da cama, olhando para suas mãos. Elas estavam limpas agora, as unhas

aparadas, as juntas ainda um pouco inchadas. Eram as mãos de Lukas Iversen, o ativo de elite do PST.

Mas quando ele fechou os olhos, ainda podia sentir o peso do bloco de metal, o impacto surdo contra o osso, a resistência sickening da carne cedendo à lâmina. Ainda podia ouvir o som da respiração do russo se transformando em um suspiro molhado.

Kael, o hacker justiceiro do Bairro da Cruz, estava definitivamente morto. Lukas, o operativo, havia sobrevivido. Mas o preço da sobrevivência era um pedaço de sua própria humanidade, deixado para trás na neve suja de um armazém em Bergen. A última fronteira de sua inocência havia sido cruzada, e não havia volta.

Ele se deitou na cama, olhando para o teto branco e vazio. Pela primeira vez desde que se tornara Lukas Iversen, ele sentiu uma saudade agonizante do quarto escuro e abafado nos fundos da TecnoFix, onde o único perigo era um código mal escrito ou um circuito queimado. Onde o único sangue era o seu, escorrendo de um corte superficial causado por uma peça de metal pontiaguda.

Agora, ele conhecia um tipo diferente de sangue. E essa era uma lição que nunca poderia ser desaprendida.

-0-----

CAPÍTULO 19: A CHAVE-MESTRA

O vento cortante do Mar do Norte assobiava através das frestas do antigo farol convertido em posto avançado do PST. Lukas Iversen, de 29 anos, observava as ondas se chocarem contra as rochas 200 metros abaixo. Seus dedos, que já haviam digitado códigos capazes de derrubar impérios, agora tamborilavam silenciosamente no vidro à prova de balas. Dois anos se passaram desde o combate no armazém de Bergen. Dois anos desde que ele descobrira que poderia matar com as próprias mãos.

Ele já não era mais um ativo problemático. Era uma lenda dentro da organização - o fantasma que Anders havia forjado a partir dos cacos de um justiceiro idealista. Seu escritório não tinha janelas na sede do PST em Oslo, mas ele preferia este farol isolado. Aqui, o barulho do mundo era reduzido ao uivo do vento e ao rugido do mar - uma simplicidade brutal que ecoava seu estado interior.

"Anders está na linha segura." A voz de Sigrid veio atrás dele. Ela era sua ligação operacional preferida - direta, profissional, sem a curiosidade mórbida que outros colegas demonstravam em relação ao "criminoso recrutado".

Lukas acionou seu fone. "Lukas."

"A próxima missão é de prioridade máxima." A voz de Anders era tão lisa e controlada quanto sempre. "O alvo é Valhalla CryptoSolutions. Suspeita de lavagem em escala global. Precisamos de acesso total."

Lukas já estava se movendo em direção às suas estações. "Dados preliminares?"

"Sua identidade será Magnus Thorsen, consultor de segurança norueguês. Eles contrataram nossa empresa-fachada após um ataque de ransomware mês passado."

Enquanto Anders falava, Lukas já iniciara sua preparação mental. Valhalla não era apenas outra exchange de cripto. Era uma fortaleza digital, fundada pelo recluso bilionário Erik "Viking" Halvorsen - um homem que aparecia nas listas de filantropos enquanto construía o maior mecanismo de lavagem de dinheiro do mundo ocidental.

"O objetivo específico é encontrar e extrair seus livros-razão ocultos. A Interpol estima que ele tenha lavado mais de 80 bilhões de dólares para cartéis, grupos terroristas e Estados párias."

Nos dias seguintes, Lukas mergulhou na persona de Magnus Thorsen. Estudou cada pixel da vida do bilionário Halvorsen. O

homem era um paradoxo - promovia conferências sobre ética em blockchain enquanto supostamente lavava recursos para o mesmo cartel que uma vez governara o Bairro da Cruz.

Na noite anterior à infiltração, Lukas não conseguiu dormir. Havia algo na missão que o perturbava em um nível profundo, primal. Talvez fosse o fato de que Halvorsen representava tudo contra o que "Cifra" havia lutado - a corrupção vestida com um terno caro, o crime com passaporte diplomático.

Ele acessou os arquivos mortos do PST, cruzando dados antigos. E então encontrou: em 2018, Halvorsen fizera uma doação de 15 milhões para um fundo de "desenvolvimento comunitário" no Brasil. O fundo era uma fachada para a organização de "Caveira".

Lukas sentiu um frio percorrer sua espinha. Isto era pessoal.

A infiltração começou como qualquer outra operação de alto nível. Lukas, como Magnus, passou por três camadas de verificação antes de chegar à sala de servidores principal da Valhalla no subsolo de um arranha-céu em Oslo. Cada passo era coreografado, cada gesto calculado.

Mas enquanto seus dedos digitavam comandos legítimos de auditoria de segurança, sua mente já mapeava as brechas. Ele identificou o sistema de arquivos oculto dentro de microsegundos - Halvorsen usava uma variação sofisticada de esteganografia, escondendo dados dentro de transações blockchain legítimas.

Foi na terceira noite, durante uma janela de manutenção programada, que Lukas fez sua jogada. Enquanto todo o sistema estava temporariamente offline, ele injetou seu próprio código - um cavalo de Troia que se passava por uma atualização de segurança.

E então encontrou a primeira prova: transferências regulares para contas numeradas nas Ilhas Cayman. Os valores correspondiam

exatamente aos pagamentos que o grupo APT Cerberus recebera durante sua caçada a "Cifra".

Lukas quase perdeu o controle de sua persona. A respiração acelerou. Isto não era apenas uma missão - era a chance de acertar contas com o passado.

Nos dias seguintes, ele pacientemente construiu o caso dentro dos sistemas da Valhalla. Cada transação, cada comunicação criptografada, cada shell company - tudo meticulosamente documentado e copiado para drives ocultos.

Mas foi ao acessar o cofre digital pessoal de Halvorsen que Lukas encontrou a bomba relógio que mudaria tudo.

O arquivo estava oculto atrás de sete camadas de criptografia, protegido por um algoritmo que Lukas reconheceu como uma variação do que ele mesmo desenvolvera como "Cifra". A ironia era cortante.

Dentro do cofre: ordens de execução ativas. E entre elas, uma foto recente de sua avó, Maria, sentada no banco da praça em sua cidade natal. O carimbo de data era de uma semana atrás. A legenda: "Sujeita a eliminação se Cifra ressurgir."

Halvorsen sabia. Sabia que Lukas era Cifra. Sabia que ele trabalhava para o PST. E mantinha sua avó como refém virtual, uma espada sobre sua cabeça mesmo depois de todos esses anos.

Lukas sentiu uma fúria que não experimentava desde seus dias como justiceiro. Mas agora, essa fúria era fria, precisa, letal. Anders e o PST poderiam proteger sua avó, mas dentro de protocolos, com burocracia, com reuniões interministeriais. Enquanto isso, Halvorsen poderia apertar um botão e ela desapareceria.

Foi então que Lukas Iversen tomou sua decisão final. Ele não informaria Anders. Não seguiria protocolos.

O justiceiro e o operativo fundiram-se numa única entidade, mais perigosa do que qualquer uma das partes separadas.

Nos três dias seguintes, Lukas executou a operação mais complexa de sua carreira. Trabalhando simultaneamente como Magnus Thorsen para a Valhalla e como Lukas Iversen para o PST, ele teceu uma rede de tal complexidade que nem Halvorsen nem Anders suspeitaram do duplo jogo.

Ele criou backdoors em cada sistema crítico da Valhalla, preparando o que em seus dias de Cifra chamaria de "O Colapso". Mas agora, com os recursos do Estado norueguês à sua disposição, a escala era astronômica.

Na noite do ataque, Lukas trabalhou do farol, isolado mesmo de Sigrid. Ele iniciou o protocolo às 23:47, horário de Oslo, quando os mercados asiáticos estavam abertos e os americanos dormiam - o momento de máxima liquidez no mundo cripto.

Primeiro, ele drenou silenciosamente as carteiras ocultas de Halvorsen. 4,3 bilhões de dólares em várias criptomoedas fluíram para milhares de wallets fantasmas que ele criara, cada transação mascarada como atividade legítima do mercado.

Depois, veio o golpe de misericórdia. Lukas ativou um worm que se espalhou por toda a rede da Valhalla, corrompendo os livros-razão, expondo as conexões com cartéis, e finalmente, transferindo todo o capital restante - outros 12 bilhões - para contas controladas por agências de combate ao crime organizado em 17 países.

Mas ele reservou para si uma pequena fortuna - 47 milhões de dólares. Não para enriquecer, mas para garantir que nunca mais seria dependente de qualquer sistema, qualquer governo, qualquer organização.

Enquanto o império de Halvorsen desmoronava em tempo real, Lukas executou a parte mais arriscada do plano: forjar sua própria morte.

Usando seu acesso de nível mais alto ao PST, ele criou um registro de missão falhada - Lukas Iversen morto em um incêndio durante uma operação de infiltração na Rússia. Corpo carbonizado além do reconhecimento. DNA "compatível" de amostras que ele plantara.

Ele deixou pistas que levariam Anders a acreditar que Halvorsen descobriria o duplo jogo e ordenaria a eliminação.

Às 04:32, com o sol começando a colorir o horizonte sobre o Mar do Norte, Lukas Iversen deixou de existir. Ele queimou todos os seus documentos, destruiu seus dispositivos, e desapareceu nas sombras pela última vez.

Quarenta e oito horas depois, um homem discreto desembarcava em São Paulo. Não era Lukas, nem Cifra, nem Kael. Era um fantasma com um propósito.

Ele viajou por terra, evitando câmeras, usando estradas secundárias. Quando finalmente chegou à cidade onde nascera, observou a casa de sua avó por um dia inteiro, certificando-se de que não havia vigilância.

Maria, agora com 78 anos, estava no quintal, regando suas orquídeas como fazia todas as manhãs há décadas. Quando viu o neto que julgava morto, a mangueira caiu de suas mãos.

"Kael?" O nome saiu como um suspiro, um som que ele não ouvia há sete anos.

Ele não a abraçou imediatamente. Primeiro, fechou os portões, verificou todas as janelas. Depois, ajoelhou-se diante dela, pegou suas mãos calejadas e disse as únicas palavras que importavam:

"Acabou, vó. Eu vim te buscar."

Não houve explicações longas. Não havia tempo. Ele a ajudou a empacotar o essencial - fotos, documentos, as orquídeas que ela não abandonaria. Em duas horas, estavam na estrada.

Enquanto dirigiam para o aeroporto em uma cidade vizinha, Maria quebrou o silêncio.

"Eu sempre soube que você estava vivo, meu menino. Sempre soube."

Kael - porque agora ele era Kael novamente - olhou para ela pelo retrovisor. "Como?"

"Uma mãe sabe. Uma avó também." Ela acariciou a foto desbotada do neto adolescente que guardara na bolsa. "Você parou o mal?"

Ele pensou em Halvorsen, cujo império desmoronava naquele momento. Pensou no dinheiro que redirecionara para instituições de caridade. Pensou na avó, agora segura ao seu lado.

"Parei um pouco dele, vó. Só um pouco."

No aeroporto, ele usou passaportes que preparara meses antes, identidades que nem o PST conhecia. Dois cidadãos islandeses, avó e neto, em viagem turística.

Quando o avião decolou, Kael olhou pela janela pela última vez para a terra onde nascera. Não sentiu nostalgia, apenas um fechamento. Um ciclo que finalmente se completava.

Enquanto sua avó dormia ao seu lado, ele acessou discretamente um terminal portátil. Verificou as transferências - os 47 milhões estavam seguros, espalhados por tantas contas que seriam impossíveis de rastrear.

Mas também verificou as doações automáticas que programara - 5 milhões para o hospital que cuidara de Miguel anos atrás, 10 milhões para a associação de moradores do Bairro da Cruz, fundos para educação, para infraestrutura, para esperança.

Ele não era um herói. Sabia disso. Heróis não forjavam suas próprias mortes, não roubavam mesmo que para causas nobres, não mentiam para aqueles que os protegiam.

Mas talvez fosse algo mais raro: um homem que, depois de se perder completamente, encontrou o caminho de volta para casa.

A Nova Zelândia apareceu abaixo deles como um sonho verde e azul. Montanhas cobertas de neve dando lugar a praias intocadas. Kael acordou sua avó.

"Olhe, vó. Nossa novo começo."

Ela olhou pela janela, seus olhos idosos cheios de lágrimas, mas também de uma paz que Kael não via desde sua infância.

"É lindo, meu menino. Como o paraíso."

Quando aterrissaram, foram recebidos por um sol suave e ar puro. Kael já tinha tudo preparado - uma casa modesta em uma cidade costeira pequena, mobiliada, com um jardim perfeito para orquídeas.

Naquela noite, enquanto sua avó se acomodava em seu novo quarto, Kael sentou na varanda e olhou as estrelas do hemisfério sul. Pela primeira vez em uma década, não havia inimigos para caçar, nem sistemas para hackear, nem identidades para manter.

Havia apenas o som do mar, o cheiro da salvia noturna, e o silêncio abençoado de uma mente finalmente em paz.

O código estava escrito. A vingança findara. E em seu lugar, sobrara apenas a simples, preciosa possibilidade de viver.

Este capítulo de 12 páginas estabelece o clímax emocional e narrativo da jornada do Kael, combinando ação técnica complexa com profundidade psicológica e fechamento emocional. O próximo e

último capítulo mostrará o epílogo de sua nova vida na Nova Zelândia.

Posso prosseguir para o Capítulo 20 ou você gostaria de ajustes neste?

CAPÍTULO 20: O CÓDIGO DA PAZ

O amanhecer na Baía das Ilusões chegava como uma promessa silenciosa. As primeiras luzes do sol pintavam de ouro as águas calmas do Pacífico, enquanto as gaivotas anunciam um novo dia com seus chamados agudos. Na varanda de uma casa modesta de madeira branca, um homem que agora se chamava Levi observava o ritual diário do nascer do sol.

Dois anos se passaram desde que chegara à pequena cidade costeira neozelandesa. Dois anos de silêncio, de paz conquistada a duras penas. Seus cabelos, agora mais longos e com alguns fios grisalhos nas têmporas, balançavam suavemente com a brisa marinha. As mãos que uma vez dançaram sobre teclados em salas escuras agora seguravam uma xícara de chá de camomila.

"Dormiu bem, vovó?" sua voz era suave, diferente do tom monocórdico de Lukas ou do sussurro urgente de Cifra.

Maria apareceu na porta, envolvida em um roupão colorido. Aos oitenta anos, seus passos eram mais lentos, mas seus olhos guardavam a mesma lucidez que sempre a caracterizara. "Como um anjo, meu menino. O ar deste lugar cura até os sonhos pesados."

Enquanto preparavam o café da manhã juntos - algo que se tornara seu ritual sagrado - Levi permitiu-se, não pela primeira vez, contemplar o milagre comum de sua nova vida. A oficina de informática que abriria na cidade prosperava modestamente.

Consertava computadores para pescadores, ajudava pequenos negócios com seus sistemas, dava aulas de programação para as crianças locais.

Nenhum deles sabia que o homem quieto que lhes ensinava Python havia uma vez derrubado um império bilionário. Para a comunidade, Levi era apenas o técnico estrangeiro gentil que cuidava de sua avó com devoção tocante.

"Tem aula hoje com as crianças?" Maria perguntou, espalhando manteiga em uma torrada.

"Às duas. Vão apresentar seus projetos de jogos." Um sorriso genuíno iluminou seu rosto. "A pequena Emma criou um jogo sobre proteção ambiental."

Enquanto falava, parte de sua mente - a parte que sempre permaneceria Kael - monitorava passivamente os canais de segurança que estabelecera. Câmeras ocultas na propriedade, sensores de movimento, alertas automatizados que varriam bancos de dados globais por qualquer menção aos seus antigos nomes ou ao rosto de sua avó.

A tarde na oficina "Bay Computing" fluía com a calma habitual. Levi ajudava um pescador idoso a recuperar fotos de seu neto de um disco rígido corrompido quando o sino da porta anunciou uma nova chegada.

Um homem de terno, claramente não local, entrou na loja. Os instintos de Levi dispararam imediatamente, mas sua expressão permaneceu neutra enquanto avaliava discretamente a possível ameaça.

"Posso ajudá-lo?"

O homem sorriu, mostrando um cartão de identificação. "David Chen, Departamento de Inovação Tecnológica de Wellington. Estamos

visitando pequenas empresas para oferecer subsídios governamentais."

Enquanto Chen explicava o programa, Levi analisava cada microexpressão, cada movimento. Não havia a rigidez característica de um operativo, nenhum dos sinais sutis que delatavam um profissional.

Ainda assim, quando Chen partiu após vinte minutos de conversa cordial, Levi passou as três horas seguintes verificando meticulosamente sua história, invadindo discretamente os servidores governamentais para confirmar cada detalhe.

A paranoia era um hábito que morria lentamente - se é que algum dia morreria completamente.

Naquela noite, enquanto ajudava sua avó a regar o jardim, ela quebrou o silêncio que ele mantinha desde a visita.

"Ele era um deles?"

Levi parou, a mangueira still em sua mão. "Quem?"

"O homem de hoje. Ele era dos que você temia?"

Ele hesitou, mas sabia que mentir para ela era inútil. Maria sempre soubera ler ele melhor que ninguém.

"Não. Era apenas um funcionário do governo."

Ela assentiu, seus dedos idosos acariciando as pétalas de uma orquídea. "O passado é como essas flores, meu menino. Precisa de cuidado, mas não pode sufocar o novo crescimento."

Foi então que ela fez algo inesperado. Caminhou até seu quarto e voltou com uma velha caixa de metal.

"Guardei isso para você. Para quando você estivesse pronto."

Dentro da caixa, Levi encontrou fotografias de sua infância, suas primeiras anotações de código escritas à mão, e - o que mais o comoveu - o pequeno pingente em forma de cifra que ele usara nos primeiros dias como Cifra.

"Por que guardou isso, vó? Poderia ter sido perigoso."

"Porque era parte de você," ela disse simplesmente. "E não podemos nos tornar completos negando nossas partes."

Naquela noite, sentado sozinho na varanda com o pingente na palma da mão, Levi confrontou pela primeira vez todas as suas encarnações: Kael, o menino brilhante; Cifra, o justiceiro; Lukas, o operativo; e agora Levi, o homem em paz.

Cada identidade deixara suas cicatrizes, mas também seus presentes. A compaixão de Kael, a determinação de Cifra, a disciplina de Lukas - todas convergiam para o homem que agora era.

Uma semana depois, durante suas aulas com as crianças, Emma, de nove anos, fez uma pergunta que ecoaria em sua mente por dias.

"Professor Levi, como você sabe qual é o código certo para escrever?"

Ele olhou para as faces expectantes das crianças, então para as mãos que tinham causado tanto caos e agora ensinavam criação.

"O código certo," ele disse lentamente, "é aquele que constrói em vez de destruir. Que ajuda em vez de machucar. A tecnologia é apenas uma ferramenta - o que importa é a intenção por trás dela."

Naquela noite, uma ideia começou a tomar forma em sua mente. Usando identidades digitais ainda mais profundas do que qualquer uma que criara antes, ele começou a trabalhar.

Não era um projeto de vingança ou justiça, mas de redenção ativa.

Criou uma fundação anônima - "The Cipher Legacy" - que começou a financiar silenciosamente projetos em todo o mundo: bolsas de estudo para jovens de comunidades carentes aprenderem programação ética, fundos para vítimas de crimes cibernéticos, recursos para comunidades como o Bairro da Cruz.

Cada transferência era impossível de rastrear, cada doação cuidadosamente planejada para evitar atenção. Era o oposto completo de seus dias como Cifra - em vez de destruir o mal, ele construía o bem.

Seis meses depois, enquanto verificava os relatórios da fundação, encontrou uma notícia que o fez congelar: Anders, seu antigo controlador no PST, havia se aposentado abruptamente. O artigo mencionava "reações a certas operações não ortodoxas durante seu comando".

Levi sorriu pela primeira vez com genuíno afeto ao pensar no homem que o transformara em uma arma, mas também lhe dera as ferramentas para sua redenção final.

O verdadeiro teste de sua nova vida veio em um domingo chuvoso. Enquanto ajudava na feira local, uma mulher reconheceu Maria - não como a avó de Levi, mas como a avó de Kael, do Brasil.

"Maria? É você? Mas como..."

O pânico que Levi sentiu foi visceral, primitivo. Todos os seus protocolos de segurança dispararam simultaneamente. Em segundos, ele avaliou rotas de fuga, identidades de backup, planos de contingência.

Mas então viu sua avó. Em vez de medo, ela mostrava uma calma serenidade.

"Sim, sou eu, Amélia. Vim morar com meu neto. A vida nos traz para lugares inesperados, não é?"

Enquanto as duas mulheres conversavam sobre velhos tempos, Levi percebeu que estava segurando a barraca de frutas com tanta força que seus dedos branquearam. Soltou-a lentamente, respirando fundo.

Pela primeira vez, ele não se preparou para fugir. Em vez disso, começou a construir uma história coerente - uma que explicasse sua presença sem levantar suspeitas. Uma nova identidade, não para se esconder, mas para pertencer.

Naquela noite, ele e Maria tivera a conversa mais importante desde sua chegada.

"Estou cansada de esconder, meu menino," ela disse, suas mãos envolvendo as dele. "Vivi o suficiente para saber que uma vida com medo não é vida."

Ele olhou para ela, para os olhos que testemunharam quase um século de história, e entendeu. A verdadeira liberdade não era desaparecer completamente - era construir uma vida que valesse a pena ser vivida, mesmo com riscos.

Nos meses seguintes, Levi começou a se envolver mais profundamente com a comunidade. Organizou um programa de mentoria para jovens interessados em tecnologia, ajudou a modernizar o sistema da biblioteca local, até se juntou ao conselho comunitário.

Cada conexão era um risco calculado, mas também um ato de fé - fé de que talvez, finalmente, pudesse merecer a paz que encontrara.

Um ano depois, em uma noite clara de verão, enquanto observavam as estrelas da varanda, Maria fez a pergunta que ambos evitavam.

"Você sente falta? Da emoção? Do poder?"

Levi pensou por um longo momento antes de responder. "Sinto falta de algumas pessoas. De Jens, que salvamos em Bergen. De Sigrid, minha parceira no PST. Até de Anders, de certa forma."

Ele fez uma pausa, buscando as palavras certas. "Mas não sinto falta da guerra. Descobri que construir é muito mais desafiador que destruir. Qualquer um pode quebrar um sistema - leva uma vida inteira para construir algo que valha a pena ser protegido."

Maria assentiu, satisfeita. "Você se tornou o homem que eu sempre soube que poderia ser."

Na manhã seguinte, Levi recebeu um e-mail criptografado através de um canal que pensara estar morto. Era de Sigrid.

"Lukas - sei que você está vivo. Anders sempre soube também. Ele se aposentou para protegê-lo. O PST fechou o caso. Você está livre. De verdade desta vez."

A mensagem continha apenas mais três palavras: "Fique em paz."

Pela primeira vez em uma década, Levi - Kael - Lukas - Cifra - chorou. Não de tristeza ou alívio, mas de aceitação final.

O inverno seguinte trouxe desafios diferentes. Maria adoeceu, e os dias de Levi foram dedicados a seu cuidado. Enquanto a acompanhava em consultas médicas, administrava sua medicação e lia para ela nas noites frias, ele descobriu um novo tipo de coragem - não a coragem de enfrentar inimigos, mas a de aceitar a inevitabilidade do amor e da perda.

Em uma de suas noites mais claras, Maria pegou sua mão. "Quando eu partir, prometa que continuará vivendo. Não desapareça novamente. Esta comunidade precisa de você. Essas crianças precisam de você."

Ele prometeu, sabendo que desta vez manteria sua palavra.

Quando ela partiu pacificamente em seu sono algumas semanas depois, Levi cumpriu sua promessa. Continuou suas aulas, sua oficina, seu trabalho na comunidade. A dor da perda era profunda, mas limpa - diferente das feridas sujas de seu passado.

Um dia, enquanto organizava as coisas de Maria, encontrou uma carta que ela deixara para ele.

"Meu querido menino," começava a carta, na caligrafia firme que ele conhecia tão bem. "Se está lendo isto, significa que finalmente entendemos que a vida não é sobre esconder, mas sobre encontrar. Você passou tanto tempo sendo outras pessoas que esqueceu como ser você mesmo. Mas eu sempre o vi - o menino gentil que consertava coisas não porque precisava, mas porque amava ver as coisas funcionando novamente."

"O mundo te deu muitas razões para endurecer seu coração, mas você escolheu mantê-lo mole. Isso é a verdadeira coragem. Continue construindo, meu amor. Continue ensinando. E quando encontrar alguém que mereça conhecer sua verdade, não tenha medo de compartilhá-la. Todo código precisa de um propósito, e todo coração precisa de um lar."

A carta terminava com uma simples assinatura: "Sua avó, que sempre acreditou."

Naquela noite, Levi fez uma fogueira na praia e queimou o pingente de Cifra. Não como rejeição de seu passado, mas como aceitação de que aquela parte de sua vida finalmente findara.

O epílogo de sua história não estava em grandes gestos ou batalhas épicas, mas nos pequenos momentos que compunham uma vida comum extraordinária.

Nos anos que se seguiram, Levi continuou sendo o professor amado, o técnico confiável, o membro valioso de uma comunidade que nunca soube que abrigava uma lenda das sombras.

Odin, seu pastor alemão, latiu suavemente enquanto ele fechava a oficina ao final do dia. As luzes da cidadezinha começavam a acender, pontilhando a escuridão que se aproximava com pontos de calor humano.

Enquanto caminhava para casa, uma de suas ex-alunas, agora uma jovem desenvolvedora de software, correu para alcançá-lo.

"Professor Levi! Consegi o emprego! Vou trabalhar na equipe de cibersegurança do governo."

Ele sorriu, um sorriso que chegava até seus olhos. "Lembre-se, Emma - a verdadeira segurança não está em construir paredes mais altas, mas em garantir que ninguém precise derrubá-las."

E naquele momento, sob o céu estrelado da Nova Zelândia, o homem que fora Kael entendeu que o código final - o código da paz - não era algo que se escrevesse com teclados ou algoritmos. Era escrito com cada escolha de compaixão, cada ato de construção, cada momento de coragem comum.

O justiceiro encontrou seu descanso. O operativo aposentou suas armas. E o homem, finalmente, encontrou seu lar.

O código estava completo.

Fim.